

Março, 2012

IV SÉRIE - Nº 26

TRIMESTRAL

Macau

CHINA COM SOTAQUE BRASILEIRO

A força de uma comunidade
que não para de crescer

Cinema

MIGUEL GONÇALVES MENDES
FILMA MACAU

Integração regional

O FUTURO NO CORRER
DO RIO DAS PÉROLAS

Perfil

ANTÓNIO CONCEIÇÃO JÚNIOR





Momentos Encantadores

*Vistas magníficas, hotéis sumptuosos e
instalações contemporâneas...
usufrua de um ambiente romântico que o vai
impressionar e cativar para que regresse
vezes sem conta.*

MOMENTOS MEMORÁVEIS

SENTIR **MACAU**



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macautourism.gov.mo

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto, Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADEGabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau**ENDEREÇO**Avenida da Praia Grande, n° 762 a 804
Edif. China Plaza, 15° andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**Delta Edições, Lda.
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601**EDITOR**

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Filipa Queiroz

Vanessa Amaro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Rita Ferreira

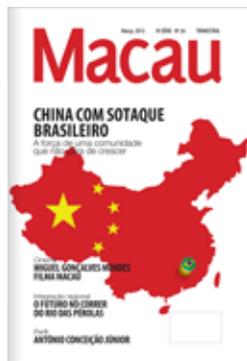
KauTim - Productive Creations, Ltd

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO WEB

Isabel Abreu

COLABORAM NESTA EDIÇÃO:**Texto:** Ana Paula Dias, Catarina Domingues, Filipa Queiroz, Hélder Beja, Joana Freitas, José Simões Morais, Marta Curto (Moçambique), Vanessa Amaro, Vera Penêda (Pequim). **Fotografia:** António Mil-Homens, A. Vale da Conceição, Carmo Correia, Gonçalo Lobo Pinheiro, Hede Gang (Pequim), Ricardo Franco (Moçambique), Wang Zi (Pequim).**Ilustração:** Rui Rasquinho**TRADUÇÃO:** Ina Chiu**ILUSTRAÇÃO DA CAPA:** Rita Ferreira**ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE**Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial “First International”
14° andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com**IMPRESSÃO:** Tipografia Welfare, Macau**TIRAGEM:** 3 000 exemplares**ISSN: 0871-004X****ANGOLA:** AOA 2,595.00 | **BRASIL:** BRL 48.00**CABO VERDE:** CVE 2,336.00 | **GUINÉ-BISSAU:** XOF 14,080.00**MACAU:** MOP 100.00 | **MOÇAMBIQUE:** MZM 737.00**PORTUGAL:** EUR 21.00 | **S.TOMÉ E PRÍNCIPE:** STD 517,166.00**TIMOR-LESTE:** USD 21.00 | **RESTO DO MUNDO:** USD 28.00**(PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL)**

Macau



Dongguan é uma das 21 subdivisões administrativas da província de Guangdong. O facto de ser classificada, na língua chinesa, como shi (市), leva a que nos textos em línguas ocidentais seja designada como “cidade”, o que é a tradução directa do carácter.

Todavia, a região de Dongguan (東莞市), é muito mais do que uma cidade, em sentido convencional, e é suficientemente grande para abrigar uma população de mais de sete milhões de pessoas.

Como se pode verificar no mapa que publicamos na página 60 desta edição, Dongguan faz fronteira com Cantão (a norte) e a zona económica especial de Shenzhen (a sul) e é uma das nove “cidades” da região do Delta do Rio das Pérolas a que se referem as muito faladas *Linhas Gerais do Planeamento para a Reforma e Desenvolvimento da Região do Delta do Rio das Pérolas 2008-2020*.

Foi aí – a duas horas de Macau – que a nossa reportagem foi encontrar uma inesperada comunidade brasileira de pelo menos 3500 pessoas. E, como se pode ler nas páginas que se seguem, este não é o único exemplo da múltipla presença de língua portuguesa em território chinês.

Como comenta o cônsul-geral do Brasil em Cantão, Kywal de Oliveira, a propósito da participação de milhares de empresários brasileiros na Feira que se realiza duas vezes por ano na capital de Guangdong: “A China é um fenómeno de crescimento, facto ao qual não se pode ser indiferente, sob pena de perder-se o passo em relação à História”.

LUÍS ORTET

ÍNDICE

O MILAGRE DE DONGGUAN

Retrato de uma grande comunidade brasileira, 12

Vanessa Amaro

O RECORDE PORTUGUÊS

Os nove portugueses de Dongguan, 25

Vanessa Amaro

LUSOFONIA EM PEQUIM

Samba com batucada chinesa, 28

Vera Penêda

DESPORTO

Futebol lusófono marca golos na China, 34

Vera Penêda

12.º ANIVERSÁRIO DA RAEM

As fotos de uma comemoração multicultural, 40

Gonçalo Lobo Pinheiro

CONDECORAÇÕES

Vidas de mérito, 52

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS

A primeira visita de Chui Sai On à União Europeia, 54

COOPERAÇÃO REGIONAL

A força do Delta do Rio das Pérolas, 58

Joana Freitas

INTEGRAÇÃO EM FOCO

Alexis Tam fala da importância do Delta, 63

Joana Freitas

FESTIVAL LITERÁRIO DE MACAU

O encontro de todas as letras, 66

Hélder Beja

LITERATURA

Escrever Macau, 72

Ana Paula Dias

TAIWAN

Uma livraria que nunca dorme, 78

Hélder Beja

MOÇAMBIQUE

Malangatana, um ano depois, 84

Marta Curto

CULTURA CHINESA

Tudo sobre o I Ching, 92

José Simões Morais

PERFIL

António Conceição Júnior, 104

Germano Almeida

SECÇÕES

Aconteceu, 6

Átrio, 114

Cartaz, 120

Memórias, 128

HISTÓRIAS DE VIDA E DE SAPATOS

Mais de 3500 brasileiros fizeram do calçado e do couro o seu sonho chinês. Na cidade de Dongguan, na Província de Guangdong, ouviu-se português com sotaque brasileiro a cada esquina.

p. 18

UM ANO APÓS A MORTE DE MALANGATANA

O mestre Malangatana largou o pincel há um ano. O seu sonho está silencioso, mas não morto, porque há quem continue a lutar por ele em Moçambique.

p. 84

COMBATENTE DE AFECTOS

António Conceição Júnior, artista multifacetado, diz que é na força dos afectos que mais acredita. Em Macau escolheu uma certa reclusão para construir a sua própria utopia.

p. 104

UM CADERNO DE VIAGEM QUE COMEÇA EM MACAU

O realizador português Miguel Gonçalves Mendes e os escritores brasileiros João Paulo Cuenca e Tatiana Salem Levy fazem uma versão moderna de um diário de viagem. O ponto de partida é Macau.

p. 114

*** RECTIFICAÇÃO**

Num artigo sobre os diplomatas lusófonos na China, publicado na nossa edição de Dezembro do ano passado, o embaixador do Brasil na República Popular da China, Clodoaldo Huguene, é erradamente apresentado como “cônsul-geral” em Pequim.

* Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da Revista Macau.

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

o **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



— Desde 1902 —

Macau

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA MACAU



delta edições

ONDE PODE ENCONTRAR A REVISTA MACAU

PORTUGAL

Lisboa

Centro de Promoção
e Informação Turística
de Macau em Portugal

Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM
Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c
1069-204 Lisboa
Tel: +(351) 217 936 542

Delegação Económica e Comercial de Macau

Av. 5 de Outubro, 115 – 4º
1069-204 Lisboa

BELGICA

Macao Economic and Trade Office to the E.U.

Avenue Louise, 480
1050 Bruxelles - Belgium

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São D'Somingos, 18-22
Tel: +(853) 28 556 442

Livraria S.Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: +(853) 28 323 957

Plaza Cultural

Av. Conselheiro Ferreira de Almeida, 32

Café Caravela

Pátio do Comandante Mata e Oliveira, 29

Pizza & Companhia

Av. Ouvidor Arriaga, 79/79A

Jade Garden Magazines Stall

Av. da Praia Grande S/N

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 2,595.00 | BRASIL: BRL 48.00

CABO VERDE: CVE 2,336.00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 14,080.00

MACAU: MOP 100.00 | MOÇAMBIQUE: MZM 737.00

PORTUGAL: EUR 21.00 | S.TOMÉ E PRÍNCÍPE: STD 517,166.00

TIMOR-LESTE: USD 21.00 | RESTO DO MUNDO: USD 28.00

www.revistamacau.com

Se deseja ser assinante da revista **MACAU** (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,

Edf. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau

Email: contacto@revistamacau.com Tel: +853 2832 3660 Fax: +853 2832 3601

NOME: _____

MORADA: _____

TELEFONE: _____ FAX: _____

EMAIL: _____

Não inclui portes de correio.



Santa Casa amplia museu

A Santa Casa da Misericórdia de Macau inaugurou em Dezembro a extensão do seu Núcleo Museológico, depois de uma série de obras de remodelação para ampliar o espaço, que se tornou pequeno para os 200 visitantes diários. Ao todo estão expostas mais de 500 peças de arte, quase todas da coleção pessoal de António José de Freitas, provedor da instituição. Na nova sala, estão 120 obras pela primeira vez em exibição - entre elas uma peça rara do Sagrado Coração de Jesus, de porcelana com pintura policromada, que ultrapassa um metro de altura.

Museu de Macau compra pedras da antiga cadeia

Dois pedras da fachada da antiga prisão de Macau, com o brasão de armas português cravado, foram compradas pelo Museu de Macau a um funcionário do governo da Região, em Dezembro, por cerca de 100 mil patacas. As pedras - uma com a inscrição do brasão de armas português e outra com a data da inauguração da prisão - “Anno de 1912” - faziam parte da fachada da Cadeia Pública de Macau, construída entre 1906

500.000

milhões de patacas é quanto a PricewaterhouseCoopers prevê que os casinos de Macau arrecadem em receitas brutas anualmente a partir de 2015. O número é duas vezes superior ao alcançado em 2011

e 1910, e estiveram na posse do funcionário da Administração Pública e agora vendedor ao Museu de Macau, Pak Fok Tong, durante mais de quatro anos.

Acordo abre mais portas da China na área do comércio e investimento

O Governo de Macau e o Governo Popular Central assinaram, a 14 de Dezembro, o Suplemento VIII ao Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o Interior da China e Macau (CEPA, na sigla inglesa) que se traduzirá num reforço da cooperação bilateral. O aditamento ao CEPA, firmado pelo vice-ministro do Comércio da China, Jiang Yaoping, e o secretário para a Economia e Finanças de Macau, num acto testemunhado pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On, prevê, a partir de 1 de Abril de 2012, o alargamento do âmbito da liberalização nos domínios do comércio de serviços e da facilitação de comércio e investimento.

Imposto sobre tabaco sobe 150%

Os deputados da Assembleia Legislativa aprovaram, em Dezembro, por unanimidade uma proposta de lei que prevê um agravamento de 150 por cento do imposto sobre o tabaco. A alteração à tabela anexa ao Regulamento do Imposto de Consumo estabelece que a taxa correspondente a cada cigarro passa de 0,20 para 0,50 patacas, ou seja, por cada maço de 20 cigarros passarão a ser cobradas dez patacas em vez das até então quatro.

Antigo Governador morreu em Lisboa

O ex-chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas de Portugal e antigo Governador de Macau, general Melo Egídio, morreu em Lisboa, no dia 7 de Dezembro, aos 89 anos. Nuno Viriato Tavares de Melo Egídio foi governador de Macau entre 1979 e 1981, sucedendo a Garcia Leandro, e chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas entre 1981 e 1984, sucedendo a Ramalho Eanes.



Cinco séculos de mapas em livro

Uma compilação de mapas históricos portugueses e chineses vai dar origem a uma edição trilingue sobre "a emergência e o desenvolvimento" de Macau durante cinco séculos, a lançar em Abril por um professor da Universidade Baptista de Hong Kong. Em preparação há cinco

anos, o livro *Macau através de 500 anos: Emergência e desenvolvimento de uma cidade não típica chinesa*, relata desde a chegada dos portugueses à afirmação do território enquanto *hub* das trocas comerciais e culturais entre o Ocidente e o Oriente, até à evolução para a capital mundial do jogo dos dias de hoje, através de mapas e coordenadas numéricas.

Cresce interesse em aprender português

O interesse pelo português enquanto língua de utilidade económica está a crescer em Macau, segundo o presidente do Instituto Português do Oriente (IPOR), ao frisar "os sinais positivos" dados pelo Governo da Região e da China. O aumento do interesse na língua portuguesa em Macau está patente nos números, conforme observado pelo presidente do IPOR: "Em 2010, no nosso curso geral, tínhamos 770 alunos no total dos 10 níveis. Em 2011, tivemos 1150 alunos".

6000

correram na 30.^a edição da Maratona Internacional de Macau nas suas três provas, no início de Dezembro. Os quenianos dominaram a maratona

Politécnico inicia parceria para doutoramentos em português

Dois cursos de doutoramento em Língua e Cultura Portuguesa e Administração Pública organizados pela Universidade de Lisboa em colaboração com o Instituto Politécnico de Macau arrancaram em Janeiro com cerca de 15 alunos cada. Ministrados em português, os cursos são os primeiros doutoramentos do Instituto Politécnico de Macau, sendo os programas científicos da responsabilidade da Universidade de Lisboa.

Grande Prémio com receitas recorde

O 58.º Grande Prémio de Macau, que teve lugar entre os dias 17 e 20 de Novembro, terminou com novos recordes de receitas que se traduziram num encaixe de 36 milhões de patacas. Apesar da instabilidade do tempo durante o Grande Prémio, em que se disputaram três corridas principais e quatro de suporte no circuito da Guia, os motores atraíram 65 mil espectadores. Na edição de 2011, participaram 226 pilotos de 34 países e regiões, incluindo 60 locais. O evento foi promovido internacionalmente, tendo sido assegurada a cobertura por mil profissionais provenientes de 243 órgãos de comunicação social.

Jovens macaenses no estrangeiro reúnem-se em Abril

Pelo menos 30 jovens macaenses da diáspora vão deslocar-se no próximo mês a Macau para cimentar raízes e conhecer as oportunidades que a Região lhes oferece durante o segundo encontro de jovens da comunidade. A iniciativa, que terá lugar entre 8 e 14 de Abril, deverá contar com a participação de, pelo menos, três representantes de cada uma das 11 Casas de Macau espalhadas pelo mundo, designadamente Portugal, Brasil, Canadá, Estados Unidos e Hong Kong, ou seja, pelo menos, 33 jovens. Depois da edição de 2009 ter estado a cargo do Conselho das Comunidades Macaenses, o encontro está este ano, pela primeira vez, a ser organizado por um grupo de 14 jovens macaenses.

Um ano inesquecível para Chui Sai On

"Foi um ano inesquecível e repleto de desafios", disse o Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, na sua mensagem de Ano Novo. Segundo o líder do Governo, o Executivo tem cumprido o que está estipulado nas Linhas de Acção Governativa e está satisfeito "com o facto de Macau ter registado um desenvolvimento económico estável ao longo do ano".



O Chefe do Executivo, Chui Sai On, juntou-se à 28.ª Marcha da Caridade por Um Milhão no dia 11 de Dezembro, uma iniciativa que visa recolher apoios para serem enviados às vítimas de calamidades naturais no Interior da China.

Presidente elogia desenvolvimento

O Presidente Hu Jintao, bem como o primeiro-ministro Wen Jiabao, deram nota positiva ao desempenho do Governo da RAEM durante o ano de 2011. Para o

Governo Central, os trabalhos desenvolvidos pelo Governo da RAEM em 2011 tiveram um impacto positivo na melhoria da qualidade de vida da população.

Procura por notas do Dragão duplicam emissão

O Governo de Macau teve de autorizar, em Janeiro, o aumento da quantidade de notas comemorativas do Ano Novo Chinês, permitindo o dobro da emissão que sobe para 40 milhões de notas com valor facial de dez patacas.



Terminal do Porto Exterior mantém-se por mais cinco anos

O Terminal Marítimo da península de Macau não vai mudar de localização nos próximos cinco anos. Essa foi uma garantia deixada, em Janeiro, pela directora da Capitania dos Portos. Susana Wong afirmou que “nos próximos cinco anos não vai haver nenhuma mudança em termos de funcionamento e nova localização”.

Fundação Oriente deixa de subsidiar Escola Portuguesa

Ano de 2012 vai ser o último em que a Fundação Oriente vai subsidiar a Escola Portuguesa de Macau. Carlos Monjardino, presidente da Fundação, adiantou que este ano o estabelecimento de ensino vai receber um subsídio de 100 mil euros.

Crimes graves aumentam

Número de processos instaurados pela Polícia Judiciária (PJ) aumentou 7,22 por cento no último ano, para 10.613. Os crimes graves subiram quase todos em relação a 2010, com destaque para quatro homicídios - o dobro do ano anterior - e para os 2.064 furtos (mais 573). A PJ registou ainda 49 casos de extorsão, num aumento de 25 face a 2010. Nos casos de roubo verificou-se igualmente uma subida, desta feita de 11, para um total de 163.



894.000

turistas passaram por Macau durante as festividades do Novo Ano Lunar

Stanley Ho sai da lista dos 40 mais ricos

O magnata do jogo Stanley Ho saiu este ano da lista das 40 maiores fortunas de Hong Kong, da revista *Forbes*, cedendo o lugar, após a reestruturação do seu império, à filha Pansy Ho e à mulher Angela Leong. Stanley Ho, de 90 anos, afastou-se em 2009 dos negócios do império que construiu no último meio século devido a um alegado traumatismo que o confinou a uma cadeira de rodas e iniciou a partilha de bens entre as suas quatro famílias.

Número de trabalhadores não residentes acima dos 94 mil

No final de Dezembro, Macau contava com 94 mil trabalhadores não residentes (TNR). De acordo com dados do Gabinete para os Recursos Humanos, em finais de 2011 a maioria dos trabalhadores não residentes – mais de 55 mil – é oriunda do Interior da China e trabalha sobretudo nos hotéis, restaurantes e similares.

Obras para linha férrea lançadas este ano

A construção da linha ferroviária que vai ligar Cantão a Zhuhai e Macau arranca no fim deste ano, segundo o governador da Província de Guangdong. Zhu Xiaodan esteve em Macau em Fevereiro e deixou várias sugestões para que a cooperação entre as partes ganhe novos contornos.



Foto: Joaquim Magalhães de Castro

Livros produzidos em Macau chegam ao Brasil

A editora Livros do Meio, do jornalista Carlos Moraes José, vai chegar ao Brasil. A porta foi aberta através da assinatura, em Fevereiro, de um convénio com a Sésamo, de São Paulo, editora constituída por professores universitários. A Livros do Meio será uma colecção dentro da editora brasileira e para cada edição o mínimo são 3000 exemplares. Neste âmbito, a editora local vai lançar no Brasil o novo livro da Fernanda Dias que tem por base a obra chinesa do *I Ching*.

Portugueses chegam com força

Mais de 210 portugueses requereram em 2011 o Bilhete de Identidade de Residente de Macau, o número mais elevado desde a transferência

Exposição sobre o navio-escola Sagres chega à RAEM

A exposição fotográfica *Uma aventura marítima - Viagens no navio-escola Sagres*, de Joaquim Magalhães de Castro, foi inaugurada no final de Janeiro em Macau, quando se assinalam os 50 anos do navio sob a bandeira portuguesa. A exposição é composta por 70 imagens e uma instalação em vídeo e retrata 40 dias a bordo do navio-escola, de Goa a Alexandria, e daí até Lisboa, durante as duas últimas etapas da viagem de circum-navegação do Sagres, realizadas entre Janeiro e Dezembro de 2010.

6,97

mil milhões de patacas foi o valor que as exportações de Macau registaram no fim de 2011, o que significa, pela primeira vez desde 2006, uma subida ainda que de apenas 0,2 por cento

do exercício da soberania, em Dezembro de 1999. Oitenta e cinco por cento dos pedidos (ou 183) foram submetidos pela primeira vez, dizendo respeito a requerimentos com vista à obtenção do título de residente não permanente. Já os restantes 31 pedidos visaram a "conquista" da residência permanente.

Explorar a lusofonia com Macau

O governador de Guangdong, Zhu Xiaodan, afirmou que a província chinesa quer aproveitar melhor o papel de Macau como plataforma para chegar aos mercados lusófono e europeu.

REVISTA **Macau**

CONCURSO DE **FOTOGRAFIA**



Esta foto pode ser SUA

Pormenores em www.revistamacau.com

A CULPA É DO SAPATO

Mais de 3500 brasileiros fizeram do calçado e do couro o seu sonho chinês. Na cidade de Dongguan, na província de Guangdong, ouve-se português com sotaque brasileiro a cada esquina. Chegaram como empregados, fixaram raízes e tornaram-se empresários de negócios que servem uma comunidade que não pára de crescer.

Texto: Vanessa Amaro | Fotos: Gonçalo Lobo Pinheiro, em Dongguan

Dongguan, a 50 quilómetros de Cantão e a 90 de Shenzhen, é mais uma daquelas histórias do milagre económico chinês. Em 25 anos deixou de ser uma vila de pescadores para se transformar num centro industrial de sete milhões de habitantes. E há 15 anos é a casa de uma comunidade crescente de 3500 brasileiros que agora chamam a China de casa. O fenómeno da imigração brasileira para Dongguan começou em meados da década de 90 com a necessidade de mão-de-obra especializada para trabalhar no sector dos calçados e do couro. A indústria chinesa transformava-se na maior força exportadora do mundo, enquanto a brasileira perdia espaço no mercado interno e internacional. Produzir um par de sapatos no Brasil hoje custa 50 por cento mais do que em Dongguan. Para as empresas brasileiras que viviam da exportação, isso significou sair do negócio. E reabri-lo onde as condições fossem mais estáveis. Os brasileiros foram para a província de Guangdong porque os empregos deles já se tinham mudado para a China. A Paramount, a maior empresa de calçados sob a responsabilidade de um empresário brasileiro,

teve de ir buscar ao Brasil o que lhe fazia falta: empregados especializados. Desde 1995 na cidade, a companhia emprega 80 brasileiros que fazem a intermediação entre os grandes clientes mundiais e as fábricas de calçado na China. Em 2009, por exemplo, a Paramount produziu 35 milhões de pares de sapatos para uma única grande marca norte-americana, valor equivalente a 21 por cento dos 166 milhões de pares exportados pelo Brasil no mesmo ano. Com a definição das características do sapato, a Paramount terciariza a produção para mais de uma dúzia de fábricas chinesas, gerando milhares de postos de trabalho.

Todos os brasileiros, a maioria proveniente da região do Vale do Sino, um grande produtor de calçado no Estado do Rio Grande do Sul, são especializados em alguma parte do processo de fabricação de calçado. E continuam a chegar, apesar de os salários terem caído nos últimos tempos devido ao aumento do número de candidatos disponíveis para cruzar o mundo.

Depois de estabelecidos, dão o salto para montar os seus próprios negócios também no sector do



* Crianças multiétnicas enchem as escolas brasileiras da cidade

LUSOFONIA NA CHINA

calçado ou do couro, ou gerir pequenas e médias empresas que atendem as necessidades da comunidade.

“Os brasileiros em Dongguan dão um colorido verde-amarelo à cidade, como se percebe quando alguém a visita. Essa presença, além de contribuir para o desenvolvimento da região, que beneficiou da tecnologia brasileira e da criação de empregos resultantes de investimento, serviu para tornar o Brasil e a sua cultura conhecidos neste canto da China”, aponta Kywal de Oliveira, cônsul-geral do Brasil em Cantão.

Há restaurantes com rodízio de carnes, salões de beleza com produtos brasileiros, escolas em português, professor de futebol canarinho, dentista e médico a falar a língua de Camões. Até no “Fede-fede”, a alcunha que a comunidade deu ao mercado público do distrito de Dongcheng, devido ao mau cheiro de há tempos, os comerciantes chineses soltam palavras em português. “Quer cebola? Tomate? Batata? Temos mandioca. Tá tudo bom”, diz uma chinesa de uma só assentada, sem conseguir acrescentar mais nada em português à conversa.

Dados do Ministério das Relações Exteriores do Brasil indicam que hoje vivem na China 6303

A cada seis meses, cerca de 6000 empresários saem do Brasil directamente para Guangdong, para participar na Feira de Cantão e tentar firmar parcerias com empresas locais. Esse fluxo tem gerado uma procura inédita de tradutores chinês-português

brasileiros – um número que duplicou desde 2005. Só em Dongguan estão concentrados mais de 3500, o que significa a segunda maior comunidade brasileira da Ásia, atrás apenas da do Japão, que tem cerca de 230 mil brasileiros. Vivem em condomínios privados considerados de alto luxo para o padrão brasileiro e dizem que na China alcançaram um nível de vida que jamais poderiam ter no seu país natal.

Estimulados pela promessa de sucesso profissional, os brasileiros superam barreiras como o idioma, a comida ou a distância de 18 mil quilómetros. Aterram sem nenhum conhecimento de inglês ou chinês, mas em poucos meses começam a dominar ambas as línguas.

A qualidade de vida, a par da segurança, é o que mais os tenta a querer ir ficando. Não é para menos. O Governo de Dongguan moveu mundos para tornar a cidade mais verde. Proíbe a circulação de motos e deslocou o parque industrial para fora da zona urbana, transformando a cidade num oásis com baixos níveis de poluição e muita arborização.

No ano passado, o Produto Interno Bruto (PIB) registou um aumento de 8,5 por cento e as exportações subiram 18 por cento. Mais deve vir. A Foxconn, responsável pelos componentes para os produtos da Apple, vai investir 640 milhões de yuans na construção de uma fábrica na cidade, que deve gerar mais de 2000 postos de trabalho. Está também em construção o metro e a linha de alta velocidade, que irá reduzir a distância entre as grandes cidades chinesas.

Há 15 mil empresas fundadas por estrangeiros e o Governo municipal estima que haja 10 mil pessoas de 40 nacionalidades a viverem de for-



* No "Fede-fede", os comerciantes chineses já aprenderam a falar o mínimo do português para comunicar com a clientela brasileira



* A indústria do sapato de Dongguan é o sustento de centenas de brasileiros e de milhares de trabalhadores migrantes

ma fixa na cidade. Desde há cinco anos, quando houve um *boom* de estrangeiros a chegar para a indústria dos móveis, outro motor de Dongguan, floresceram restaurantes com comidas dos mais variados lugares do mundo e escolas internacionais. Para facilitar a inclusão social, a Biblioteca Central inaugurou recentemente um piso inteiro com livros estrangeiros. Entre as 32 mil obras, há uns quantos clássicos da literatura brasileira e portuguesa.

Mas nem tudo tem sido pêscoço doce. A comunidade brasileira sente falta de saber o que se passa a sua volta em português. Não há nenhum meio de comunicação local em língua portuguesa e até mesmo a religiosidade anda em baixa. Sem igrejas cristãs na cidade, os brasileiros têm de percorrer quilómetros até Macau para a missa ou organizarem cultos considerados ilegais na China.

Ainda assim, a tendência ascendente, segundo Kywal de Oliveira, é para continuar. A cada seis meses, cerca de 6000 empresários saem do Brasil directamente para Guangdong, para participar na Feira de Cantão e tentar firmar parcerias com empresas locais. Esse fluxo tem gerado uma procura inédita de tradutores chinês-português, com uma forte aposta das empresas chinesas em quadros fluentes em língua portuguesa.

“A China é um fenómeno de crescimento, facto ao qual não se pode ser indiferente sob pena de perder-se o passo em relação à História. A China já é o nosso segundo parceiro comercial, com investimentos muito importantes no Brasil. Estes dois aspectos já são suficientes para explicar o interesse que desperta no empresário brasileiro”, frisa o cônsul-geral em Cantão.

LIÇÃO DE CASA

Para ajudar na adaptação dos brasileiros no outro lado do mundo, nasceu um novo filão editorial no Brasil. Desde livros para aprender mandarim em modo autodidacta a obras a explicar como se respeitar uma cultura tão diferente, há de tudo à venda – e a ser bastante comprado. Wong K. Shin, professor de economia de origem chinesa a viver no Brasil, lançou em 2008 *A China Explicada para Brasileiros*, uma espécie de enciclopédia sobre economia, política, negócios, meio ambiente, tradições culturais e dicas para aprender chinês. “O livro analisa e explica aspectos da China sob uma perspectiva brasileira. Para o crescente número de brasileiros que buscam conhecer a economia chinesa, especialmente nos aspectos que a ligam ao Brasil, este livro tem um carácter totalmente inédito no mercado brasileiro”, explica a Atlas, editora responsável pelo título. A primeira edição da obra de 230 páginas esgotou-se rapidamente.

DE EMPREGADO A CONCORRENTE

Há sapatos de mulher de variados feitios e diversas cores espalhados por todo o lado. Num espaço amplo no rés-do-chão dezenas de operários chineses fazem moldes, tratam o couro e costuram calçado. É desta grande fábrica no Sul da China que saem os modelos que calçam milhões de pessoas nos Estados Unidos e na Europa que compram marcas como Donna Karan New York (DKNY), Geox, Nordstrom, Modern Vintage ou House of Harlow 1960. E o dono do negócio é o brasileiro Ricardo Leite, que chegou a Dongguan há 13 anos como empregado e hoje é patrão e concorrente dos seus compatriotas. Saído de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, Ricardo mudou-se para Dongguan para integrar a equipa técnica da maior empresa de então do sector, a Paramount. Dois anos depois, deu o salto e abriu, com mais um sócio brasileiro, a sua própria firma. Os sapatos começaram a ser feitos e vendidos, mas divergências com o parceiro quanto a estratégias comerciais ditaram o fim da companhia. Ficou então de mãos atadas, já que o seu contrato dizia que não podia abrir nenhum negócio no mesmo ramo durante dois anos. Durante esse período, deu um passo atrás e voltou a ser empregado. “Era uma empresa norte-americana que produzia 40 milhões de pares por ano. Eu tinha de tocar o negócio e fi-lo então por dois anos.” Assim que o prazo expirou, Ricardo agarrou na mulher, Valéria, *designer* de sapatos, e arriscou a criação de uma nova empresa, em 2004, ano em que também comemorou 20 anos de experiência nos calçados. Dos nomes do casal chegou a Rival – Ri de Ricardo e Val de Valéria -, que hoje produz 6 milhões de pares para grandes marcas e emprega 250 pessoas. Na parte administrativa há seis conterrâneos de Ricardo. Por haver barreiras para a abertura de uma empresa por parte de um estrangeiro na China, Ricardo teve de abrir a matriz em Hong Kong e ter uma representação em Dongguan, com o auxílio de um empresário chinês. Mas esse, na

verdade, não é o problema. “Com tanta gente neste país, ainda falta mão-de-obra. Esse é o principal obstáculo. Como as zonas rurais estão também a desenvolver-se, os migrantes estão a regressar às suas terras natais, fazendo com que haja cada vez menos trabalhadores nas cidades.” A actual alta demanda de trabalhadores faz com que os salários aumentem. Com uma nova lei laboral em vigor, que determina a carga de trabalho, os dias de descanso e as férias, é mais dispendioso para um patrão contratar. “Enquanto antes pagava-se 600 yuans mensais a um trabalhador, hoje esse valor é impensável. A média ronda os 2500, sem contar as três refeições diárias, o alojamento e a roupa de trabalho, que ficam por conta da companhia.” A ideia de transferir a fábrica para o Brasil está completamente posta de parte. O empresário diz que há um risco muito maior, devido aos altos impostos, as fortes variações cambiais e a inadimplência (não cumprimento dos contratos) elevada. “Ainda tenho família no Brasil e as raras vezes que lá vou parece-me que nada mudou. Não vejo geração de emprego, não vejo crescimento real. Na China, é ao contrário. O desenvolvimento e a criação de mais postos de trabalho está à vista.”





CASAR-SE COM UM DICIONÁRIO

Fazer sapato não é com Ari Filipini, mas a fazer contas não há melhor em Dongguan. O contabilista foi dos primeiros a chegar à China, há 15 anos, quando a indústria brasileira do calçado começou a transferir-se para Dongguan. Ari ainda lembra de aterrar no aeroporto, entregar uma foto e ter logo um visto de residência. “Naquela altura, o Governo chinês facilitava a entrada de quadros especializados, porque era uma forma de transmitir conhecimentos ao povo.” Foi para a Província de Guangdong por mero acaso. Conhecia dois compatriotas que já estavam na China e constantemente falavam bem da vida que tinham. Até que um dia avisaram que precisavam de um director financeiro. “Mas na China, rapaz?”, interrogou-se. Ari já tinha sido gerente de banco e director administrativo numa grande empresa no Sul do Brasil. Estava acostumado a viver em grandes cidades e quando o convite surgiu, pensou que se ia meter num fim de mundo. “Achava que só ia ver velhotes de chapéu de palha a plantar arroz. Até hoje estou à procura dessa miragem que trazia na cabeça”, conta a rir-se. Quem não achou piada nenhuma foi Sophia Yuan, que já estava na empresa, ia ter um chefe e, “ain-

da por cima estrangeiro”. “Não percebia porque é que iam meter um ocidental a dizer o que eu tinha de fazer”, queixava-se ela. Quando Ari começou a desempenhar funções, Sophia passou-se. “Ele não falava nada de inglês, muito menos de chinês. A comunicação era impossível”, lembra-se. Sophia passou então, um pouco contrariada, a dar aulas de inglês ao chefe, e pouco depois nascia uma história de amor sino-brasileira “A única coisa que ele sabia dizer era *perfect*. Acho que foi por isso que me seduziu.” A vida de Ari começou a correr melhor do que imaginava. Casou-se com Sophia e mandou vir do Brasil os seus três filhos adolescentes – fruto de uma relação anterior. O filho da agora mulher, na altura com quatro anos, aprendeu português a brincar e é fanático por futebol por influência dos irmãos. Os filhos de Ari fizeram a vida também na China. Dois casaram-se por lá e um decidiu regressar ao Brasil depois de um chorudo pé-de-meia para abrir um negócio próprio. O contabilista diz que já viu muitos brasileiros a chegarem, mas só uns poucos a partirem. “O pessoal chega aqui e fica impressionado com o nível de vida que pode levar. Vive num condomínio de luxo, tem segurança, come bem e é muito bem tratado pelos chineses. Quer melhor que isso?” A velocidade com que as mudanças se vão sucedendo ainda fascina Ari. “Isto está tão diferente de quando cheguei”, suspira. “Tudo acontece muito depressa. Os chineses querem e fazem. Não é como no Brasil, que está estacionado e atolado em corrupção. A China tem uma dinâmica indescritível.” Ari diz que consegue virar-se o suficiente em chinês, mas que não é preciso falar fluentemente mandarim porque casou “com um dicionário”. Não dominar por completo a língua também tem vantagens. “O meu sogro pode falar comigo à vontade que eu não entendo nada. Assim nunca dá problema.” Depois de tantas visitas ao Brasil, Sophia decidiu juntar “o melhor de duas culturas” e abriu um salão de unhas na cidade. O Sophie’s Nails é a única casa de manicura chinesa que esteriliza os equipamentos. “Via que no Brasil essa é uma prática muito comum e resolvi implementar cá. A verdade é que tem sido um sucesso e tenho cada vez mais clientes que dão valor à higiene.” Sophia tem ainda um outro trunfo: a casa de banho. “Vê o meu *toilette*. Está sempre limpo e a cheirar bem. É um dos nossos pontos fortes”, mostra a rir-se.

COM MUITO SANGUE, SE FAZ FAVOR

Ninguém entende melhor de carne em Dongguan que Viane Rodrigues. Não, não. Viane não foi parar à China por causa do sapato ou do couro. Viane é uma exceção. O seu negócio é o rodízio brasileiro e a sua meta é ensinar os asiáticos a fazer os melhores cortes na carne bovina e a comerem a picanha “com um pouquinho de sangue”. Quem levou Viane, natural de Santa Catarina, para a China foram os japoneses. Antes, passou por Tóquio, onde esteve durante quatro anos a ajudar a matar as saudades de 200 mil brasileiros de um bom naco de carne. O grupo hoteleiro para o qual trabalhava decidiu agarrar o mercado chinês e enviou Viane primeiro para Xangai e depois para Hunan. Com o *boom* da comunidade brasileira em Dongguan, o gestor fez mais uma vez as malas. É no hotel Sofitel Royal Lagoon que Viane Rodrigues passa os seus dias há 10 anos. Num espaço com vista para as montanhas e uma esplanada à beira da piscina, o restaurante BB’s tem capacidade para quase mil pessoas. Três dias por semana a decoração é alterada para receber casamentos e eventos fechados. “O negócio é muito próspero e temos muita procura.” O que no início era apenas para brasileiros rapidamente tornou-se uma febre entre os chineses. “Quando eles viam aquelas carnes cruas, com o sangue a escorrer, torciam o nariz e pediam para passar mais. Eu explicava-lhes que eles deviam provar, porque assim é que era bom. Aos poucos acostumaram-se e agora não querem outra coisa.” Os 42 empregados do estabelecimento são todos chineses, mas quando se aproximam das mesas com um naco de carne dizem os nomes dos cortes em português: “Maminha, *madam*. Coração de frango, *sir*”. Além do rodízio gaúcho, o *buffet* de saladas e sobremesas é outro ponto forte da casa. “Os vegetais são todos importados, porque há alguns que são difíceis de se encontrar na China.” Se antes a carne vinha toda do Brasil devido à alta qualidade dos cortes, nos últimos cinco anos o cenário alterou-se drasticamente. “Agora



é totalmente *made in China*. Grande parte do meu trabalho antes era ir aos matadouros ensinar como se fazem os cortes, o que era uma alcatra, uma maminha ou uma picanha. Nos dias que correm, no entanto, já não preciso de me preocupar. A carne chega-me no ponto.” Além de gerir o restaurante, Viane também é proprietário de um talho *gourmet* em Shenzhen. A mulher, uma chinesa que conheceu durante a sua estada em Hunan, é quem gere a loja e garante que só entram produtos de elevada qualidade. No auge da correria de um horário de almoço no sábado, Viane não pára. Vai para o grelhador, entra na cozinha, dá instruções aos empregados, fiscaliza a quantidade de saladas e a qualidade dos grelhados e cumprimenta os clientes. Tudo num mandarim fluente, que aprendeu “por teimosia”. “Saí do Brasil sem falar uma palavra em inglês e tinha de ter um tradutor a tempo inteiro comigo cá. Sentia-me perturbado por não me poder expressar e fui aprender chinês na marra.” Viane garante que fez da China o seu lar. Não tem nada que o leve ao Brasil, com a exceção dos pais, que se têm tornado visita frequente em Dongguan. “Adoro viver nesta cidade, gosto muito da forma como os chineses me tratam. Para quê regressar ao Brasil? Cá tenho uma vida que jamais poderia sonhar lá.”



O HOMEM DAS BOLAS

Não falava uma única palavra em inglês, muito menos em chinês. No primeiro dia em Dongguan, andou perdido pelas ruas com uma bola debaixo do braço. Quando via um grupo de chineses a jogar futebol, entrava em campo. Mateus Martins chegou e venceu na China. Cinco anos depois de ouvir *nihao!* pela primeira vez, consegue hoje conversar em mandarim como se estivesse a falar em português. O inglês também sai com a fluência de quem esteve anos a estudar. Passou a vida ligada ao desporto no seu Rio Grande do Sul e meteu na cabeça que queria ser futebolista na China. Um irmão que vivia em Dongguan há nove anos aumentava-lhe ainda mais a vontade. Chegou então ao Sul do país com um emprego garantido na empresa de importação e exportação da família. Aguentou-se seis meses. O inglês era um monstro – e o chinês um bicho-de-sete-cabeças. Como a linguagem futebolística é universal, Mateus só se sentia realizado quando entrava em campo nos tempos livres. Comunicava com os chineses por gestos, mas o sonho de jogar

a sério não tinha tradução possível. Voltou ao Brasil e não sossegou. “Enquanto lá estive, só pensava em voltar. Pensava que deveria ter dado mais tempo e ter ido mais atrás do meu sonho.” Refez as malas e aterrou em Dongguan há cinco anos. E foi bater de porta em porta com uma meia dúzia de palavras de inglês no vocabulário. Ainda tentou andar com um dicionário no bolso, mas tinha dois problemas: descobrir que palavra estavam a dizer e tentar encontrar alguém que falasse inglês. Ainda assim, arranjou emprego numa empresa de computadores e, paralelamente, começou a jogar futebol amador e a dar aulas de Educação Física numa escola brasileira. A vida dupla foi sol de pouca dura. Mateus tirou a sorte grande e foi convidado a jogar à bola a tempo inteiro na antiga equipa de futsal da cidade. Ao mesmo tempo, foi contactado pelo clube inglês Arsenal para ser coordenador da nova escola de futebol para crianças na cidade. Golo! “A partir de então, as portas abriram-se. A escola, que antes era apenas voltada para chineses, passou a ser um sucesso.

“O facto de ser brasileiro e dominar o mandarim abriu-me um novo mundo de oportunidades na cidade. Passei a ser respeitado e conhecido e nunca tive a pretensão de mudar os hábitos chineses. Para vingar, é preciso conhecer a cultura e respeitá-la”

As crianças adoram ir aos treinos e os pais até achavam estranho os filhos terem tanta vontade de sair da cama num domingo de manhã.” O agora treinador empregou a técnica de “aprender a brincar” e conquistou os mais novos. “Os chineses estavam muito acostumados a ter alguém a dar ordens e eles a cumprirem. Mas no futebol é diferente, é um trabalho de equipa e as minhas técnicas com eles eram muito informais.” Um ano depois, Mateus já falava mandarim a dormir. Hoje comunica-se fluentemente em inglês e chinês, apesar de ainda não conseguir ler um jornal. “O facto de ser brasileiro e dominar o mandarim abriu-me um novo mundo de oportunidades na cidade. Passei a ser respeitado e conhecido e nunca tive a pretensão de mudar os hábitos chineses. Para vingar, é preciso conhecer a cultura e respeitá-la.” Enquanto que com as crianças a carreira ia de vento e popa, a sua equipa de futsal estava moribunda. O triste desfecho veio quando o Governo da cidade decidiu encerrar o grupo. E mais uma vez Mateus viu-se encurralado. Através de contactos na Federação de Futsal de Guangdong, surgiu uma proposta para ser o dono de uma nova equipa, há um ano. Assim criou o Dongguan Futsal Club, que disputa a primeira liga da Província. Foi, no entanto, preciso reunir um rebanho de jogadores e colectar patrocínios para manter a equipa a funcionar. O dinheiro é dado pelos pais dos seus alunos – grandes empresários de vários tipos de indústria de Dongguan. A escola do Arsenal entretanto mudou-se para Hong Kong, mas Mateus manteve as crianças, fundando a sua própria instituição, a Champion Soccer School. Hoje orienta 80 crianças de todas as nacionalidades dos quatro aos 12 anos. “Tenho chinês, brasileiro, coreano, alemão, inglês, holandês, taiwanês... Olha, nem sei dizer todas

as nacionalidades de cor. Só sei que são muitas.” Além de ser jogador profissional da sua própria equipa (a par de mais 22 atletas que compõem o plantel) e formador de futebol infantil, desde o ano passado Mateus integra a comissão técnica do Dongguan Nancheng Football Club, clube de futebol de onze que disputa a terceira divisão do campeonato nacional. “É um grupo jovem que está a lutar para subir para a segunda divisão. Este tem sido um trabalho de longo prazo. Todos têm 19 anos e começaram a treinar aos 11. Jogar futebol na China ainda não é fácil.” Mateus não se queixa de nada, mas revela que tem dois grandes inimigos para combater: o badminton e o basquetebol, os desportos mais populares no país. “Geralmente a Educação Física resume-se ao badminton. Depois, as crianças gostam de jogar basquetebol. Ninguém liga para o futebol. Mas se depender de mim, isso irá mudar muito em breve. Pelo menos 80 sementes já estão plantadas.”

SALA DE AULA MULTICULTURAL

Há crianças louras de olhos azuis e há também as de olhos um pouco puxados. Estão sentadas numa sala colorida a comer bolo brigadeiro, uma especialidade da doçaria brasileira. Num dedo de conversa, misturam o português com sotaque brasileiro, o inglês e o mandarim. É assim o dia-a-dia da Escola Bem Me Quer, que tem 90 crianças registadas entre a berçário e o terceiro ciclo. Segue-se o plano curricular brasileiro e, ao contrário do calendário chinês, o ano lectivo inicia-se depois do Carnaval, em Fevereiro, e acaba pouco antes do Natal, quando se iniciam as férias de Verão no Brasil.

Todas as 15 professoras são brasileiras e já estavam na cidade - devido aos empregos dos maridos na indústria do calçado e do couro. Quem toca o barco é Maira Zimpel, que chegou também com o marido para trabalhar naquilo que todos os brasileiros trabalham. No entanto, uma oportunidade de negócio inesperada trocou-lhe as voltas e Maira transformou-se em empresária da educação.

Esteve duas semanas sem trabalhar, mas não tardou em arranjar um trabalho como professora numa escola para crianças brasileiras. A proprietária da instituição, no entanto, queria passar o negócio e Maira viu na escola uma hipótese de ser patroa. Apesar de ter trabalhado a vida inteira na indústria do calçado na sua terra natal, no Rio Grande do Sul, Maira tirou um curso técnico para ser educadora de infância e decidiu fazer o investimento e comprar a escola. Já lá vão cinco anos e meio.

As festividades brasileiras são levadas a sério e nenhuma data é esquecida. Há festa no Dia do Índio, a 19 de Abril, com as crianças a mascararem-se de aborígenes que viviam no Brasil quando os portugueses lá chegaram, em 1500. Há churrasco com carne da boa no Dia

do Gaúcho, a 20 de Setembro, e um desfile com bandeiras do Brasil pelas ruas do condomínio para assinalar a Independência do país, a 7 de Setembro. A Páscoa, o Dia da Criança (a 12 de Outubro no Brasil) e o Dia de São João também não escapam.

Segurança é o que mais prende Maira à China. “Poder andar descansada pelas ruas, sem medo de nada nem ninguém, não tem preço.” Apesar de um dia, “lá bem longe”, querer regressar ao seu Campo Bom, a professora quer fazer muito mais em Dongguan. A filha recém-nascida foi o seu grande projecto e há mais por vir. “A China dá-me as condições para educar um filho que eu nunca teria no Brasil. Aqui tenho qualidade de vida e estabilidade para assegurar um bom futuro para uma família maior.”



AS MENINAS DA BELEZA

Mulher brasileira é vaidosa e não quer deixar de ter o tratamento de luxo que tinha no país natal. Rejane Guassu, Michele Vecchietti e Mabiane Seefeldt viram na área da beleza um filão de negócio e abriram juntas,



em Maio do ano passado, o salão Equilibrium com tudo aquilo que as brasileiras gostam – manicura e pedicura, cabeleireiro com produtos *made in Brazil*, massagens adelgaçantes e tratamentos para manter a pele impecável. Sexta-feira, três da tarde. O salão das “meninas”, como são chamadas, não pára. Michele faz as unhas, Mabiane estica cabelos e Rejane faz uma limpeza de pele. No sofá, há mais três clientes à espera. Todas brasileiras. Todas com maridos na indústria do calçado e do couro. “Estamos sempre na correria”, desculpa-se Michele. Encontrar um horário na agenda das esteticistas é tarefa complicada. “Somos o único salão de Dongguan que usa apenas produtos brasileiros. Só compramos aqui coisas descartáveis. O grosso vem mesmo do Brasil”, justifica assim a procura, Mabiane. Sem forma de importar as tintas de cabelo ou os vernizes para as unhas para a China, o trio tem de ir duas vezes ao Brasil abastecer o armazém do salão. “Os produtos brasileiros são muito diferentes. Por exemplo, se uso uma tinta de ca-

belo feita a pensar nas asiáticas, não consigo o mesmo efeito numa ocidental. Temos de trazer isso tudo do Brasil... Toca a pagar excesso de bagagem sempre”, conta a cabeleireira a rir-se. Mabiane e Michele chegaram a Dongguan há cinco anos a planear ficar “no máximo dos máximos um ano”. Os maridos trabalham na indústria do sapato e do couro e elas ainda arriscaram-se a tentar. “Como eu não falava uma palavra de inglês, não me consegui safar”, diz Michele. Nunca tinham sido cabeleireira ou manicura antes, mas a necessidade de ocupar o tempo falou mais alto. Michele começou a arranjar as unhas das amigas em casa sem cobrar nada e Mabiane fazia alguns penteados nos tempos livres. Pouco depois, transformaram o *hobby* em negócio e começaram a atender clientes em casa. Até que o boca-a-boca correu demais e a clientela engrossou para o pequeno espaço. Foi assim que há quase um ano juntaram-se a Rejane, especialista em tratamentos corporais e faciais, e abriram um salão dentro do condomínio privado onde vive o maior número de brasileiros. Num apartamento espaçoso de quatro assoalhadas, as clientes são recebidas de forma a sentirem-se em casa. Há chá quente, bolo de morangos com *chantilly* e muita conversa sobre o Brasil. “A comunidade sente falta deste tipo de recepção brasileira. Sabem que no salão vão ter um pedacinho do Brasil e vão sair arranjadas da mesma forma de antes. Porque a mulher brasileira quer continuar a fazer na China os mesmos tratamentos que fazia no Brasil. E aqui têm essa oportunidade, a pagar o mesmo de lá”, relata Rejane.





ENTRE SAPATOS E NOITADAS

De dia é o Ruben, um homem sério sentado num gabinete a tratar das burocracias de uma empresa de calçados. De noite, vira o senhor Vitabar, o gestor de um ponto nocturno de sucesso na rua de bares do distrito de Dongcheng. Ruben teve a sorte de nascer numa família que tem o “bar” no apelido. E pensou que se calhar era esse o seu destino – ter um bar. O detalhe de ser na China, esse, nunca havia passado sequer nos seus sonhos. Ruben nasceu no Uruguai mas passou a maior parte da sua vida no Rio Grande do Sul, no Brasil. De lá só saiu para mudar-se para a China, em 2000, quando o emprego que tinha na região do Vale do Sino fugiu para o outro lado do mundo. Chegou “para ver como a coisa era” e foi ficando. E criando raízes. Há seis anos, decidiu que queria passar o resto da sua vida em Dongguan e fez por isso. Numa conversa durante um almoço com um amigo taiwanês, Ruben foi questionado se não tinha vontade de ter um negócio próprio, como um restaurante italiano. “O meu amigo de Taiwan disse-me que eu tinha jeito e sugeriu que eu trouxesse a minha mãe, que é italiana e vive no Brasil, para ser a chef de cozinha. Achei a

ideia um tanto ou quanto descabida. Coitada da minha velha atrás do fogão”, conta a rir-se. A ideia de ter um negócio próprio ficou instalada nos pensamentos. Ruben não precisou de partir a cabeça para perceber que um bar era a sua vocação. Era o investimento perfeito – podia continuar com o trabalho de escritório e ter um pé-de-meia no horário pós-laboral. Usou o apelido e inaugurou o Vita Bar há pouco mais de dois anos. Quando se entra no espaço pela primeira vez, a pergunta que vem à mente é “Isto é mesmo na China?” O bar é um ponto de encontro de todas as nacionalidades estrangeiras em Dongguan, que rondam as 40. Ouve-se chineses a falar espanhol e ocidentais a conversar em mandarim. Fuma-se charutos, joga-se *snooker* e dados, e passa-se a noite a beber uísques com Coca-Cola ao som de uma banda com músicos filipinos e brasileiros. Mas nem sempre foi assim. Quando abriu o espaço tinha apenas a comunidade brasileira como alvo. Até que viu que não podia fechar-se só para uma nacionalidade. “Comecei então a explorar os hábitos e gostos dos chineses para poder trazê-los para o bar. No início foi muito difícil. Depois deste ‘estudo’, fiz uma grande remodelação do espaço e pus atractivos que os chineses procuram.” Os lucros avultaram-se assim como a vontade de continuar em Dongguan. “Eu iria embora só se fosse louco. Adoro viver na China. Pelo menos para os próximos 20 anos está fora de questão sair daqui.”

FILHO DE SAPATEIRO MÚSICO É

“Deve ser um lugar muito pobre e sujo.” Foi esse o primeiro pensamento que Jader Vieira teve quando os pais ponderaram a ideia de aceitar uma oferta de trabalho na China. Mas quando já não havia dinheiro para comprar o pão do dia-a-dia, os pais mudaram-se e ficaram fascinados quando aterraram em Dongguan. “A empresa onde o meu pai trabalhava no Brasil estava muito mal e quando ele recebeu a proposta para ir para a China torceu o nariz. A necessidade, no entanto, falou mais



alto. E ainda bem que assim foi. Eles ligaram-me a contar coisas que eu jamais imaginaria.” Jader, que na altura tinha 17 anos, ainda estava a estudar – obviamente, num curso vocacionado para a indústria do sapato. Há três anos, os pais convenceram-no a ir de férias à cidade da Província de Guangdong. Chegou com as roupas contadas na mala e com passagem de regresso. Até ver com os seus olhos as maravilhas que os pais haviam contado por telefone. “Isto aqui é bom demais.” Não tardou para começar a trabalhar com sapatos, como a larga maioria dos compatriotas. Mas não via a profissão de técnico de couro para a vida. O que Jader queria mesmo era cantar. Então, juntou dinheiro e no Verão do ano passado foi para os Estados Unidos fazer um curso de música. “Eu já tinha feito uma loucura muito grande indo para a China. Não seria nenhuma loucura investir numa carreira na música”, justifica-se enquanto encolhe os ombros. Quando regressou a Dongguan, foi convidado para entrar para uma banda de filipinos que anima as noites na rua dos bares, no distrito de Dongcheng. “Agora só vivo da música”, diz orgulhoso no auge dos seus 21 anos. Ultimamente, está a tentar ensaiar músicas brasileiras com os colegas da banda. E algumas em chinês. O público dos seus concertos, composto maioritariamente por chineses, delira com as baladas internacionais e já começou a haver um clube de fãs para Jader. As saudades do Brasil foram ultrapassadas pelo desejo de viajar pela Ásia e de desfrutar “a óptima qualidade de vida” da China. “Parece-me que o meu futuro está aqui.”

O RECORDE PORTUGUÊS

Texto: Vanessa Amaro
Fotos: Gonçalo Lobo Pinheiro, em Dongguan

Na hora de saborear o pão quente com sabor europeu, há romaria à padaria do “portuga”. Miguel Alves foi durante anos o único português a viver em Dongguan. A família lusitana aumentou e acaba de chegar aos nove membros. Um número nunca antes visto na cidade de sete milhões de habitantes



LUSOFONIA NA CHINA

“O pão do ‘portuga’ é bom demais.” Quando se fala em português em Dongguan, a comunidade estrangeira, e especialmente a brasileira, pensa logo na padaria de Miguel Alves, o primeiro português a instalar-se na cidade já lá vão 10 anos.

Os negócios do agora empresário não passam despercebidos. Os anúncios do seu Café Lisboa, das suas pizzarias Calzone ou do seu recém-inaugurado talho *gourmet* estão em todos os lados.

Com uma longa história de emigração no currículo, com passagens por Brasil, Suécia, Alemanha, Médio Oriente e mais um punhado de destinos, Miguel Alves chegou à China também por intermédio do mundo dos sapatos. Uma namorada brasileira que tinha na altura recebeu um convite para trabalhar na indústria do calçado em Dongguan. Miguel foi atrás e não tardou em arranjar trabalho no ramo da hotelaria. Mas queria voar mais alto e por isso ia juntando tostões e aprendendo mandarim para abrir uma pizzeria que seria a primeira da cidade.

Onze anos depois de ter chegado, Miguel achava que já tinha os trunfos para abrir o seu restaurante. Fê-lo em 2003, numa altura em que cada vez mais estrangeiros chegavam a Dongguan e não tinham nenhuma opção de restaurante italiano à escolha. Até então, Miguel continuava a ser o único português.

Dois anos depois, aventurou-se com uma casa de comida portuguesa, O Lusitano. Mandou vir o pai de Portugal para ser o *chef* de cozinha e ia a Macau buscar os ingredientes que precisava para evoluir com o negócio. “Ainda hoje não é possível encontrar nenhum produto português em Dongguan. Ia a Macau e voltava carregado de bacalhau, chouriço e vinhos.”

Sem portugueses para se deliciarem com as suas iguarias, o empresário viu o restaurante a dar para o torto. Ainda aguentou dois anos, mas teve de encerrá-lo e o pai regressou a casa. “Não havia público suficiente. Os brasileiros não conheciam assim tão bem a gastronomia portuguesa e os chineses pouco se interessavam.” Ficou então com todo o equipamento de restauração semi-novo e decidiu abrir uma filial da pizzeria, que já tinha ganho prémios internacionais em Nova Iorque ou Paris pelas pizzas que fazia. E voltou a ser o único português por aquelas bandas. No início do ano passado, o empresário ampliou

os negócios e inaugurou o Café Lisboa, onde o pastel de nata é o rei. Com fotos da capital portuguesa à mostra nas paredes e uma pequena biblioteca com obras portuguesas, o espaço com esplanada transformou-se em ponto de encontro da comunidade ocidental. Mas Miguel começou a ver que estava a ficar com muitas responsabilidades e que não tinha tempo para tratar sozinho da gestão do seu império.

E foi assim que a comunidade portuguesa sofreu, de repente, um grande incremento. O empresário convenceu a irmã, Susana, e o cunhado, Luís Oliveira, a mudarem-se de Lisboa para Dongguan. “Nunca imaginei que um dia iria viver na China. O meu irmão dizia maravilhas da cidade, mas eu não acreditava muito. Como a situação em Portugal começou a ficar crítica, o meu marido e eu decidimos que era hora de partir, trazendo a nossa filha connosco. Foi a nossa melhor decisão”, conta Susana.



* Susana Alves nunca imaginou construir uma vida na China



* Luís Oliveira trocou um cargo nos Correios de Portugal por uma vida de empresário na Província de Guangdong

Luís Oliveira tinha um emprego estável como chefe de uma repartição dos Correios e ganhava o suficiente para sustentar a família. Mas sentia-se encurralado com as notícias da crise em Portugal. “Foi uma mudança ponderada, mas sabíamos que na China também teríamos estabilidade, porque os negócios do meu cunhado correm muito bem. Agora pensar em regressar está totalmente fora de questão.”

O homem dos Correios é o responsável pelo Café e, em menos de um ano, fala mandarim “suficiente para não morrer à fome”. Já Susana ficou como gerente da pizzeria, que tem uma secção de padaria e longas filas pela manhã. É o único estabelecimento da cidade que vende pão ao estilo ocidental. A doçaria portuguesa tem lugar de destaque e é toda confeccionada à mão, sem o uso de máquinas. E é aqui que entra mais um português, o pasteleiro Ricardo Lopes, que até Novembro do ano passado nunca tinha pisado fora dos Açores.

Ricardo foi recrutado através de um anúncio num jornal português. Sem emprego na ilha, decidiu embarcar na aventura. Diz-se ainda um bocado assustado por ver tanta gente e por estar num lugar onde não entende nada. Mas comanda dois chineses na cozinha. São eles que preparam as massas e controlam a cozedura

do pão. Diariamente, mais de 300 bolos tipicamente portugueses são vendidos nos negócios de Miguel, sem contar outras centenas de pães. As pizzarias ganharam ainda outro fôlego quando Miguel decidiu fazer entregas por toda a cidade. “Foi uma explosão de clientes. Agora tenho seis carros que passam o dia de um lado para o outro.” O que antes era uma coisa pequenina, de 45 metros quadrados e capacidade para 10 pessoas, hoje é um restaurante vistoso, que ocupa mais de 360 metros quadrados no distrito de Dongcheng.

Com o crescimento da comunidade lusófona, Miguel decidiu avançar no início deste ano para um negócio com retorno garantido. Um talho com carnes de primeira linha e uma secção de charcutaria, com queijos estrangeiros e uma selecção a dedo de enchidos portugueses. Pelo meio, chegaram mais dois portugueses – um casal do Norte que arranjou emprego na indústria do calçado local. A família lusitana alcançou então a cifra de oito membros e acabou de ficar maior. A vida da família Alves-Oliveira corre tão bem em Dongguan que já há resultado à vista. Gonçalo, acabadinho de nascer, é totalmente *made in China* e entra para o nono lugar do *ranking*.



* Ricardo Lopes encontrou em Dongguan o trabalho que não tinha nos Açores

SAMBA COM BATUCADA CHINESA

Tocam tambores e dançam samba, cantam em português, agitam o corpo e sorriem com ginga, mas são chineses. Sambasia Pequim é a única escola de percussão da China e o único grupo artístico que combina música e dança tradicionais do Brasil e da Ásia

Texto: Vera Penêda, em Pequim | Fotos: Wang Zi



Tarde de domingo no 798, um dos distritos artísticos mais famosos de Pequim. Cerca de 20 graúdos e miúdos estão prontos para participar numa aula de percussão de pé descalço com o Sambasia. São todos chineses, tocam tambores e dançam samba, cantam em português, agitam o corpo e sorriem com ginga. Quando invade a rua ou enche salas de espectáculos, o Sambasia é energia pura e a sua música contagiante é a melhor embaixadora da cultura brasileira e do português em Pequim.

GINGA CHINESA

"Eu sempre quis ser uma estrela de rock", conta Xiao Yong, de 33 anos, que realizou o seu sonho de ser baterista na banda chinesa de música alternativa Meihao Pharmacy (美好药店). "Gostava mesmo era de música pesada e canalizava a minha raiva para a bateria. Até que descobri uma batida totalmente diferente, um ritmo que põe as pessoas alegres."

Com um apito na boca, os braços no ar e um tambor que lhe tapa as pernas até aos tornozelos, Xiao lidera um grupo de cerca de 30 chineses que fustigam tambores e dançam samba e cantam em português. Xiao, ou "Mano", como é conhecido no grupo, é o director artístico do Sambasia. O Sambasia toca *samba-reggae*, um género originário do estado brasileiro da Bahia. É uma fusão de samba com reggae da Jamaica que incorpora outros estilos musicais como o afoxé, olodum e o maracatu, que não são fáceis de identificar para quem não é brasileiro ou nunca visitou o Brasil, como Yang Tian, 24 anos. "Gosto de *samba-reggae* por causa da sonoridade étnica que me faz sentir próximo da natureza. São tons tão simples mas inspiram tantas emoções", disse Yang, que toca piano há mais de 15 anos. "Toco muito Mozart e outros compositores clássicos, mas o *samba-reggae* é mais aberto e relaxado. Sinto-me livre física e psicologicamente", acrescentou.

LUSOFONIA NA CHINA

Já Ye Feng, 28 anos, entrou para o grupo há um ano depois de ter visto um espectáculo ao vivo. "Pensei logo que tinha de fazer parte daquela festa, daquela energia", relembra. Antes de ingressar no grupo, considerava-se uma pessoa tímida. "Sou tremendamente feliz quando estou no palco com o Sambasia. Agora sou muito mais descontraído e falador."

MULTICULTURALIDADE

"Qualquer pessoa pode juntar-se a nós e aprender a tocar tambores", nota Xiao, que aprendeu percussão com o músico norte-americano Jimmy Biala, fundador do Sambasia em São Francisco, nos Estados Unidos. Biala tem formação em música cubana e brasileira e criou o colectivo a partir da ideia de construir pontes culturais entre as diferentes comunidades da área da baía de São Francisco. Em Maio de 2006, implementou o grupo na Ásia, numa altura em que vivia em Pequim. "Eu via o Jimmy e também queria ser capaz de espalhar boa energia através dos tambores", recorda Xiao que ainda não fala português.

O nome Sambasia evoca o encontro de duas culturas num grupo heterogéneo, constituído por pessoas de idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos que são estudantes, professores, artistas, engenheiros ou empregados de escritório. O Sambasia pretende ser "um pólo de actividade social e fonte de orgulho comunitário, de sentido positivo e de esperança numa sociedade económica e socialmente dura", de acordo com as intenções divulgadas pelo grupo. A maioria é chinesa mas também há membros do Japão, Israel e Brasil. "A música criou esta comunidade de amigos muito além das barreiras culturais, de idade ou das nossas experiências pessoais", enfatiza o líder do grupo.

"Quem diria, há samba na China! Vou ter de experimentar", pensou Mai Akamatsu, 37 anos, do Japão, quando viu o Sambasia actuar há cinco anos. Akamatsu, que é uma das principais cantoras do grupo, nunca tinha trabalhado com música antes. "Nunca estudei música, mas, tal como a dança, sempre foi um dos meus interesses pessoais." A japonesa garante que não é difícil domar um tambor, basta ser persistente e empenhado. "Claro que a música e a cultura brasileiras nos juntaram, mas é o sentimento de

pertencer a uma comunidade tão alegre que faz dos Sambasia uma experiência espectacular", acrescentou. "Desde que pertenço ao grupo que quero saber tudo sobre a cultura brasileira e vou aprendendo um pouco de português. A música proporciona uma ligação universal que vai além de uma cultura ou idioma."

* O nome Sambasia evoca o encontro de duas culturas num grupo heterogéneo, constituído por pessoas de idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos que são estudantes, professores, artistas, engenheiros ou empregados de escritório



EMBAIXADORES BRASILEIROS

Lojistas e residentes pararam tudo para espreitar o que se passava quando o Sambasia começou a tocar tambores e a dançar samba na rua principal do Wudaoying Hutong, um bairro tradicional chinês em Pequim, durante o DocBrasil, o único festival de documentários brasileiros na

China. “Podiam vir mais vezes, assim a rua é mais alegre. Mas estes jovens são de que país?”, perguntou uma residente chinesa, que saiu à rua em pijama e com o neto ao colo, e não resistiu a dar um pezinho de dança sem perceber que afinal o grupo era chinês. “Sambasia é óptimo, eles não falam português mas o espectáculo é um pa-





* O grupo foi criado por Jimmy Biala primeiramente em São Francisco, nos EUA. Durante uma estada em Pequim, em 2006, o músico expandiu o conceito para a Ásia

cote de ‘cultura e língua’, que é importantíssimo na divulgação lusófona”, considera Fernanda Ramone, directora do festival que convidou o Sambasia a actuar no Hutong.

Trazendo música para as ruas, esgotando concertos ou ensinando as artes do tambor e do samba, o Sambasia cresceu de uma formação inicial de 15 pessoas para um núcleo forte de mais de 30, cerca de 100 colaboradores e centenas de fãs. O grupo também já partilhou o palco com conceituados músicos chineses, como a lenda do *rock* Cui Jian e a banda mongol Hang-gai, originando cruzamentos musicais inauditos. Com mais de 300 espectáculos no currículo, o Sambasia foi a primeira escola de percussão e samba não brasileira convidada a participar no Carnaval de Salvador da Bahia em 2008.

Tarsila Borges, 30 anos, brasileira residente em Pequim, entrou para o grupo há menos de seis meses e descreve uma experiência inesperada. "Tem sido uma descoberta. É tão curioso verme a cantar as músicas do meu país junto a um grupo de chineses e perceber que é um chinês me está a ensinar a ouvir e entender a música brasileira de uma forma nova."

Tarsila ajuda os cantores do grupo a entender e interpretar o significado das músicas em português, da mesma forma que uma professora brasileira de dança dá lições de samba. "A músi-

ca é o primeiro contacto destas pessoas com a cultura brasileira, mas depois perguntam: ‘Qual é o nome daquele violão pequenino que usam lá no Brasil? O que significa a palavra saudade?’ É muito bom ver o interesse que pessoas de um contexto tão distinto nutrem pelo meu país e pela minha cultura."

A brasileira descreve o grupo como um verdadeiro embaixador da cultura brasileira na China. "O Sambasia é essencialmente chinês, por isso atrai e cativa a audiência chinesa de forma mais intensa que um grupo brasileiro que vem visitar a China consegue fazer", explicou.

Tarsila actuou com o grupo pela primeira vez em Junho, quando o Sambasia celebrou o seu quinto aniversário no Mao Live, uma das casas de espectáculos musicais mais populares da capital chinesa, que encheu com cerca de 400 pessoas. "Foi inacreditável! O salão apinhado de gente e só se viam alguns estrangeiros entre o público. Quando cantámos uma música popular chinesa em estilo de samba-*reggae*, a multidão ficou completamente louca de alegria."

Até agora não houve um contacto com Macau ou Portugal, mas se surgir um convite o Sambasia fica contente com a oportunidade de divulgar como os chineses também sabem e gostam de sambar, com ginga chinesa.



FUTEBOL LUSÓFONO MARCA GOLOS NA CHINA

A China abriu as portas ao futebol lusófono. Prova disso é o número crescente de treinadores portugueses que dirigem equipas e de jogadores brasileiros que marcam golos ao serviço das quadras chinesas. O jogo é 'made in China', mas tem sabor lusófono

Texto: Vera Penêda, em Pequim

“Oh Putaoya (Portugal)! Sim sei, Figo e Cristiano Ronaldo”, diz um taxista enquanto contorna o trânsito caótico e a multidão vestida de verde na Gongti Beilu, no popular bairro de Sanlitun, em Pequim. É dia de jogo no Estádio dos Trabalhadores e os adeptos do Beijing Guo'an, o clube da capital chinesa, invadem a avenida para apoiar a equipa. “E também conheço o Pa Qieke que agora está no Guo'an”, acrescenta o taxista referindo-se a Jaime Pacheco, o português que dirige a equipa.

Até há pouco tempo apenas a televisão e a presença de Cristiano Ronaldo em publicidades de champô espalhadas pelo metro de Pequim abriam os olhos da China para a gíngua do futebol lusófono. Actualmente há uma dezena de técnicos portugueses e cerca de 20 jogadores brasileiros ao serviço dos clubes chineses,

provando que o império convocou a técnica lusófona para ajudar a internacionalizar o futebol chinês.

JOGAR EM CASA FORA DE CASA

“Shang, shang”, grita Jaime Pacheco, de 53 anos, durante um treino do Guo'an a dar instruções para os jogadores avançarem no campo. Assistido por um tradutor espanhol, Pacheco só reconhecia os elementos da sua equipa por números quando aterrou na capital chinesa em Janeiro de 2011.

“A linguagem do futebol, a mímica e a confiança que se vai gerando em equipa resolvem a barreira do idioma,” explica Pacheco. “Preocupava-me mais o frio. Dez ou 15 graus negativos é um frio impressionante para quem está habituado a Portugal”, conta o treinador. Não



Foto: dreamstime.com



“Senti-me muitíssimo bem recebido, de uma forma que já não é comum na Europa. Estou a gostar muito de estar na China. Fora a família, não me falta nada”, diz Jaime Pacheco

Foto: Caié Ferraz

foi amor à primeira vista, mas Pacheco acabou por aceitar a proposta do Guo'an, que saía de uma época difícil. “A China está a crescer em todos os sentidos e o futebol não é exceção. Fiquei contente com a posição na capital, gostei da equipa e houve empatia profissional, por isso acabei por assinar por um ano.”

Em 20 jogos do campeonato chinês no ano passado, o Guo'an só sofreu duas derrotas. Pacheco acabou por renovar o seu vínculo com Pequim por mais dois anos. “Senti-me muitíssimo bem recebido, de uma forma que já não é comum na Europa. Estou a gostar muito de estar na China. Fora a família, não me falta nada”, revela o treinador, que até presunto Pata Negra recebe do presidente do Guo'an. “O clube respeita o meu trabalho, exige muito de mim mas dá-me condições para eu dar o meu melhor. Os jogadores têm enorme vontade de aprender e aceitam as mudanças com enorme entusiasmo, o que torna o meu trabalho motivante e apreciado.”

O técnico português Nelo Vingada, de 58 anos, até já chamou toda a equipa do Dalian Shide para jantar em sua casa, de forma a retribuir o acolhimento chinês à moda portuguesa. Com provas dadas na Ásia, onde levou o FC Seul a campeão nacional na Coreia do Sul, Vingada aceitou o desafio, até ao fim deste ano, de recuperar uma equipa que está na mó de baixo.

“O Dalian Shide é o clube com mais campeonatos ganhos na China. Gosto de estar na Ásia e gostei da abordagem. Fiquei alegremente surpreendido com a cidade e o clima temperado de Dalian”, conta. “Há uma enorme respeitabilidade e maior abertura que na Coreia ou no Egito. Entendem que eu decido o que é melhor para a equipa sem interferir com a cultura e os hábitos. Os jogadores aceitam a mudança com humildade, às vezes até com uma subserviência exagerada, algo que tento mudar um pouco para que haja um ambiente descontraído e de maior liberdade”, explica.

Outro treinador português, Manuel Barbosa confirma a tendência dos conterrâneos em quererem prolongar a estada na China. “Sabia que o país seria um pequeno mundo, mas ultrapassei em grande medida as minhas expectativas”, diz o técnico, que aos 60 anos se mudou de armas e bagagens para Weifang, na província de Shandong. “Fiquei admirado com a qualidade de vida na China e a qualidade da academia de futebol. As pessoas são extremamente simpáticas e disponíveis.”

A orientar a formação jovem do Shandong Luneng com assistência de um tradutor inglês, Barbosa teve o duplo desafio de melhorar o inglês para se fazer entender na China. Com cinco meses no clube, o técnico acabou por ser



* Nelo Vingada com fãs do Dalian Shide

LUSOFONIA NA CHINA

promovido para treinar a equipa principal, que sofreu quatro derrotas seguidas no campeonato e rescindiu contrato com um treinador croata, contudo depois da experiência voltou outra vez às camadas jovens.

UM NOVO MERCADO?

Portugueses e brasileiros chutaram a bola para fora da sua terra natal por razões diferentes. “Não pensava sair de Portugal, mas as condições financeiras seriam difíceis de igualar e eu agarrei a oportunidade”, afirmou Ricardo, ex-Vitória de Guimarães que assinou por dois anos com o Shandong Luneng, mas só cumpriu um ano do contrato. “Estava à espera de um clube mais fraco e fiquei muito surpreendido com a qualidade dos jogadores, as infra-estruturas e o acolhimento”, disse o defesa, a fazer um balanço da sua estada na China, antes de assinar pelo Paços de Ferreira e regressar a Portugal devido a saudades da família.

Fora a gastronomia e o idioma “complicados”, o futebolista vê com bons olhos o franco desenvolvimento do desporto. “Eu diria que a China pode ser um bom mercado para jogadores de todo o mundo. O futebol está em fase de crescimento e com uma enorme vontade de se qualificar e ganhar importância internacional.”

Há 15 anos fora de Portugal, com uma passagem pontual pelo país para treinar o Marítimo, Nelo Vingada ressalta a vontade de participar nessa abertura e nesse crescimento. “Não tenho saudades nenhuma do futebol português. Financeiramente a situação é má e perdeu-se o respeito”, considera.

Jaime Pacheco alinha nesta opinião. “Não há dinheiro, nem paixão. É só ambição e uma tremenda falta de valores. Para piorar, as pessoas andam preocupadas com tantas dificuldades, o país no geral está desanimado”, desabafa a mostrar intenção de mudar a família para a China em vez de regressar.

O brasileiro Obina, de 28 anos, não pensou duas vezes quando uma proposta chinesa saltou-lhe à vista. “Estava muito acomodado, estive quatro anos sem sair do Brasil”, conta o jogador, que deixou o Atlético Mineiro e chegou à China há cerca de nove meses. “Há muitos brasileiros a jogar futebol, por isso quando surge uma oportunidade para se jogar no estrangeiro, tem de ser agarrada como forma de valorizar a carreira”, justifica. O atacante assinou por três anos com o Shandong Luneng e não houve lugar ao arrependimento. “O clube oferece todas as condições em termos de equipamentos desportivos e incentivou muito a vinda da minha família.”



* Manuel Barbosa com os lusófonos Ricardo, Fabiano e Obina



O jogador diz estar contente por contar com a companhia de dois “amigões” na equipa: os conterrâneos Fabiano e Silva. O facto de ter um treinador a falar português também é, para Obina, uma mais-valia por facilitar a comunicação. “De resto, não é difícil adaptar-se. Os chineses respeitam a nossa cultura e a China é um país em expansão onde não se vê violência. Isso pesa muito.”

INTERNACIONALIZAÇÃO

Jaime Pacheco acredita no potencial do futebol chinês. “Vai disparar!”, prevê. Nelo Vingada acha que ter profissionais portugueses a trabalhar no futebol estrangeiro está a abrir as portas ao futebol de Portugal, apontando os exemplos de José Mourinho na Europa, a frente do Real Madrid, e do adversário Pacheco na China. “O Brasil tem jogadores por todo o mundo. Esta emigração é quase uma questão cultural. Eles são bons e ganham muito melhor no estrangeiro”, aponta. Em Janeiro, Vingada reforçou a presença lusófona no futebol chinês com a vinda do genro, o defesa direito Ricardo Esteves, que jogou no Benfica e no Marítimo, em Portugal. Ambos treinadores trouxeram consigo colaboradores portugueses, mas comprar jogadores lusos pode ser mais complicado. “Tentei, mas os jogadores portugueses que estavam disponíveis estão sobrevalorizados e os clubes chineses não

pagam tanto assim”, revela Jaime Pacheco. No entanto, no início deste ano, o Beijing Guo’an conseguiu finalizar a contratação do português Manú, que já passou pelo Benfica mas estava a jogar na Polónia.

A interacção com a gestão chinesa tem sido positiva com os treinadores a implementarem novas pautas nas equipas, como a pontualidade, o espírito e organização da equipa ou a alimentação regrada para ajudar a internacionalizar o futebol chinês.

Só a ginga não pode ser ensinada. Natural de um país que tem o futebol nos genes, Obina sente a falta de algum calor humano em campo na China, onde o futebol não tem a mesma tradição. “Está a evoluir muito em investimento e qualidade. A China já não quer ser apenas a anfitriã olímpica, também quer internacionalizar o seu futebol, daí o forte interesse em contratar jogadores e técnicos estrangeiros.”

Na capital, onde um passe para ir ver todos os jogos do campeonato ao estádio custa cerca de 300 yuans, o futebol já tem alma. “É contagiante. O estádio todo ‘vestido’ de verde, 40 mil pessoas a saltar e a cantar, a aplaudir nos bons e nos maus momentos. É uma enorme emoção. Pode haver adeptos igualmente fervorosos, mas dificilmente haverá tantos adeptos fervorosos como na China.”



ANIVERSÁRIO MULTICULTURAL

"Desfile por Macau, Cidade Latina" celebrou 12 anos de transferência da administração de Portugal para a China

Fotos: Gonçalo Lobo Pinheiro

Milhares de pessoas encheram as ruas de Macau para ver e participar no desfile multi-cultural que assinalou os 12 anos da transferência da administração do território de Portugal para a China, a 20 de Dezembro.

As icónicas Ruínas de São Paulo deram o sinal de partida do "Desfile por Macau, Cidade Latina", que durante mais de três horas levou dragões voadores, samba, capoeira, danças chinesas e outras, como a tradicional "Dança das Tesouras", do Peru - classificada no ano passado como Património Cultural Imaterial da Humanidade -, às principais ruas e ruínas do bairro de São Lázaro.

Numa mistura de cores e sons, a fazer lembrar o carnaval, os cerca de 700 artistas de todo o mundo - Portugal, Brasil, França, Itália, Colômbia, Chile, Venezuela, Peru, Equador, Costa Rica -, em conjunto com grupos de Macau e do Interior da China, seguiram depois com o exotismo performativo até à Praça do Tap Seac, onde deram um espectáculo multi-étnico sob o signo do "amor, paz e integração cultural".

ESTABELECIMENTO DA RAEM



Cheong U, secretário para os Assuntos Sociais e Cultura da RAEM, e Li Zhengjiao, director adjunto do Departamento de Cultura e Educação, do Gabinete de Ligação do Governo Popular Central na RAEM.



As escadas das Ruínas de São Paulo serviram de palco para a actuação de cerca de 40 grupos, compostos por mais de 700 artistas



ESTABELECIMENTO DA RAEM

Passadas as casas vermelhas e amarelas do bairro de São Lázaro, o espectáculo continuou com força na praça do Tap Seac.



Se Macau é uma convergência de povos, isso ficou bem presente – tanto na dimensão da festa, como na diversidade de países e artes representadas.







O Instituto Cultural salientou que o evento pretendeu mostrar que Macau é uma cidade de cultura aberta, explorando a vocação da Região como plataforma para o intercâmbio cultural.

ESTABELECIMENTO DA RAEM





Macau apresentou-se como um lugar especial, rico culturalmente, um ponto de encontro e tolerância entre diversos povos, religiões e tradições.



O espectáculo seguiu um conceito artístico muito ligado à conexão entre as diferentes artes, unindo o antigo e o contemporâneo, as diferentes culturas, para uma partilha de conhecimentos, para criações conjuntas.



O grupo português Tumbala, com uma sonoridade "active funk jazz", resultante de instrumentos construídos a partir de tubos e outros materiais reciclados, foi um dos que se destacou entre os participantes no evento.

VIDAS DE MÉRITO

Um total de 38 individualidades e instituições de Macau foram distinguidas com as medalhas e títulos honoríficos da Região Administrativa Especial de Macau, relativos a 2011, atribuídos pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On. Ho Teng lat, antiga deputada da Assembleia Legislativa e actual vice-presidente da Associação Industrial de Macau, e Wan Chun, vice-presidente da União Geral dos Operários de Macau, foram ambos condecorados com a Medalha de Honra Lótus de Prata, a terceira mais importante. A cerimónia de entregas de títulos decorreu a 11 de Fevereiro.



PRIMEIRA FILA DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

Frederico Ma Chi Ngai (Mérito Industrial e Comercial), Victoria Alexa Kuan Chan (Mérito Profissional), António José Dias Azedo (Mérito Profissional), Lam Wai Hou (Mérito Profissional), Ho Teng Iat (Honra Lótus de Prata), Chui Sai On, Chefe do Executivo de Macau, Wan Chu (Honra Lótus de Prata), Leong Iam Chong (Mérito Industrial e Comercial), Rodolfo Lavrador, em representação do Banco Nacional Ultramarino (Mérito Industrial e Comercial), Alan Reginald John Ho (Mérito Turístico)

TERCEIRA FILA DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

Richard Stuart Moffat (Título Honorífico de Prestígio), Cheong Pak Io (Serviços Comunitários), Iek Ka Iok (Serviços Comunitários), Un Iok Meng (Serviços Comunitários), Chan Ioc Chan (Dedicação), Manuela Teresa Sousa Aguiar (Dedicação), Ho Tin Ka (Dedicação), Chui Iu (Mérito Desportivo), Hoi Long (Mérito Desportivo), Chu Chi Wai (Mérito Desportivo)

SEGUNDA FILA DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

Lou Wai Sek (Mérito Altruístico), Leong Sio Pui (Mérito Altruístico), Nuno Maria Roque Jorge (Mérito Altruístico), Maria Amélia António, em representação da Casa de Portugal em Macau (Mérito Cultural), Tang Chou Kei (Mérito Cultural), Ching Cheung Fai (Mérito Cultural), Tai Chan Lam (Mérito Educativo), Madre Yong Pac Hun (Mérito Educativo), Wong Lai Heng (Mérito Educativo), Wang Yitao (Mérito Educativo)

QUARTA FILA DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

Vong Ka I, em representação da Confraternidade Cristã Vida Nova de Macau (Título Honorífico de Valor), Chio Wai Keong (Título Honorífico de Valor), Lio Chon Hou (Título Honorífico de Valor), Ngou Pok Man (Título Honorífico de Valor), Wu Nok In (Título Honorífico de Valor), Hong Ka I (Título Honorífico de Valor), Ng Wing Mui (Título Honorífico de Valor), Ho Man Fai (Título Honorífico de Valor)

*** Os condecorados de 2011**

Ho Teng Iat, sentada à esquerda do Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, e Wan Chu, à direita, foram ambos agraciados com a Medalha de Honra Lótus de Prata.



EDUCAÇÃO EUROPEIA DE MÃO DADA COM MACAU

No regresso da sua primeira visita oficial à união Europeia, Chui Sai On trouxe na bagagem muitas novidades. Parcerias nas áreas da educação e negócios foram acordadas, com Macau a ter um papel maior nas relações económicas da Europa

O Governo de Macau vai avançar, em parceria com a União Europeia, com um curso de mestrado em Técnicas de Tradução Português/Chinês. Essa foi uma das certezas que a comitiva oficial da RAEM em Bruxelas trouxe de volta a casa, depois de encontros com altas autoridades europeias entre os dias 8 e 13 de Janeiro.

O presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, sublinhou ao líder do Governo de Macau a disponibilidade da União Europeia para alargar a cooperação para o desenvolvimento com a RAEM.

Num encontro com Chui Sai On em Bruxelas, Durão Barroso salientou que a União Europeia coopera com Macau e pretende apoiar a diversificação do tecido económico do território. "Tive ocasião de trocar opiniões sobre o desenvolvimento económico impressionante de Macau", explicou Durão Barroso, salientando que Macau tem hoje "um dos melhores desempenhos a nível económico no mundo", com crescimentos a dois dígitos e um forte excedente de receitas face às despesas feitas.

A conversa, porém, não se restringe apenas à

economia. O presidente da Comissão Europeia disse ter tido conhecimento, durante o encontro com o Chefe do Executivo de Macau, do esforço que as autoridades têm feito para encontrar novos pilares de crescimento. E a União Europeia afirma ter todo o interesse em participar nesta nova fase de desenvolvimento. "Nós próprios, União Europeia, estamos a trabalhar com Macau nesse sentido e pensamos, por exemplo, que a cooperação na área cultural, na área da Universidade de Macau, que procura uma maior internacionalização, na área de contactos entre populações e no capítulo do intercâmbio de estudantes e investigadores é uma cooperação importante", afirmou o dirigente europeu.

Com vontade de reforçar a cooperação, Durão Barroso considerou ainda o encontro com Chui Sai On "muito útil" e salientou que este mostrou as "boas relações que há entre a União Europeia e Macau que, aliás, se inserem no quadro das boas relações entre a União Europeia e a República Popular da China".

Já Chui Sai On classificou o encontro com Durão Barroso como muito positivo, no qual, disse, houve oportunidade de "fazer um balanço"



* Durão Barroso, presidente da Comissão Europeia, garantiu ao Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, que a União Europeia está disponível para alargar a cooperação com a RAEM

da cooperação realizada e também de perspetivar o futuro.

Em concreto, o Chefe do Executivo de Macau indicou o reforço das "actividades comerciais", o "ensino superior" e as "actividades culturais, um dos aspectos que Macau está agora a reforçar", embora tenha também salientado que no ensino superior a cooperação passa ainda pelo intercâmbio de estudantes, docentes e investigadores.

AMIZADES HISTÓRICAS

Florinda Chan, secretária para a Administração e Justiça, classificou a deslocação a Bruxelas como "um sucesso", referindo-se às várias áreas e programas de cooperação entre a União Europeia e Macau. Para a secretária, a conclusão positiva da cooperação fica a dever-se, numa primeira fase, à "amizade" com Portugal e à presença do país nas instituições europeias e, depois, também à amizade e forte vontade de colaboração com Macau e a República Popular da China.

Salientando que o projecto de mestrado "está ainda numa fase preliminar" e que "foram pedidas mais informações sobre o programa" que ar-

rancou recentemente em Maputo numa colaboração com Moçambique, Florinda Chan vincou a vontade política da Administração de Macau "proporcionar todas as ferramentas possíveis aos seus cidadãos, para que estes possuam toda a capacidade de desempenhar um excelente trabalho de tradução".

No caso de Macau, e comparativamente a programas feitos com outros países como Moçambique, Florinda Chan ressalva as diferenças, porque para os tradutores de Macau a importância é entre o português e o chinês, e não entre duas línguas mais próximas como o português/inglês ou português/francês.

"Daremos sempre preferência à qualidade. Por isso mesmo, desde 2006, quando se iniciaram os primeiros cursos complementares de técnicas de tradução com a União Europeia, nunca conseguimos preencher todas as vagas, porque exigimos sempre um grande rigor na avaliação das capacidades dos candidatos", disse.

Desde o início do primeiro curso complementar foram formados 38 técnicos, dos quais apenas nove não tinham um curso superior de Tradução, mas todos possuem licenciaturas.

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS

Florinda Chan mostrou-se grata às entidades europeias, pela cooperação com Macau, e disse que a visita do líder do Governo a Bruxelas terminou de forma positiva, porque quando há manifestação de vontade de continuar a colaborar, permitindo acrescentar valor à população e aos técnicos de Macau, é sempre um sinal positivo. Esta foi a primeira visita oficial, desde que tomou posse em Dezembro de 2009, em que Chui Sai On se encontrou com instituições europeias e o Governo belga. Além do encontro com Durão Barroso, o Chefe do Executivo reuniu-se ainda com o vice-presidente do Parlamento Eu-

ropeu, Libor Roucek, e com o encarregado de negócios em exercício da Missão da República Popular da China junto da União Europeia, Wang Hongjian, e com o encarregado de negócios da Embaixada da República Popular da China na Bélgica, Chen Xiaoming.

Integraram a delegação de Macau, entre outros dirigentes, a secretária para a Administração e Justiça, Florinda Chan, e o vice-presidente da Assembleia Legislativa, Ho Iat Seng. Macau e a União Europeia têm um acordo de cooperação multidisciplinar desde 1992 e, ao longo dos anos, têm vindo a reforçar os diversos programas.



* O delegado da representação de Macau na União Europeia, Raimundo do Rosário (à esquerda do Chefe do Executivo), faz uma apresentação sobre o funcionamento da Delegação Económica e Comercial de Macau em Bruxelas à delegação chefiada por Chui Sai On

2012 MIECF

Macao International Environmental
Co-operation Forum & Exhibition
2012年澳門國際環保合作發展論壇及展覽



主辦單位/Host



中華人民共和國澳門特別行政區政府
Government of the Macao
Special Administrative Region of
the People's Republic of China



澳門國際環保合作發展論壇及展覽(MIECF)是一年一度的高效能平台，在華南地區宣傳低
碳未來和城市可持續發展的解決方案。所舉辦的展覽會及會議的策略性定位在於促進泛珠
江三角洲地區與國際市場之間的技術交流及合作。

現在就請報名參展，向國際“綠色”行業的專業人士及決策者展示您的產品與服務！

The Macao International Environmental Co-operation Forum & Exhibition (MIECF) is a
major annual event and a highly effective platform to promote solutions for a low carbon
future and sustainable urban development in South China. The exhibition and
conferences are strategically positioned to nurture technology exchanges, and
co-operation between greater Pan-Pearl River Delta region and international markets.

Register as an exhibitor now to showcase your products and services to “green” industry
professionals and decision makers worldwide!

項目經理之聯絡方式 Contacts of Event Manager

澳門辦事處 Macao
Tel: +853 8798 9675
Email: miecf@koelnmesse.com.hk

香港辦事處 Hong Kong
Tel: +852 2511 8125
Email: miecf@koelnmesse.com.hk

綠色經濟 - 增長新動力

GREEN ECONOMY – NEW ENGINE FOR GROWTH

關注環保 · 親近自然 · 分享樂活
2012年3月29 – 31日 · 澳門

Thinking Green · Going Clean · Living Cool
29 – 31 March 2012 · MACAO

www.macaomiecf.com



MIECF

官方承辦單位/2012 MIECF Host Co-ordinators

澳門特別行政區政府部門
Government Bodies of Macao
Special Administrative Region



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macao
Macao Trade and Investment Promotion Institute



環境保護局
Direcção dos Serviços
de Protecção Ambiental

項目經理/2012 MIECF Event Manager



COOPERAÇÃO REGIONAL

O FUTURO NO CORRER DE UM RIO



É um dos mais badalados projectos onde Macau se insere, mas ainda há muito para saber sobre o desenvolvimento da Região do Delta do Rio das Pérolas

Texto: Joana Freitas

Foto: dreamstime.com

São nove cidades mais as duas regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong. A cooperação com a Região do Delta do Rio das Pérolas é a aposta do território para reforçar a integração regional e impulsionar a diversificação económica da RAEM.

Os benefícios de cooperação com cidades pertencentes à Região do Delta do Rio das Pérolas são já visíveis. “Ambos os Governos de Macau e da Província de Guangdong estão a unificar a cooperação e isso foi já importante para que esta zona do Rio das Pérolas fosse desenvolvida. Estamos já a explorar Hengqin (Ilha da Montanha), que antes era uma ilha deserta”, explicou Alexis Tam, porta-voz do Executivo de Macau. Em Hengqin está em construção o maior parque temático do mundo e, no fim deste ano está prevista a abertura do novo campus da Universidade de Macau.

É precisamente neste local que Macau adopta uma das estratégias apenas possíveis com a cooperação entre as regiões: a expansão territorial. “Em Macau, queremos diversificar a economia e isso é difícil porque não temos terreno”, explica Alexis Tam. “Agora, temos mais cinco quilómetros quadrados para desenvolver, para diversificar a nossa economia e a nossa indústria.” O espaço da Montanha dedicado a Macau é apenas um pouco mais pequeno que a ilha da Taipa e é mais uma forma da RAEM conquistar terra ao Rio das Pérolas.

A aposta aqui é que Macau consiga mais além do jogo. “Os cinco quilómetros quadrados da

COOPERAÇÃO REGIONAL

Ilha da Montanha - onde vamos cooperar com Guangdong - vão servir para investir e tornar a nossa indústria mais diversificada: o parque de medicina tradicional chinesa, o desenvolvimento das indústrias criativas e industriais e a educação, com o novo campus da Universidade de Macau”, frisa Alexis Tam.

A Universidade de Macau em Hengqin – com 1,9 quilómetros quadrados -, será 20 vezes maior do que a actual infra-estrutura na Taipa, dimensão que traz mais alunos chineses, estrangeiros e dos países lusófonos.

PLANOS RIO AFORA E COM A LUSOFONIA

A Região do Delta do Rio das Pérolas inclui as cidades de Cantão, Shenzhen, Zhuhai, Foshan, Jiangmen, Dongguan, Zhongshan, Huizhou e Zhaoqing, além das regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong. Com uma economia especialmente centrada nas exportações – 40 por cento do total das que existem no país -, esta zona é fulcral para o crescimento das receitas do Interior da China. Juntas, estas nove

cidades representam mais de dez por cento do Produto Interno Bruto (PIB) chinês e geram 80 por cento do produto de Guangdong. Se Guangdong, Macau e Hong Kong fossem consideradas como uma única entidade económica, o seu produto interno bruto seria o quarto maior da Ásia, logo a seguir ao Japão, Coreia do Sul e Índia.

Com Guangdong na dianteira das exportações – mas a depender inteiramente delas -, a intenção do planeamento passa por criar indústrias diversificadas e ligadas às novas tecnologias e inovações. Prevê-se já a criação de pelo menos 100 laboratórios na área da engenharia e pesquisa. A manufatura moderna consta também nos planos para esta região.

Guangdong é, sem dúvida, a que maior cooperação mantém com Macau e a assinatura, em 2011, do Acordo-Quadro de Cooperação entre as duas regiões veio reforçar isso. Mas entre as mais de duas dezenas de cidades nesta província, há uma que se destaca. “Zhuhai é muito perto de Macau e essa proximidade faz com que Zhuhai



CANTÃO

Área 0,08% da China

População 0,77% da China

Crescimento anual do PIB +12,7%

ZHUHAI

Área 0,02% da China

População 0,10% da China

Crescimento anual do PIB +12,1%

SHENZHEN

Área 0,02% da China

População 0,54% da China

Crescimento anual do PIB +12,2%

JIANGMEN

Área 0,10% da China

População 0,31% da China

Crescimento anual do PIB +11%

FOSHAN

Área 0,04% da China

População 0,42% da China

Crescimento anual do PIB +11,1%

ZHAOQING

Área 0,15% da China

População 0,26% da China

Crescimento anual do PIB +8,2%

HUIZHOU

Área 0,12% da China

População 0,25% da China

Crescimento anual do PIB +10,3%

DONGGUAN

Área 0,03% da China

População 0,50% da China

Crescimento anual do PIB +18%

ZHONGSHAN

Área 0,02% da China

População 0,18% da China

Crescimento anual do PIB +16,1%

seja a área mais importante. Não precisamos de apanhar transportes, passamos a fronteira a pé. Zhuhai está a desenvolver-se de forma rápida e, por isso, é importante intensificar a cooperação. Sem dúvida que o Acordo-Quadro de Cooperação Guangdong-Macau tem grande ênfase em Zhuhai”, explica Alexis Tam.

OS AMIGOS DE MACAU

Atingir o objectivo de transformar Macau num centro de turismo e de lazer a nível internacional, contando com as outras regiões do Delta para diversificar este sector, e não oferecer apenas “casinos” aos visitantes, é o maior e mais debatido objectivo do território.

A cooperação entre as regiões do Delta do Rio das Pérolas permite precisamente conjugar esforços que conduzem a um ritmo mais acelerado de desenvolvimento. A intenção – dado que Macau enfrenta dificuldades em não estar tão dependente do sector do jogo – é que quem visite o território possa encontrar o que procura noutras regiões.

O Governo Central oferece, por isso, a possibilidade do Delta construir infra-estruturas rodoviárias e ferroviárias para uma locomoção mais facilitada dos residentes e visitantes. Segundo o plano de desenvolvimento, o objectivo é que as viagens entre as regiões se façam em uma hora ou pouco mais. Para isso, o sector dos transportes está a desenvolver-se a alta velocidade, com comboios e sistemas de metro a diminuir as distâncias. Também as fronteiras passarão no futuro a estar abertas 24 horas, de forma a que quem trabalha e reside em regiões distintas dentro do Delta possa circular livremente. Neste aspecto, por exemplo, estuda-se a implementação da isenção de visto por 144 horas.

Os automóveis não foram esquecidos: um dos projectos mais prementes para ligar os dois lados do delta é a ponte Hong Kong – Macau – Zhuhai, cuja conclusão está apontada para 2016. As metas estão traçadas e as regiões cheias de planos. Para Macau, o território pode desenvolver-se três vezes mais do que o seu actual tamanho, conjuntamente com a sua economia. “Vamos ter mais facilidade de contratar pessoal e trazer serviços e bens”, prevê Alexis Tam.

Com a cidade de Zhuhai cada vez mais a afirmar-se como centro industrial de alta tecnologia, a RAEM poderá beneficiar dos sectores de



Foto: dreamstime.com

electrónica, *software*, biotecnologia e farmácia bem como as indústrias petroquímicas.

Estima-se que cerca de 60 mil empresas de Hong Kong têm 53 mil das suas fábricas no Delta do Rio das Pérolas, o que pode proporcionar oportunidades de emprego para mais de um milhão de pessoas. Entre elas, podem estar os residentes de Macau.

Apesar das barreiras que se impõem entre as regiões – como os diferentes sistemas jurídicos e legislativos – Alexis Tam mostra-se confiante no sucesso da cooperação. “Esta zona vai tornar-se um pólo internacional no sector dos serviços e do turismo. Vai ser a zona mais dinâmica do mundo. Não tenho dúvidas nenhuma que, com este ritmo, todas as áreas do Delta do Rio das Pérolas vão ter um desenvolvimento impressionante.” Além do importante papel de complementaridade, o desenvolvimento do Delta do Rio das Pérolas deixa ainda outro marco na colocação da China no palco mundial, já que mostra uma política pioneira de abertura ao exterior.

O QUE SE PRETENDE COM O PLANO DE DESENVOLVIMENTO?

- Integração do planeamento urbanístico e redes de transporte ferroviário entre as regiões. O lema do plano é coordenação e não construção individual

- Cooperação industrial e desenvolvimento do sector de serviços: as convenções e exposições, a cultura, o desporto e o turismo

- Atingir o objectivo de transformar Macau num centro de turismo e de lazer a nível internacional, contando com as outras regiões do Delta para diversificar este sector e não oferecer apenas “casinos” aos visitantes

- Desenvolvimento da cooperação nas áreas de serviços e de tecnologia avançada, principalmente com Zhuhai

- Melhorar a passagem nos postos alfandegários, de forma a facilitar a circulação de pessoas, mercadorias e veículos

- Construir um espaço verde na região do Delta do Rio das Pérolas sob o lema “céu mais azul, terra mais verde, água mais limpa”

“AGORA É SÓ ANDAR PARA A FRENTE”

Focado na Província de Guangdong e no Acordo-Quadro de Cooperação entre esta região e Macau, Alexis Tam, porta-voz do Executivo, fala sobre o papel e os benefícios de Macau no Delta do Rio das Pérolas

Texto: Joana Freitas | Fotos: Carmo Correia



CADA UMA DESTAS CIDADES DO DELTA DO RIO DAS PÉROLAS TEM UMA CARACTERÍSTICA ESPECÍFICA. HÁ ALGUMA QUE SE ADAPTE MELHOR A MACAU?

Zhuhai é muito perto de Macau e essa proximidade faz com que Zhuhai seja a área mais importante. Como Shenzhen para Hong Kong. Zhuhai está ainda mais perto do que essas duas regiões, não precisamos de apanhar transportes. Passamos a fronteira a pé. Zhuhai está a desenvolver-se de forma rápida e, por isso, é importante intensificar a cooperação. Sem dúvida que o Acordo-Quadro de Cooperação Guangdong-Macau tem grande ênfase em Zhuhai.

QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS SERVIÇOS QUE PROVÊM DE ZHUHAI PARA MACAU?

Muitos. Eu posso dizer que os sectores mais importantes são o turismo, as convenções e exposições. Uma vez que Macau já foi classificado pelo Governo Central como um futuro Centro Internacional de Turismo e Lazer a nível internacional, precisamos da nossa vizinha Zhuhai



para ter essa vantagem. Hengqin está muito perto também. Macau pode ser o locomotor e Zhuhai a conexão. Depois, temos Cantão como o suporte para ajudar Macau a tornar-se esse Centro de Turismo. Além disso, os cinco quilómetros quadrados da Ilha da Montanha onde vamos cooperar com Guangdong vão servir para investir e tornar a nossa indústria mais diversificada: o parque de medicina tradicional chinesa, o desenvolvimento das indústrias criativas e industriais e a educação, com o novo *campus* da Universidade de Macau.

ESSA COLOCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE MACAU NA ILHA DE HENGQIN VAI TRAZER MAIS ALUNOS DE OUTRAS PROVÍNCIAS?

Sim, penso que isso vai acontecer porque a Universidade de Macau que está em fase de construção é quase 20 vezes maior que o *campus* actual. E está quase pronto, no final deste ano. É de uma grande dimensão – 1,9 quilómetros quadrados e

isso vai atrair mais alunos de todas as províncias da China, como de fora e dos países lusófonos.

SE COMPARARMOS MACAU ACTUAL COM O DE ANTES DA COOPERAÇÃO COM OUTRAS CIDADES, QUAIS AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS?

Bem, agora os governos estão a unificar a cooperação e isso é importante para que esta zona do Delta do Rio das Pérolas seja desenvolvida e para explorar a Ilha da Montanha, que antes era uma ilha deserta sem ninguém, e agora vai ter a inauguração do novo campus, mais o parque de diversões que vai ser o maior do mundo.

O FACTO DE GUANGDONG COOPERAR COM MACAU NA EXPLORAÇÃO DA ILHA É MELHOR DO QUE SE AMBAS AS REGIÕES O FIZESSEM SOZINHAS?

Sim. Em Zhuhai há muitas ilhas, centenas. E Hengqin era uma ilha deserta que, se não fosse



Macau, também não se ia desenvolver com o ritmo que está. As pessoas olham para Macau e sabem que está a desenvolver muito. Isso mostra que Macau deve diversificar a economia e não apenas apostar no turismo e no jogo. Ambos os lados ganham com o desenvolvimento da ilha. Em Macau, é difícil diversificar a economia porque não temos terreno. Agora temos cinco quilómetros quadrados para desenvolver. A dimensão da Taipa é de 6,7 quilómetros quadrados.

OS PAÍSES LUSÓFONOS ESTÃO DENTRO DOS PLANOS DE DESENVOLVIMENTO DE HENGQIN?

Sim, absolutamente. Por isso, depois da assinatura do Acordo-Quadro foi estabelecido contacto entre Guangdong e Portugal e muitos países lusófonos estão interessados em perceber a economia de Guangdong. Macau será essa plataforma e daqui para a frente ainda vamos fazer muito mais.

"Não tenho dúvidas nenhuma que, com este ritmo, todas as áreas do Delta do Rio das Pérolas vão ter um desenvolvimento impressionante", considera Alexis Tam

QUAIS OS PONTOS-CHAVES ENTRE A COOPERAÇÃO MACAU-GUANGDONG?

O Acordo tem duração de dez anos e nesse período esta zona vai tornar-se um pólo internacional no sector dos serviços e do turismo. Vai ser a zona mais dinâmica do mundo. Não tenho dúvidas nenhuma que, com este ritmo, todas as áreas do Delta do Rio das Pérolas vão ter um desenvolvimento impressionante. Vamos ter mais facilidade de contratar pessoal, serviços e bens. Podemos ir ao Interior da China 24 horas por dia - gradualmente isso vai acontecer. De carro, a pé ou de comboio. Dentro de uma hora chegar a todo o lado.

MAIOR DIFICULDADE DESTES DESENVOLVIMENTO?

Não vejo dificuldade, depende da vontade. Agora, com o apoio do Governo Central – que publicou o 12.º plano quinquenal – está tudo muito claro. É só andar para a frente.

AS LETRAS PASSAM POR AQUI



HÉLDER BEJA

Subdirector da Rota das
Letras – Festival Literário
de Macau

Fotos: António Mil-Homens

Que ideia desvairada a de fazer um festival literário em Macau. Será? Até pode ser, mas às vezes as boas ideias são assim: aliam grandes doses de potencial a doses ainda maiores de surpresa. A Rota das Letras é uma dessas ideias.

O primeiríssimo festival literário de Macau, que aconteceu de 29 de Janeiro a 4 de Fevereiro, pode não ter transformado a cidade, mas lançou uma semente. A semente para um encontro de mulheres e homens de letras que anualmente rumarão a Macau para conhecer esta terra, estas pessoas, esta encruzilhada de seres humanos. Anualmente, como já este ano, estas mulheres e estes homens beberão a história de Macau e a Macau contemporânea, que caminham lado a lado, e sobre elas escreverão.

A Rota das Letras trouxe a Macau nomes grandes da literatura portuguesa, como José Luís Peixoto. Trouxe nomes consagrados, como José Rodrigues dos Santos. E trouxe também jornalistas talentosos que decidiram experimentar a ficção, como Rui Cardoso Martins e Paulo Aído. A eles juntaram-se João Paulo Cuenca e Tatiana Salem

Levy, com sangue e ideias frescas do Brasil. Das letras chinesas, Su Tong foi o príncipe que aceitou o convite de visitar Macau. Teve a companhia de Jimmy Qi, chegado de Pequim, e de Lolita Hu e Jade Y. Chen, de Taiwan. Xu Xi, de Hong Kong, mostrou que é possível escrever em inglês na Ásia e ter livros publicados aqui e nos Estados Unidos da América. Uns mostraram perante o público que já os conhecia o porquê de estarem publicados, de serem lidos. Outros mais desconhecidos (porque ainda não traduzidos), como a inteligentíssima Lolita Hu, mostraram que



há e haverá sempre mais um grande pensador para conhecer amanhã.

Podia continuar a escrever sobre os convidados e a saltar para as outras áreas que o programa abarcou, como o cinema (Miguel Gonçalves Mendes, Ivo Ferreira, Tony Ayres), a música (Aldina Duarte, Noiserv, Nancy Vieira), as artes plásticas (André Carrilho, Mito Elias). Eles merecem estas palavras e esta atenção. Mas é mais interessante reflectir sobre o festival. Na minha cabeça a Rota das Letras fez sempre sentido. Mais: estava na cara que fazia sentido. Macau, por todas as suas especificidades históricas

e geográficas, afigurava-se como o lugar certo (talvez até o único lugar) para fazer nascer um acontecimento que aqui juntasse autores dos países lusófonos e da China. Em Portugal, e apesar da crise, o mercado editorial continua forte e escreve-se com qualidade. Por cá, e mesmo com os caracteres que nos separam, percebe-se que a edição tem uma escala gigantesca e que a leitura, se bem promovida, pode seguir o mesmo caminho.

João Paulo Cuenca disse, numa das sessões da Rota das Letras, que se tivesse dinheiro fundaria em Macau uma editora apenas especializada em

traduzir autores do português para o chinês e vice-versa. José Rodrigues dos Santos acrescentou que o festival deve vir a ser um meio e não um fim em si mesmo, deve potenciar traduções e compra de direitos autorais, deve de facto aproximar estas duas grandes fatias do mundo que se entendem nestes dois idiomas. São apontamentos importantes de quem está atento a um caminho que pode ser feito. Nós esperamos poder ajudar. Nada melhor que acções concretas para consubstanciar ideias. E desta primeira edição da Rota das Letras já se extrairão proveitos

FESTIVAL LITERÁRIO
DE MACAU





* O deputado Pereira Coutinho, Rita Santos do Fórum Permanente para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e Países de Língua Portuguesa, Wu Zhiliang, presidente da Fundação Macau, o cônsul-geral de Portugal em Macau Manuel Cansado de Carvalho, o Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura Cheong U, Lei Heong Ioc, presidente do Instituto Politécnico de Macau, o presidente do Instituto Cultural Ung Vai Meng, o director executivo da SJM Ambrose So e Ricardo Pinto, director do Festival, fizeram as honras de abertura do evento

bem reais. Além de todos os projectos imprevisíveis que daqui podem partir – e nesta edição a MACAU dá conta de um deles, encabeçado pelo cineasta Miguel Gonçalves Mendes –, há um fruto já assegurado que medrará deste festival: os contos que os autores que visitaram Macau escreverão sobre esta terra. As palavras são a nossa memória. É certo que as imagens também. Mas as palavras registam-nos e ao nosso tempo de um modo que, por ser tão especial, não perdeu acutilância ao longo de séculos – nem mesmo com toda a tecnologia que hoje utilizamos. Isto serve para dizer que Macau terá o privilégio de ficar gravada na memória colectiva de todos através das palavras escolhidas e orquestradas por grandes autores. E Macau, esta Macau de casinos que não é só de casinos, precisa de ver esta sua contemporaneidade registada, precisa de olhar-se ao espelho (e há poucos espelhos melhores que os livros), precisa afinal de saber caracterizar-se e rir-se de si própria. Os livros de contos em português, chinês e inglês serão frutos prontos a colher na segunda edição da Rota das Letras, um festival que por essa altura estará também ele mais maduro. Além dos contributos inéditos daqueles que nos visitaram, os livros vão conter ainda textos de novos autores que arriscarão escrever e participar no concurso de contos que o festival lançou e que está aberto a todos até 31 de Maio deste ano. Não se constrói um festival

FESTIVAL LITERÁRIO DE MACAU

literário num ano. E não se acrescenta o amor pelo livro e pela leitura ao esqueleto de uma sociedade em meia dúzia de anos. Perto de Bruxelas, na Bélgica, há uma pequena vila cujo nome não recordo e que visitei ainda antes de rumar à Ásia. Praticamente só tem livrarias, restaurantes e pousadas. É um pedaço de planeta encantador, com pastos verdes e ribeiros, e um paraíso para os amantes do livro que foi sendo construído ao longo de décadas. Claro que Macau nunca será assim, nem tem por que sê-lo. Mas Macau deve ao livro um lugar que ele ainda não tem, deve-lhe mais atenção e reconhecimento, deve-lhe a confirmação de um estatuto nobre que o conheci-

* Sessão de autógrafos do escritor chinês Su Tong, o português José Rodrigues dos Santos e a escritora taiwanesa Jade Y. Chen que apresentaram algumas das suas obras ao quinto dia de festival





* O escritor Rui Cardoso Martins e a realizadora Yara Costa durante o painel "China e os Países de Língua Portuguesa - Um Romance"

mento e a memória devem ter em qualquer ajuntamento de seres civilizados. A Rota das Letras pode não ter transformado a cidade, mas deitou à terra uma semente: a semente de elevar o livro e a leitura a patamares que nos podem tornar a todos melhores. E de fazê-lo aproximando novamente as duas grandes culturas que dão a Macau esta cor tão especial. A lusofonia ficou um bocadinho mais chegada à China

através das palestras que organizámos, mas também dos jantares em que partilhámos as nossas vidas; através dos filmes que vimos, mas também das caminhadas que demos pela cidade; através do que todos trouxeram, mas também do muito que levaram consigo – incluindo novos amigos, novos contactos, novas ideias. O próximo capítulo deste romance só pode ser ainda melhor.

ESCREVER MACAU

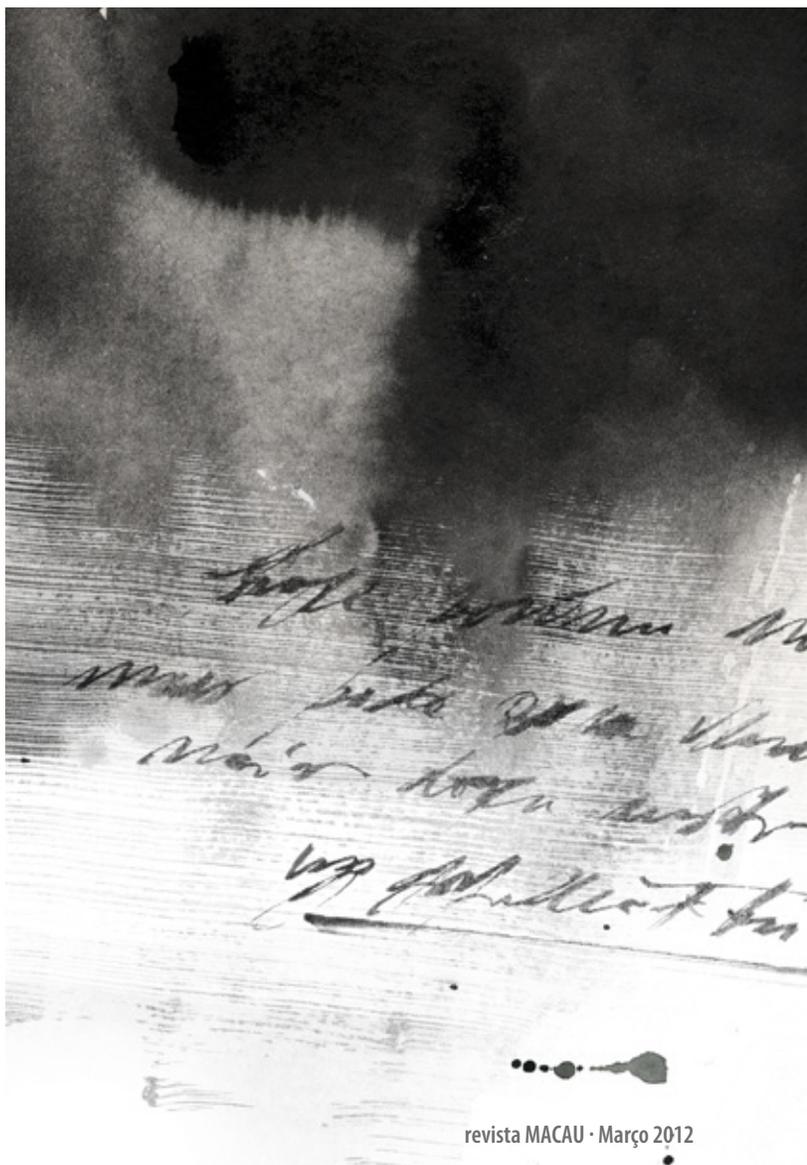
Breve panorâmica em torno
da representação literária da
cidade por escritores
portugueses e chineses



ANA PAULA DIAS

Coordenadora do Centro
de Língua Portuguesa do
Instituto Português do
Oriente

Ilustração: Rui Rasquinho



Chegou há dias a nau de Macau que se esperava, tendo partido daqui há vinte meses, onde isso vai, ainda Sete-Sóis andava na guerra, e fez feliz jornada apesar de ser larga a viagem, que fica Macau muito para lá de Goa, terra de tantas bem-aventuranças, a China, que excede a todas as outras nos regalos e riqueza, e os gêneros todos quanto pode

ser baratos, e tem de mais o favorável e sadio do clima, tanto que de todo se ignoram achaques e doenças, por isso não há nela médicos nem cirurgiões, e morre cada um só de velho e desamparado da natureza, que não nos pode garantir sempre.

JOSÉ SARAMAGO,
MEMORIAL DO CONVENTO



Território multiétnico a partir da sua formação, Macau foi, desde cedo, um referente geográfico-cultural que serviu de pano de fundo para a produção de inúmeros textos ficcionais, históricos e etnográficos. Talvez a presença literária portuguesa no Extremo Oriente e a história literária do fascínio pela longínqua Macau remonte à passagem de Fernão Mendes Pinto pela cidade, em 1555, ou à celebrada tradição da estadia de Camões no burgo, que faz parte da sua mitologia e que, por sua vez, ela própria é motivo literário. O exemplo do escritor holandês J. Slauerhoff, que em 1932 publicou um romance no qual Camões e Macau surgem como protagonistas, ilustra o apelo global que se consubstanciou num sem número de escritos dos que por aqui passaram ou daqueles que se achegaram a esta terra unicamente no papel. Também Garrett já se apropriara deste tópico e lhe atribuíra um valor poético imprescindível no seu poema lírico-narrativo *Camões*. Abundam, entre os séculos XVI e XIX, descrições da Cidade do Nome de Deus da China, memoriais, relatórios, cartas de jesuítas e não só, crónicas, diários, ensaios, testemunhos de amor... A curta visita de Bocage a Macau deixa marcas na obra do escritor em elegias dedicadas às macaenses, “senhoras de grande linhagem e de grande beleza” e em sonetos (embora o poeta não se mostrasse seduzido pela cidade, como o testemunha um deles¹). A

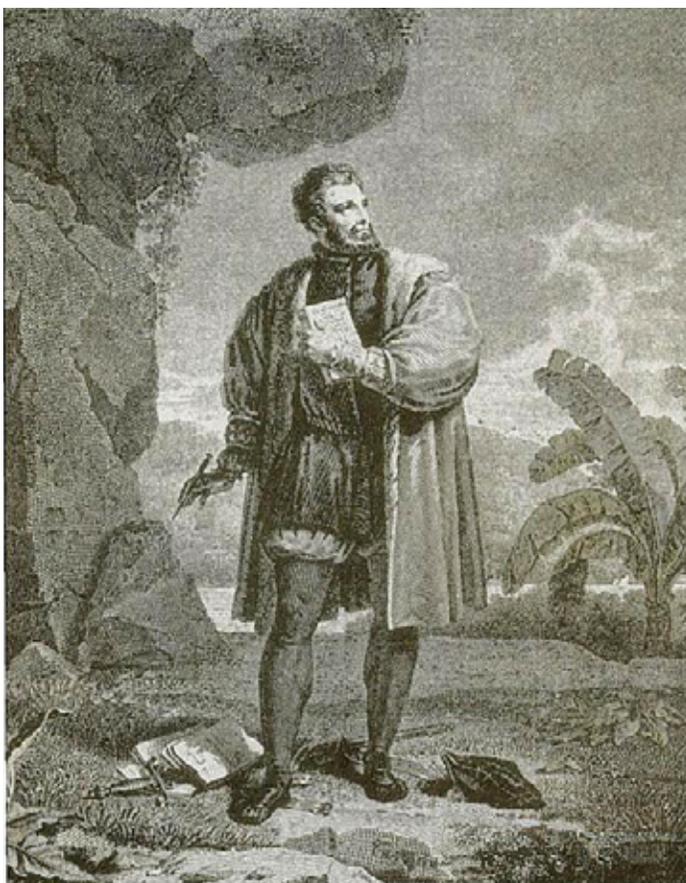
também curta passagem de Venceslau de Moraes por Macau, um dos mais importantes escritores europeus orientalizados, deu origem a textos incluídos num dos seus mais conhecidos livros².

Textos de três dos maiores escritores da literatura portuguesa - Alexandre Herculano, Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco³ (dos dois primeiros textos de intervenção e do último uma crónica) - referem analogamente Macau. A relação conturbada com Macau e a com a cultura chinesa de Camilo Pessanha

(1) Soneto n.º 196 in Bocage, *Obra Completa*, 1º vol. Sonetos, Porto, Edições Caixotim, 2004

(2) *Traços do Extremo Oriente*.

(3) «Madame de Paiva» in *Boémia do espírito*, Camilo Castelo Branco, 4ª ed., Porto, Lello & Irmão Editores, 1959.





determinou uma abordagem original no que toca ao tratamento de alguns *topoi*, que está patente na sua poesia e prosa. Dialogia, tradição e ideologia convergem nesses textos que, mesmo escritos há quase um século, não perderam a elegância das suas proposições. António Rebordão Navarro viria, mais tarde, a escrever-lhe a biografia reinventada.

Manuel da Silva Mendes foi contemporâneo de Pessanha e colaborou em vários jornais (*A Vida Nova*, *Jornal de Macau*, *Pátria*) e revistas da época (*O Oriente*, *Revista de Macau*). As suas cróni-

cas mais representativas da cidade foram coligidas por Graciete Batalha em *Macau, Impressões e Recordações* (1979).

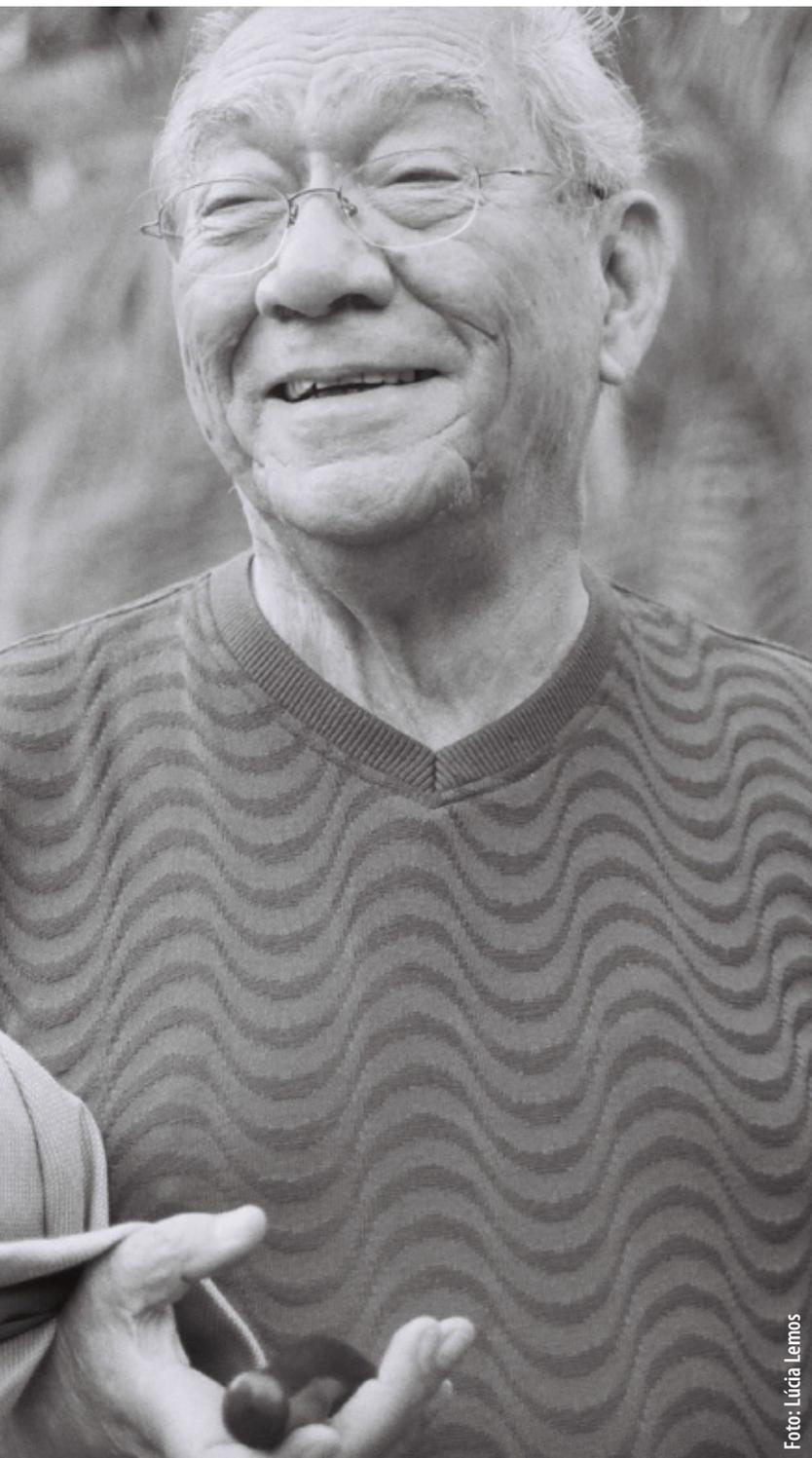
O romance, a novela, o conto e a poesia tendo Macau por palco são praticados, sobretudo a partir do século XX, por portugueses e macaenses como Emílio de San Bruno (considerado por alguns como precursor da literatura policial portuguesa⁴), Francisco de Carvalho e Rêgo (também com um romance policial⁵), Ruy Santelmo, Luis Gonzaga Gomes, Maria Anna Tamagnini, Ernesto Leal, Miguel Torga, Joaquim Paço d'Arcos,

Maria Ondina Braga. Em Ferreira de Castro há um capítulo dedicado à sua estadia na cidade.

Deolinda da Conceição, José dos Santos Ferreira, Henrique de Senna Fernandes (destaquem-se *Nam Van – Contos de Macau*, *Amor e Dedinhos do Pé* e *A Trança Feiticeira*, estes dois últimos adaptados para o cinema) são os nomes grandes da

(⁴) *O caso da rua Volong*

(⁵) *O caso do tesouro do templo de Á-Má*



literatura macaense⁶ e, tendo nascido e vivido na cidade, de alguma forma a personificação da Macau do século XX. Altino do Tojal, Alice Vieira, António Torrado, Eugénio de Andrade, João Aguiar, Rodrigo Leal de Carvalho – e a extensa lista poderia prolongar-se – são outros tantos que vêm desmentir a ficção histórica dos versos de José Jorge Letria, “Aqui em Macau não há homens de letras,/ só piratas, clérigos e soldados”.

Do lado chinês, a presença de Macau na literatura remonta igualmente ao século XVI. Testemunha-o Tang Xianzu, célebre dramaturgo da dinastia Ming, que lhe dedica quatro poemas e um episódio da sua famosa peça, *O Pavilhão das Peónias*, com a cidade por cenário. Da interação entre as culturas chinesa e portuguesa ao longo dos 300 anos que se seguem resulta uma vasta produção poética por parte de oficiais e intelectuais da China continental que se deslocavam a Macau, poesia esta recolhida em dois volumes por Zang Wenqin. A poesia de Wu Li e a de Li Xiliang, por exemplo, reflete (sobre) as diferenças culturais que coexistem na cidade. No início do século XX, o poeta e patriota Wen Yiduo, traduzindo o espírito

(⁶) Embora haja quem defenda que o termo literatura macaense não se aplica, por macaense ser mais a temática do que a autoria

da época, escreve um longo poema, *A Canção dos Sete Filhos*, em que manifesta o desejo de reintegração do território na China - e que mais tarde será cantado pela jovem Rong Yunlin para celebrar a transferência de soberania, em 1999.

A partir dos anos 80 o campo das letras do Território assistiu à publicação de várias antologias de poesia e prosa e de obras de ficção em que Macau marca presença, como *Primavera Plena* de Chang Zheng, *Árvore de Amor e Nuvem e Lua* de Lin Zhouying, *Amor Errado* de Zhou Tong, *Antologia de Contos de Macau* (compilada por Yi Gang) e *Nevoeiro no Coração*, uma coleção de minicontos da Wai Ming e de outros contistas locais, apenas para citar algumas. Em janeiro de 1985, foi editada a primeira coleção das obras literárias *Coleções das Produções Literárias de Macau*, compiladas em cinco volumes pelo Dr. Yun Weili (com o pseudónimo Yun Li). Das coleções acima mencionadas, fazem parte as coletâneas poéticas *Mar Lingding* de Han Mu, *Deserto Sem Fim* de Yun Li, as antologias coletivas *Folhas aos Pares e Três Cordas Musicais* (poesia e prosa, respectivamente). Quer na viragem do século, quer já no século XXI, a publicação de obras como *Antologia de Novos Poemas de Macau*, organizada pelo poeta Zheng Weiming, a *Antologia de Poetas de Macau*, cuja selecção e organização esteve a cargo de Jorge Arrimar e Yao Jingming, a *Antologia de Poesia Contemporânea de*

Macau, da responsabilidade do Professor Guanding ou *As alucinações de Ao Ge*, de Lio Chi Heng, escrito em e sobre Macau, traduzido para francês e adaptado para o cinema (*Diago*, realizado por Chi Zang em 2010), são apenas alguns dos exemplos que prosseguem a dinâmica de criação literária nesta cidade onde a realidade fecunda e promissora se constitui como fonte de inspiração continuada para poetas e ficcionistas.

BIBLIOGRAFIA

- Eberhard, Wolfram (2000) *A Dictionary of Chinese Symbols*. Londres: Routledge.
- Fairbank, John K., Goldman, Merle (2006) *China: uma nova história*. Porto Alegre: LP&M.
- Shijing [*O Livro dos Cantares*] (1979). Tradução de Joaquim A. Guerra. Macau: Jesuítas Portugueses.
- Tang, Xianzu [汤显祖] (2006). *《牡丹亭还魂记》* [*O Pavilhão das Peónias*] in Chen, Z.Y e Wu, Y.S. (Org.) *《中国文学名著导读》* [*Guia das Obras Clássicas Chinesas*]. Wuhan: Changjiang, p. 517-524.
- Wei, Ying-Tao [魏迎涛] (2006) “中国传统的牡丹图案装饰与设计” [*Formas da peónia na gravura tradicional chinesa*] in *Revista do Instituto Tecnológico de Zuzhou* 20 (5), p. 9-11.
- Yang, Maolan [杨茂兰] (Org.) (1985) *《历代咏牡丹诗词四百首》* [*Quatro centos poemas de todos os tempos dedicados à peónia*]. Beijing: Zhongguo Zhanwang.
- Página da Assembleia Popular Nacional, disponível em: <http://www.npc.gov.cn/>, acessada em 12 de Março de 2011.
- Página de caligrafistas e pintores chineses, disponível em: <http://www.zgmhj.com/ldmj.htm>, acessada em 12 de Março de 2011.

TAIWAN



LIVROS QUE NUNCA DORMEM

A pouco mais de uma hora de avião de Macau mora uma livraria que deve ser caso único no mundo: a Eslite, em Taipé, está aberta 24 horas todos os dias. E tem muitos visitantes nocturnos. Está prestes a chegar a Hong Kong

Texto e fotos: Hélder Beja, em Taiwan



TAIWAN

São duas da manhã e apetece-me comprar um livro. Se estivesse em Macau ou em muitas outras cidades do mundo teria de ficar-me pelas lojas de conveniência, que oferecem alguns livros e um número razoável de revistas, da *Time* à *The Economist*. Mas estou em Taipé, Taiwan, cidade que alberga um “segredo” chamado Eslite, uma livraria (e discoteca e videoteca) aberta 24 sobre 24 horas, sempre com gente dentro.

É madrugada e, faz de conta, apetece-me livros de autores da Europa de Leste, DVD com todos os clássicos italianos e os últimos discos de música do mundo. Estou no sítio certo para encontrar tudo isto e muito mais. À porta da Eslite (誠品), no distrito de Dunhua, – uma das várias espalhadas pela cidade, mas a única 24h – acumulam-se pessoas a conversar e a fumar cigarros. São quase todas jovens.

Entrar numa livraria à hora em que os bares e pubs da cidade estão cheios é como tomar um pequeno-almoço reforçado às quatro da tarde. A gente sabe que está a quebrar rotinas, a fazer o que não é suposto, mas é possível e sabe sempre bem.

Dobro a porta da Eslite e depressa me esqueço do relógio. Aqui dentro a livraria funciona como se fosse três da tarde: eficiente, confortável, com metros e metros de estantes carregadas. Das colunas, em vez dos últimos êxitos mais ou menos barulhentos da pop, sai música clássica prolicia à ocasião.

A secção de jornais e revistas fica perto da entrada. É uma das mais procuradas, à semelhança da que alberga os livros de fotografia, e tem todas as grandes publicações mundiais em língua inglesa, ao lado de um sem fim de títulos em chinês. É possível pegar em qualquer revista – mesmo as que estão seladas – e pedir para lê-la noite dentro.

Pelo chão de madeira dos vários patamares do edifício espalham-se adolescentes e jovens adultos, com montes de estilo, auscultadores nos ouvidos e livros nas mãos. Alguns vieram mesmo para fazer serão. Ying Lee é taiwanesa e serve-me de guia nesta visita à Eslite. Conta-me que tem um cartão VIP que vale um desconto e que posso utilizá-lo. Todos os estudantes têm este cartão que torna a Eslite mais barata.

Vir à Eslite durante a noite tornou-se habitual para uma franja da juventude taiwanesa, aquela



* Nas diferentes salas desta gigante casa de livros a oferta parece interminável, entre obras em inglês e literatura em chinês

que de vez em quando prefere os apontamentos das aulas ou os romances de Murakami aos cocktails, mesmo que esses também tenham nomes de escritores. O Yuedu Cafe, instalado dentro da livraria, não fica aberto toda a noite mas até às três horas é possível conseguir uma chávena de chá ou café (ou até uma cerveja) para acompanhar um bom livro.

Ying Lee diz-me que muitos jovens locais vêm estudar para a Eslite. Além da cafetaria – e do chão que serve de sofá – a livraria tem uma sala com mesas munidas de candeeiros e tomadas para ligar computadores. Está tudo pronto para receber os noctívagos que querem estudar até altas horas.

誠品書店 eslite bookstore



OFERTA TOTAL

O catálogo da Eslite ombréia com (e em certos casos até supera) o de cadeias internacionalmente reconhecidas como a Fnac. Taiwan é um dos lugares da Ásia onde mais se edita – em chinês mas também em inglês – e além disso a oferta de produtos culturais importados é esmagadora.

A livraria da Tunhua South Road, onde passei um par de horas antes de trocar os filmes de Cronenberg por uma Carlsberg mais apropriada para o horário, é a estação de serviço desta cadeia de lojas, mas é no distrito de Xinyi, junto ao metro de Taipei City Hall, que está o ex-libris da Eslite – a maior livraria da Ásia.

São sete pisos, com livros, produtos de design, livros, material de escritório, livros, uma galeria de arte, livros, aparelhos electrónicos, livros, discos e mais discos, livros e filmes e comida e cafés.

O edifício, nas imediações do vertical 101, tem a marca do arquitecto taiwanês Ray Chen, que desenhou e já foi premiado pelas mais de duas dezenas das quase 40 lojas que a empresa tem espalhadas pelas várias cidades de Taiwan. Para os próximos anos estão previstas ainda mais (ver caixa).

Nas diferentes salas desta gigante casa de livros a oferta parece interminável, entre obras em inglês e literatura em chinês. Os autores lusófonos

TAIWAN

não estão esquecidos, com as traduções de *Ensaio Sobre a Cegueira* e *Memorial do Convento*, de José Saramago, bem destacadas na secção de literatura estrangeira.

Na Eslite aplica-se à letra o ditado de que os livros nunca dormem. Aqui as histórias ganham vida a horas pouco convencionais. Talvez isso explique por que motivo eu e outros 120 milhões de visitantes (só em 2011) nos sentimos atraídos por esta loja privada que às vezes mais parece uma biblioteca pública. Mesmo durante a noite.





ESLITE EXPANDE-SE PARA HONG KONG E INTERIOR DA CHINA

No segundo semestre deste ano, anunciou a Eslite Corp., inaugura-se a primeira loja da cadeia fora de Taiwan. Será bem perto de Macau, em Hong Kong, e representará o primeiro passo de uma estratégia de expansão que nos próximos anos passa também pelo Interior da China. A empresa revelou ainda que tenciona abrir uma outra unidade, com centro comercial, hotel e cinemas em Suzhou, na província de Jiangsu. O projecto deve estar pronto em 2014. Pequim, Xangai, Nanjing e Wuxi são, de acordo com a revista *Forbes*, os destinos que se seguirão. Para Macau ainda não há planos.

MALANGATANA VALENTE
NGWENYA
1936 - 2011
HAMBANINE TATANA
WISA HA HOMBE
A KU RHULENT



MALANGATANA, UM ANO DEPOIS

O mestre Malangatana largou o pincel há um ano.
O seu sonho está silencioso, mas não morto,
porque há quem continue a lutar por ele

Texto: Marta Curto | Fotos: Ricardo Franco, em Moçambique

MOÇAMBIQUE

Em Matalana, ouve-se o cantar dos pássaros. As vozes, gargalhadas ou passos que podiam abafar o piar não estão lá.

Não é fácil chegar ao Centro Cultural de Matalana. A cerca de 30 quilómetros de Maputo, há que entrar por uma estrada de terra batida, e continuar sempre em frente, até encarar um desvio para a direita. Até lá, não há alcatrão, nem sinalética luminosa. Mas todos sabem onde é, basta perguntar. Caminhantes de beira de estrada, miúdos que vendem qualquer coisa numa banca de madeira partida, senhores de meia idade que descansam à sombra, estudantes que chegam da escola. A todos perguntamos. Para quem não sabe dizer onde é o Centro Cultural, reformula-se a pergunta. Onde está o Malangatana? Logo vêm as explicações.

Malangatana Valente Ngwenya nasceu no dia 6 de Junho de 1936 em Matalana, perto da então Lourenço Marques, hoje Maputo. Morreu no dia 5 de Janeiro, em Portugal. A caminhada foi longa e cheia de acasos da vida que acabaram por torná-lo no maior representante da cultura

de Moçambique. Era um homem descrito como humilde, amigo, sempre pronto a ajudar e sonhador. Foi o sonho que construiu aquele espaço, o Centro Cultural de Matalana.

Numa entrevista dada à revista *New Internationalist*, em 1989, Malangatana contou que ali estudou até ao segundo ano na Escola da Missão Suíça na Matalana. Aprendeu várias técnicas criativas como olaria, cestaria e a carpintaria. A experiência foi tão marcante que, há 20 anos, o artista decidiu criar o Centro Cultural para levar a arte a Matalana, sobretudo aos mais jovens.

O Centro está implementado numa área com cerca de 12 hectares e foi desenhado para ter uma utilização polivalente, como actividades de capacitação da população, trabalhos com crianças e jovens de Matalana, ligação a instituições culturais e artistas moçambicanos, assim como a universos culturais de outros países e povos.

Chegaram ali a tocar, num auditório a céu aberto virado para um vale, Maria João Pires e Rão Kyao, fizeram-se exposições e receberam-se diversas visitas que ocuparam as páginas dos jor-



* O Centro está implementado numa área com cerca de 12 hectares e foi desenhado para ter uma utilização polivalente



* No espaço da sala de leitura, que uma placa nomeia como o Centro de Formação Profissional, inaugurado, em 1987, centenas de livros amontoam-se à espera de prateleiras



A influência de Malangatana existe mais como inspiração para todos os artistas moçambicanos

nais, nomeadamente Sérgio Godinho e António Vitorino de Almeida. Ainda assim, o sonho ficou a meio, quando, com 74 anos, Malangata perdeu a vida. Hoje a sua sepultura jaz entre duas árvores, virada para os marcos da construção da Fundação Malangatana, cuja obra devia ter começado em Agosto de 2010. E no Centro Cultural de Matalana, apenas se ouvem os pássaros. Mal pára um carro, logo vem um dos quatro guardas, dois homens e duas mulheres, perguntar, com um sorriso, o que ali se quer. Ver o sítio. Pois, que sim, que mostra.

O senhor Armando é o homem de serviço naquele sábado de manhã.

Começa pela residência dos artistas, uma casa redonda, dando para um pátio interior, cheio de pequenos quartos. Já ali houve artistas a pernoitar enquanto trabalhavam nesta ou naquela actividade do centro. Naquele sábado, ninguém ali acordou. Ao sair, o senhor Armando fecha de novo a porta às chaves.

Viramos para a biblioteca, ou sala de leitura, passando por uma estrutura de um edifício em obras, onde, dizia o senhor Armando, haveria de servir para a realização de palestras e seminários. A obra devia ter continuado em Julho, diz o guarda, mas até agora, não vieram operários.

No espaço da sala de leitura, que uma placa nomeia como o Centro de Formação Profissional, inaugurado, em 1987, por Joaquim Chissano, ex-presidente de Moçambique, e Jorge Sampaio, ex-presidente de Portugal, centenas de livros amontoam-se, na espera de prateleiras. O senhor Armando explica que se aguarda um computador para a catalogação das obras. Esteve lá um senhor vindo de Maputo, mas foi-se embora em Novembro do ano passado, e ainda não deu mais sinais de vida. “O plano é ir buscar um professor que já esteja na reforma, para receber as pessoas e controlar os livros”, conta o guarda.



* O senhor Armando é o guarda e guia de serviço no Centro Cultural de Matalana

Na escola de música, faz-se silêncio. Três pianos, três tambores e um saxofone encostam-se a um canto esperando por mãos amigas. À sua frente, no auditório, só ecoa o piar dos pássaros. “Em Fevereiro, muitas gente veio para ver. Agora já não”, diz o senhor Armando.

Não é por má vontade que só se ouvem os pássaros em Matalana. Malangatana está vivo em todos os moçambicanos, e a sua obra e nome continuam a ser orgulho nacional. A falta de dinheiro explica o silêncio e a inactividade no Centro Cultural. Há planos, vários, muitos, mas num país com carências, a cultura é a última prioridade e, embora um dos sonhos do mestre – a criação de uma Fundação – já tenha sido cumprido no início do ano -, a verdade é que o seu arranque prático depende da boa vontade de outros.

MALANGATANA NÃO MORREU

“No ano passado, a Fundação Malangatana tentou dar forma ao que era o sonho do mestre, que era de ter uma Fundação. Demos os primeiros passos na preservação da sua vida e obra, e conseguimos um espaço para a sua obra aqui em Maputo”, dizia Mário Mutxini, filho do artista, representante da família e administrador da Fundação Malangatana.

Mutxini falava no lançamento da peça *Encruzilhada de Culturas*, uma taça da Vista Alegre em que

o mestre começou a trabalhar, mas que não finalizou. O grupo Visabeira lançou a obra no dia 15 de Dezembro, com uma edição limitada de 700 peças, a um preço de 800 dólares. “Este é o primeiro de uma série de trabalhos previstos para levar adiante a obra de Malangatana com este grupo”, explicou Mutxini na inauguração, acrescentando que, no dia 5 de Janeiro, seriam depositadas flores no túmulo do seu pai e haveria um sarau cultural. No dia seguinte, estava programada a inauguração de uma exposição de arte na Fortaleza de Maputo.

A ITALIANA DE MALANGATANA

Malangatana andava sempre no seu antigo Mercedes preto pela cidade de Maputo. Há anos que era assim. Mas o que deixou, ainda em vida, foi um Fiat 500, pintado pela sua mão.

Em Abril de 2011, quando faziam quatro meses da sua morte, um portão abriu e entrou a Italiana, como o mestre lhe chamava. Houve quem chorasse. E não foram só os familiares do mestre Malangatana. As últimas pinceladas do artista foram na carroçaria de um Fiat 500, novinho em folha.

Tudo começara poucos meses antes, quando o grupo João Ferreira dos Santos ganhou a representação do grupo Fiat no país e decidiu abrir um novo stand dedicado à marca. Para o lançamento, queria-se algo diferente. O mestre

MOÇAMBIQUE

Malangatana era esse toque final. Perguntou-se-lhe se gostaria de encarar o projecto. Que sim, sem hesitações. Malangatana chegou e sentou-se. E assim ficou, sentado. Duas semanas passaram e o artista continuava a olhar para o carro, tocava-lhe, estudava as tintas especiais que nunca tinha usado. Até ao dia em que disse “hoje vou beijar a italiana!”. E começou a pintar. Durante 12 dias, 13 horas por dia, inclinava-se sobre o Fiat 500. Por fim, terminou “A Italiana”. Na inauguração, Mutxini adiantou que “quando a minha mãe viu o carro, chorou”. Não foi a única. Aquela era a primeira vez que se voltava a ver Malangatana, e, a acompanhar o acto, apareceu um filme com imagens do artista a trabalhar na sua última obra. As últimas imagens dele com saúde, fazendo o que mais gostava.

A Italiana, nome carinhoso atribuído pelo próprio artista, foi a leilão até Julho deste ano. O dinheiro reverteria para a Fundação Malangatana, mas as licitações não chegaram ao valor de reserva, e assim espera-se agora que o Governo moçambicano atribua anualmente um subsídio à Fundação Malangatana em troca do carro exclusivo.

UMA INSPIRAÇÃO PARA TODOS

Manuel Jesus ainda não chegou aos 30 anos e é discípulo de Naguib, aquele que era o segundo maior artista moçambicano e que passou agora, depois da morte de Malanganata, para a dianteira da lista. “Em todos os artistas moçambi-

canos se vê a influência de Malangatana”, diz Jesus, também ele um artista plástico. Manuel Jesus é um dos braços direitos de Naguib nos murais de azulejo que o artista distribuiu pela cidade de Maputo.

Com mais 20 anos que Malangatana, Naguib nasceu em Tete e teve uma vida artística mais facilitada do que a do mestre. Frequentou a Escola de Belas Artes de Lisboa, estagiou Serigrafia na Universidade do Cabo (África do Sul), partiu para a Alemanha onde fez Conservação e Restauro no Kunts Museum de Colónia e frequentou a Universidade de Nothumbria, Reino Unido. Hoje é o mais conceituado dos artistas moçambicanos, mas, ao contrário de Malangatana, é apenas a sua obra que lhe merece o prestígio que já conquistou.

“Não tanto em termos técnicos, mas a influência de Malangatana existe mais como inspiração para todos os artistas moçambicanos. Ninguém como ele teve tanta persistência, tanta teimosia em fazer valer a cultura moçambicana, em lutar pela sua arte. Todos nós o vemos como um exemplo”, diz Jesus.

No túmulo de Malangatana, estão escritas estas palavras em Changana, dialecto de Maputo: *Hambanine Tatana Wisa Ha Hombe A Ku Rhuelene*. Há dois significados para *Tatana*. Pode querer dizer pai ou senhor. Neste caso, é pai de todos os moçambicanos, pai de todos os artistas. Traduzido: Adeus Pai. Descansa em Paz.





* As últimas pinceladas do artista foram na carroçaria de um Fiat 500, novinho em folha, a quem chamou de "A Italiana"

**YI JING,
O LIVRO DAS MUTAÇÕES,
DA HISTÓRIA E DA
POESIA CHINESAS**

O Livro das Mutações, em chinês *Yi Jing* (também conhecido como *I Ching*), é o nome de um dos cinco clássicos chineses. As suas raízes remontam aos tempos pré-dinásticos, tendo a sua forma actual mais de 3000 anos

Textos e Fotos: José Simões Morais

Com uma maneira própria de pensar, a civilização chinesa faz uso do *Yi Jing* para encontrar as respostas mais adequadas às suas dúvidas e necessidades. O livro também serviu para orientar muitos imperadores nas decisões que fizeram a história da China. Traduzindo os caracteres 易經 (*Yi Jing*), 易 (*Yi*) significa “mudança” ou “mutação” - além de outros significados como “simplicidade” e “pureza” - e 經 (*Jing*), “clássico”. O *Yi Jing*, conhecido no Ocidente também por *I Ching* ou *Y-King*, tem como tema central a mutação de todas as coisas em ciclos próprios no universo, ligando a terra ao céu e aos cinco elementos.

O conceito de mudança e mutação advém do pulsar entre o *yang* (criativo, masculino) e o *yin* (receptivo, feminino), que numa constante transformação um no outro refazem o equilíbrio, tal como as relações em permanente fluxo do ser humano com a natureza. Assim, o *Livro das Mutações* avalia o movimento e as forças dinâmicas que despertam no momento.

É um livro de consulta constituído por 74 hexagramas (*gua*), que são produto da combinação de oito trigramas entre si mesmos. Os trigramas, combinações de três linhas inteiras ou quebra-

das (*yang* e *yin*), correspondem a oito elementos básicos, que constituem o mundo da matéria: *Qian* (simboliza o céu e representa força ou criatividade); *Kun* (terra/ receptividade ou docilidade); *Zhen* (trovão/ iniciativa ou acção); *Xun* (vento/ penetração ou suavidade); *Kan* (água/ paixão ou perigo); *Li* (fogo/ atenção ou consciência); *Gen* (montanha/ paragem ou imobilidade), e *Dui* (lago/ alegria ou atracção).

O actual *Livro das Mutações* é proveniente da dinastia Zhou do Oeste (1046-771 a.C.) e por isso conhecido por *Zhouyi*. Mais tarde foi integrado o Grande Apêndice, escrito por Confúcio e seus discípulos, para ajudar à sua interpretação. A obra abrange as leis do universo no desenvolvimento das coisas, o que, conseqüentemente, leva à adivinhação e filosofia, tendo sido nela registada, pela primeira vez, a teoria dialéctica do *yin* e *yang* e dos oito trigramas. É um livro de história e poesia, já que narra episódios das dinastias Shang e Zhou. Também de ciência, já que dele o Ocidente extraiu a numeração binária. Confúcio dedicou-lhe mais de 50 anos para o entender. Foi poupado à queima dos livros ordenada em 213 a.C. pelo imperador Qin e ganhou a fama como livro de adivinhação. O *Yi*

CULTURA CHINESA

Jing apresenta a cosmovisão da China antiga e é composto por números, imagens, trigramas, hexagramas e palavras.

A CONSULTA

O *Yi Jing* não é para ser lido como um livro qualquer, mas para ser consultado. A sua consulta estava a cargo de funcionários específicos, tal como a interpretação das respostas por ele dadas. “Quando tiverdes alguma grande dúvida, ponderai-a no vosso íntimo, consultai-a com os vossos ministros e com o povo, e recorrei à tartaruga e à aquileia. Os dados fornecidos pela tartaruga e pela aquileia, obtidos por oficiais competentes, eram depois interpretados por três peritos, tomando-se o parecer em que dois deles concordassem. Este parecer era depois conferido com o do soberano, o dos ministros e o do povo que naqueles tempos era ouvido. As hipóteses eram várias, conforme os dados das cinco proveniências eram a favor ou contra

a pergunta concreta que se punha. A tartaruga e a aquileia juntas impunham-se aos outros três”, relata o padre Joaquim Jesus Guerra S.J. Nesse caso, “não será bom agir”, refere ainda.

Os chineses consultavam esse oráculo de maneira a indicar-lhes qual desses sinais se aplicaria a um momento específico. Usavam um sistema bastante complicado com 50 fios de aquileia (*aquilegia vulgaris*, conhecida popularmente como erva-pombinha) utilizados para revelar a solução do caso em dúvida.

ORÁCULO DAS MOEDAS

Para aclarar dúvidas em relação a uma situação específica, formula-se uma pergunta, que deve ser escrita como um pedido e feita em discurso directo, de modo simples e pela positiva. O antigo processo dos fios de aquileia levava bastante tempo, o que originou a criação de outro método mais simples, o “oráculo das moedas”. Este permite, com o atirar seis vezes três moedas ao ar,



* O actual Livro das Mutações é proveniente da dinastia Zhou do Oeste (1046-771 a.C.) e por isso conhecido por *Zhouyi*

construir a imagem pelas linhas do hexagrama. A imagem do hexagrama é encontrada pelo número dado numa tabela do apêndice do livro a partir da conjugação dos dois trigramas.

Cada linha (*yao*) pode ser inteira ou quebrada e o conjunto de três linhas formam um trigrama. A linha inteira, *yang yao*, é masculina e a linha quebrada, *yin yao*, é feminina. Ao todo existem oito trigramas ($2 \times 2 \times 2 = 8$). Chama-se às três linhas contadas a partir da base trigrama inferior e às três últimas linhas que saíram ao deitar as moedas, trigrama superior. Enquanto o trigrama inferior projecta a forma, o fundamento da situação, o trigrama superior reflecte o espaço em que a acção se pode desenvolver.

Pegando em três moedas todas iguais, dá-se-lhes um valor de três para coroa e o valor de dois para cara. Ao arremessar as três, existem quatro possíveis resultados para criar cada linha (*yao*): três coroas; duas coroas e uma cara; três caras, ou duas caras e uma coroa. Se saírem três

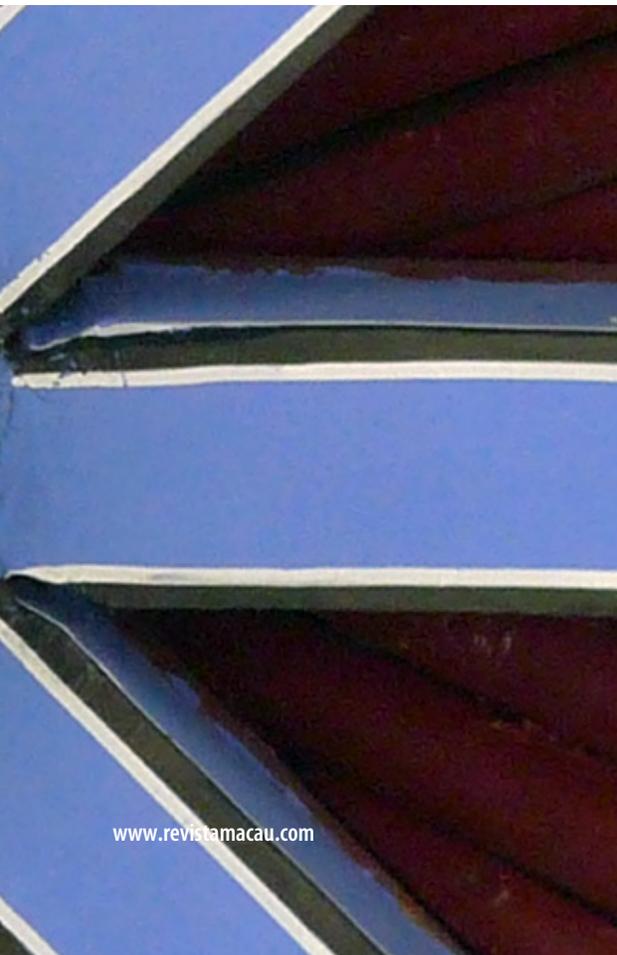
coroas, portanto, teremos uma soma de nove, que corresponde a uma linha inteira, ao qual chama-se “o velho *yang* a mudar para *yin*”. A linha será também inteira se saírem duas caras e uma coroa, o que dará o valor sete, que é chamado *yang* e é imutável. Se saírem três caras, o valor é seis, representado por uma linha quebrada, sendo denominado “velho *yin* a mudar para *yang*”. Por fim, se saírem duas coroas e uma cara, ao valor oito corresponde uma linha quebrada, chamada *yin* e imutável.

O processo repete-se seis vezes, escrevendo num papel os valores que vão saindo de baixo para cima. As linhas inteiras ou quebradas são colocadas à frente de cada número, sendo a primeira a que fica em baixo e a sexta, no topo. O hexagrama é um todo, ao qual Richard Wilhelm chamou “o julgamento”. Primeiro, caso não haja linhas mutáveis, lê-se o texto do hexagrama. Segue-se a imagem, aforismo também atribuído a Confúcio. Mas se há mudança em algumas das linhas, não todas, procede-se à leitura das linhas mutáveis. Caso todas as seis linhas entrem em mudança, lê-se as linhas dinâmicas se o céu muda para terra ou vice-versa. Para os outros hexagramas que sofrem mutação total, deve ser feita a leitura do texto do novo hexagrama resultante da transformação das linhas.

Cada linha tem o seu próprio significado, que é relativo à posição que ocupa. Na base, a primeira linha que saiu é inerente à situação inicial. A segunda linha é onde se encontra a questão. A terceira, ou seja, a superior do trigrama inferior, faz a transição entre os dois trigramas e adverte dos perigos de quem se projecta pelo pensamento concreto no pensamento abstracto. A quarta, a ligação entre o que se encontra em baixo ao que está em cima, simboliza a passagem bem-sucedida entre o trigrama inferior para o superior. A quinta reflecte o criativo, o dirigente, e é o centro do trigrama superior, simbolizando prosperidade. A sexta linha indica que existe algo mais do que aquilo que entendemos e adverte para a tentativa de procurar o que está fora do nosso alcance.

FILOSOFIA

O *Livro das Mutações* explica a teoria dialéctica do *yin* e do *yang* e dos oito trigramas. O universo é eterno e a sua ordem é regida pelo *yang* - o princípio masculino, o luminoso - e





pelo *yin* - o feminino, o obscuro. *Tai ji* (que rege a ordem do universo) é a união destes dois princípios e é representado por um círculo dividido em *yin* (parte escura) e *yang* (parte clara). Dentro da parte escura existe um ponto claro e na parte clara, um ponto escuro. Cada um cresce dentro do outro, não entrando em conflito entre si, mas complementando-se. Rodeando esse círculo, surgem as oito forças fundamentais da natureza, produzidas entre as combinações *yin/ yang* e representadas pelos oito trigramas (*bagua*, ba para oito e *gua* para trígama). Estes, dispostos numa forma octogonal, contêm os nove números (mundos) que representam as oito energias universais. No centro, o quadrado/hexágono mágico de base três, que tem como meio o número cinco, a representar o *tai ji*.

De acordo com o *Zhouyi*, deve-se a um dos três ancestrais, neste caso *Fu Xi*, a interpretação da filosofia dos números de base decimal, o mapa *he-tu* de onde retirou os oito trigramas, criando o desenho do *tai ji*. O que as linhas contêm não é outra coisa senão a via dos três agentes representados em cada trígama: a via do céu, a da terra e a do ser humano. Lida pelo humano, a via do ser humano faz a ligação entre as outras

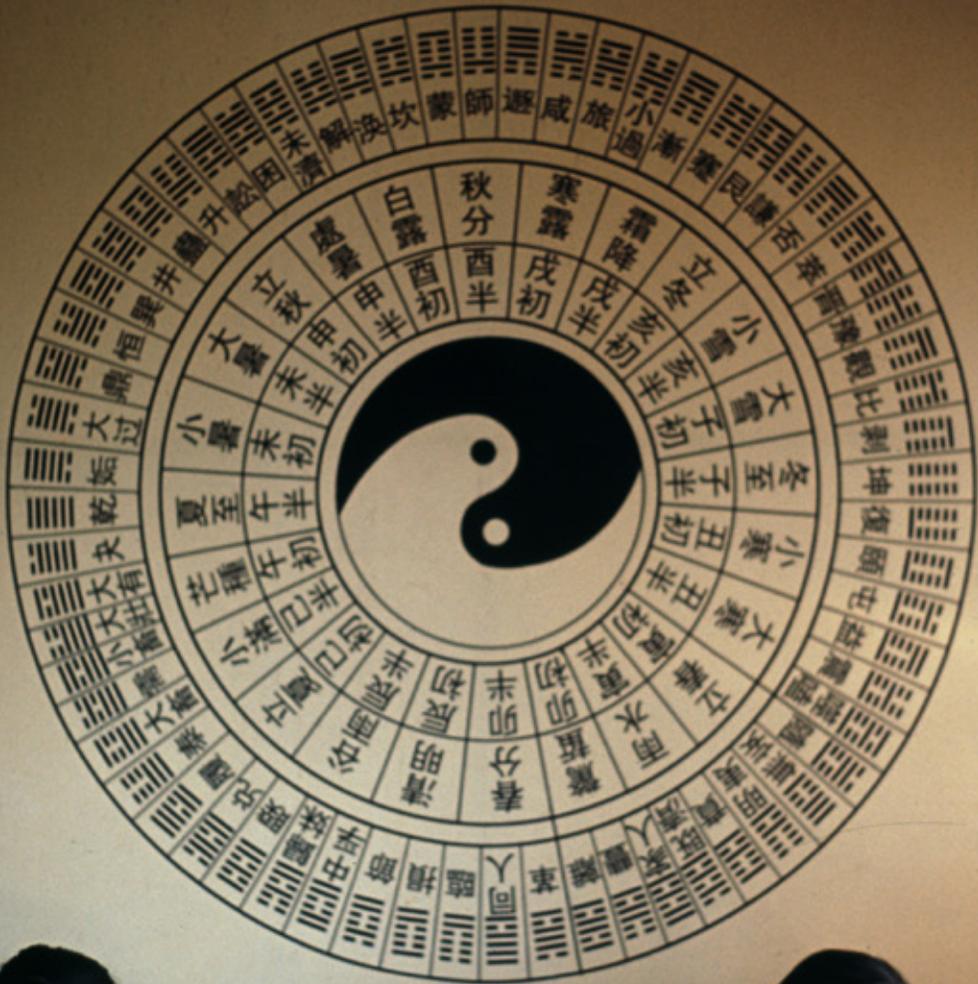
duas, “aproveitando-se de ambas, já que das três é a única inteligente e destinada a estabelecer e manter essa ligação, aproveitando quanto há no universo”, segundo as palavras do padre Guerra, um sinólogo português que estudou o *Livro das Mutações* e reescreveu-o.

HISTÓRIA

A base do *Yi Jing* encontra-se na filosofia dos números e ao longo dos tempos foram-lhe adiando as imagens, os trigramas e hexagramas e por fim, as palavras. *Fu Xi* inventou os trigramas no século XXIX a.C. e o rei *Wen* dos *Zhou*, no início do século XI a.C., reuniu dois trigramas para formar o hexagrama e combinou os oito trigramas entre eles, originando-se a partir daí os 64 possíveis hexagramas.

Tal aconteceu quando *Wen*, durante uma visita de cortesia à corte dos *Shang*, já com o imperador *Zhou* a governar a dinastia *Shang*, passou sete anos no calabouço. O reino *Zhou*, no vale do rio *Wei*, na actual província de *Shaanxi*, era um estado vassalo da dinastia *Shang*, que tinha ganho a confiança do imperador *Yi* e dos outros estados vizinhos devido à inteligência do seu dirigente, o rei *Wen*. Pai de *Zhou*, o último impera-

伏羲二十四節氣圖





* Em Anyang, antiga capital da dinastia Shang, na actual província de Henan, há um mapa do distrito que indica o local onde o rei Wen esteve preso

dor da dinastia Shang, o imperador Yi ofereceu a sua filha em casamento a Wen, rei do Estado Zhou. Devido à enorme influência do rei Wen o imperador Zhou mandou-o prender.

Wen aproveitou esse tempo para reflectir sobre o *yin* e o *yang*, conjugando trigramas com trigramas, formando os 64 hexagramas e juntando um texto a cada um para lhes dar os seus atributos. Em Anyang, antiga capital da dinastia Shang, na actual província de Henan, há um mapa do distrito que indica o local onde o rei Wen esteve preso. O local, agora transformado em museu, tem um jardim com ervas-pombinha e estelas com a representação dos mapas de He-tu e de Luo-shu, assim como a representação feita por Fu Xi dos oito trigramas e o arranjo destes feito pelo rei Wen.

O rei Wen morreu em 1048 a.C., sucedendo-o o seu filho, o rei Wu, que liderou dois anos mais tarde a revolta contra a dinastia Shang, apelo que foi correspondido por todos os estados vizinhos. Antes da batalha fez um discurso que ficou registado no livro do *Yi Jing* com as seguintes palavras: “No dia do afrontamento, uma nova ordem é proclamada”. Também durante toda a noite, antes da derradeira batalha, os soldados

dançaram e cantaram a canção: “Água e fogo são o que as pessoas precisam para preparar a comida e as bebidas; madeira e metal são o que as pessoas precisam para a sua vida diária; terra é o que tudo precisa para crescer e é de grande uso para a humanidade”, que revela a interacção dos cinco elementos na vida quotidiana.

O *Yi Jing*, organizado e estruturado pelos sábios, era a entrada para a sistematização do universo da civilização chinesa, a mais antiga que resistiu até aos dias de hoje. Abrange as leis universais, do desenvolvimento das coisas e, por isso, tem também o peso de um livro de filosofia.

Foi a obra que também deu origem aos dois ramos da filosofia chinesa - o taoísmo e o confucionismo. A ideia abstracta é sistematizada, isto é, materializada para uma ética confucionista ou, no taoísmo, pela numerologia simbólica dos seus hexagramas. Lao Tzé, lendário fundador do taoísmo filosófico, dele retirou muitos dos aforismos impregnando-os no seu livro *Dao De Jing*. O taoísmo apenas se interessou pelos aspectos cosmológicos do *Yi Jing*, sem fazer uso da parte dos oráculos, ou seja, a parte relativa à adivinhação.

Num diálogo com os seus discípulos, quando



lhe perguntaram se acreditava na adivinhação, Confúcio respondeu que no *Yi Jing* só lia ética e filosofia - palavras retiradas dos Apêndices dos textos em seda de Mawangdui.

O *Yi Jing* permite, a quem o saiba ler, refazê-lo e usar um novo texto com elementos cuja simbologia seja inerente às imagens mentais do público-alvo. É um livro de oráculos, escrito na forma de um grande poema circular. O tema é a transformação das coisas, como de tudo o que forma o universo, em princípios de ordem apresentados pelas mutações constantes da realidade. Se a abstracção com que a teoria do *Yi Jing* foi elaborada permitiu à dinastia Xia inserir nele o seu calendário e à dinastia Shang fazer dele uso como livro de adivinhação, a dinastia Zhou nele narrou episódios das dinastias Shang e Zhou. As figuras que constituem o seu núcleo pertencem a um passado que relata uma filosofia cósmica pelas histórias que chegaram pela via oral e foram escritas em linguagem poética, tendo sido aperfeiçoadas ao longo dos tempos. Assim, além de ser um livro de filosofia, é também considerado de história e poesia. Cada hexagrama é um verdadeiro poema dramatizado por sons exclamativos logo após cada frase. Esse lado

do *Yi Jing* perde-se, contudo, pela tradução do chinês para outras línguas e não deixa rastros da sua beleza original.

PRINCÍPIO DE SINCRONIA

A construção do sistema de oráculos contém uma maneira de pensar muito distante da Ocidental. Para o Ocidente, a vida é considerada em competição, numa progressão linear contínua: o dia de hoje deve ser melhor do que ontem e amanhã melhor do que foi hoje. Observa-se como causalidade mecânica, movimento rectilíneo uniforme no caminho absoluto de um segmento de recta. A China vê o tempo em diferentes níveis de complementaridade, como uma sequência helicoidal, que obedece a um movimento cíclico sem nunca voltar ao ponto de partida. Ritmo natural, que não nega o factor da mudança, vive com identificação num todo e identidade do todo. Essa mutação baseia-se na sequência dos elementos: madeira, fogo, terra, metal e água que se geram uns aos outros, nesta ordem e assim continuam, perpetuando a vida. E esse movimento gera-se pelo sentido contrário ao dos ponteiros do relógio.

O psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961),

autor do prefácio de uma das versões inglesas do *Yi Jing*, fala do princípio da sincronização para se referir a esse pensar. Mostra como todo o pensamento ocidental se baseia na lei da causa e efeito. Ou seja, uma coisa acontece agora porque outra aconteceu antes e, com o formulário de Max Weber, extingue-se o fundo onde tudo está situado, restando a figura focada. Fragmentos enquadrados apenas na figura, que toma conta de toda a imagem, sem pontos de reflexão para se refazer em ciclos. Mas os chineses não meditam apenas ao longo dessa linha horizontal de área, que transita do passado através do presente para o futuro. Pensam também pelo movimento no eixo vertical entre áreas distintas, conjugando o que acontece agora num lugar com o que acontece agora noutro lugar. Não perguntam as causas que levaram ao acontecimento de determinado facto, mas interrogam-se sobre o que leva a que as coisas aconteçam juntas naquele determinado momento.

Esta contemplação baseia-se numa alta avaliação do momento. O que quer dizer que todas as coisas que agora acontecem têm uma certa relação recíproca, porque elas acontecem ao mesmo tempo. Isto é, a expressão da existência de uma harmonia que faz a ordem perfeita sobre todos os acontecimentos de cada instante no universo. O Ocidente vê-o como caos.

Na China, o tempo é uno, mas, como método, pode desdobrar-se pelos ciclos da história que se repetem com outras vestes. “O significado do tempo consiste em possibilitar às etapas de crescimento, desdobrarem-se numa sequência clara. No Livro existem hexagramas que representam o tempo, sempre na situação relacionada como um todo”, explica Richard Wilhelm. Na vida tudo é feito de mutação e essa é a única constante que existe, o imutável. E continuando, “o imutável é o fundo indispensável sobre a qual a mutação se torna possível”. “Toda a mutação supõe um ponto constante que lhe serve de referência e esse ponto de referência precisa de ser estabelecido em cada ocasião, opção e decisão, para criar as coordenadas do sistema onde tudo se pode encaixar.”

Assim sendo, teoricamente é possível criar pontos de referência, mas a experiência demonstra que “desde o despertar da nossa consciência já nos encontramos inseridos em sistemas estabelecidos de relacionamento tão forte, que tendem a prevalecer”, aponta Wilhelm, sinólogo alemão. “Assim a escolha do ponto de referência de modo a coincidir com o vir a ser cósmico. (...) O mundo é um sistema de referências integradas, um cosmos, não um caos e é nesta convicção que se fundamenta a filosofia chinesa.”

O OCIDENTE A LER

É na questão da tradução deste livro de filosofia - proveniente de ancestrais tempos que ele transmite, escrito em poesia, com relatos da história da China e de onde chegou a numeração binária à ciência – que se é confrontado com mundos diferentes de consciência.

Em 1687, quatro sacerdotes da companhia de Jesus escreveram *Confucius Sinarum Philosophus* onde fizeram as primeiras referências a este livro. No entanto, foi apenas em 1834 que chegou ao Ocidente a tradução do Livro das Mudanças – traduzido para o latim por um grupo de missionários liderados pelo padre jesuíta Regis,

que lhe chamou *Y-King - Antiquissimus Sinarum Liber*. O pastor James Legge, o primeiro a fazer uma tradução para o inglês, em 1855,

O Yi Jing, organizado e estruturado pelos sábios, era a entrada para a sistematização do universo da civilização chinesa

nafragou durante a viagem da China para a Inglaterra e o seu manuscrito ficou bastante danificado. Segundo as palavras do padre, ao terminar a tradução pouco sabia da finalidade e método do Livro. Em 1876, apareceu outra versão em inglês, desta vez feita pelo cónego McClatchie. O pastor Legge voltou a publicar, em 1882, uma nova versão do *I Ching*. O padre Guerra, ao falar do trabalho deste sinólogo, revela que a tradução foi feita de textos compreendidos a partir de uma interpretação budista, trabalho do ano de 1200 da autoria de Chu Hsi (Zhu Xi). Tais textos e comentários, muitos deles retirados do contexto e com frases mal interpretadas, influenciaram os trabalhos de tradução de Legge, cuja versão desde então começou a percorrer o mundo.

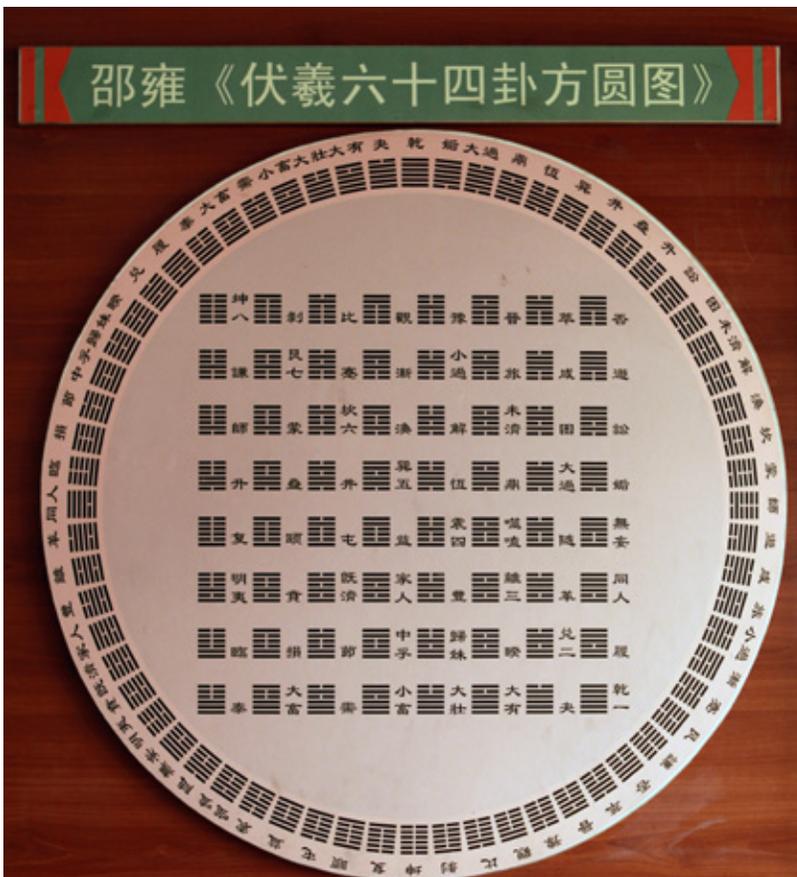
Muitas outras versões foram feitas tanto em inglês como em francês e alemão. A primeira versão em alemão saiu em 1927 e foi traduzida por Richard Wilhelm, servindo de base à versão inglesa de Cary Baynes. A terceira edição desta obra foi editada em 1968, contando com o prefácio do filho de Wilhelm e uma introdução de Carl G. Jung.

O padre jesuíta Joaquim Jesus Guerra, com um trabalho editado em 1986, foi um dos que muito contribuiu para clarificar e desfazer dúvidas e enganos das anteriores traduções ocidentais. A sua versão portuguesa, o *Yeg-Keng*, foi feita a partir do original chinês através do método por ele inventado: o chinês alfabético, através do qual faz uma leitura crítica dos caracteres.

CIÊNCIA

Se o *Yi Jing* foi uma das fontes das filosofias confucionista e taoista, foi também um livro de ciência, pois dele o Ocidente extraiu a numeração binária. Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) estudou o sistema binário e constatou o seu paralelismo com a sabedoria oriental, a partir de textos enviados da China pelo jesuíta missionário francês Joachim Bouvet (1656-1730), um estudioso do *Yi Jing* com quem trocou correspondência de 1677 a 1702. Em 1701, Leibniz enviou a sua tabela de números feita numa base binária ao padre Bouvet e este, meses depois, mandou-lhe dois diagramas.

Leibniz desenvolveu e explicou pela primeira vez ao Ocidente a numeração binária ou aritmé-



* A base do Yi Jing encontra-se na filosofia dos números e ao longo dos tempos foram-lhe aditando as imagens, os trigramas e hexagramas e por fim, as palavras

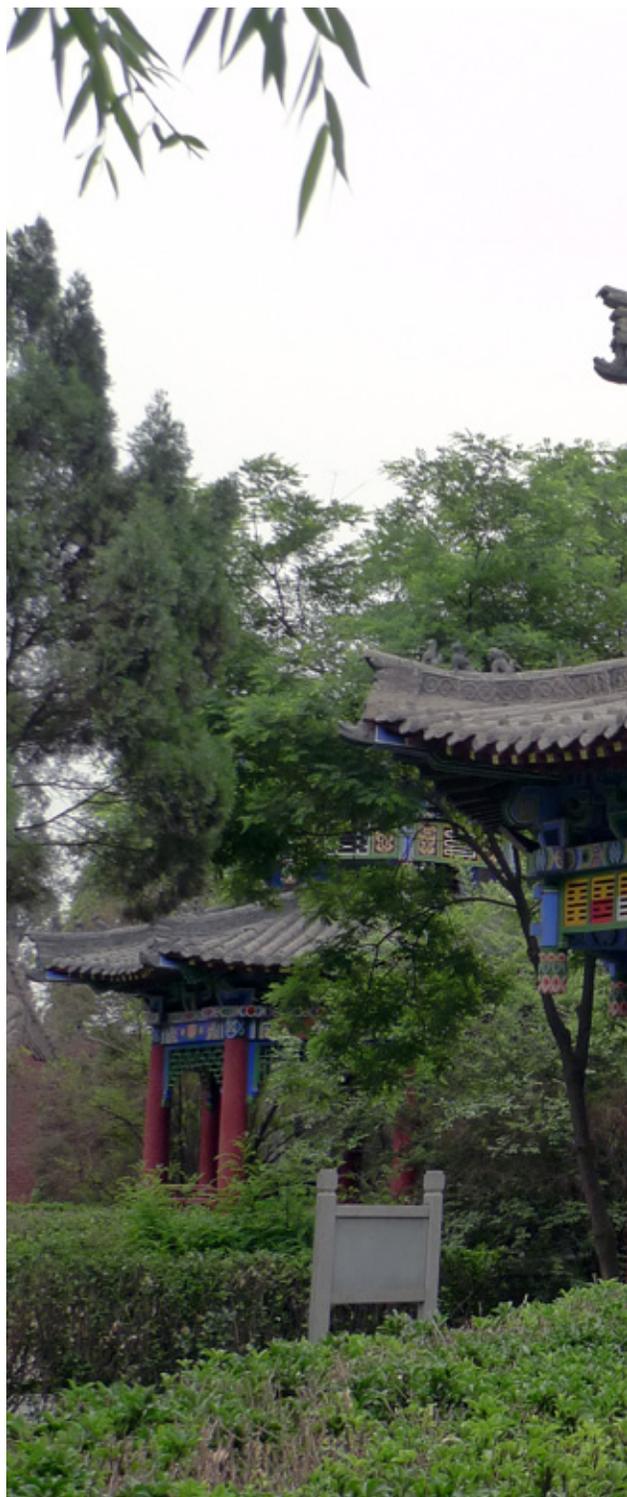
CULTURA CHINESA

tica de base dois. O sistema binário, que serviu de base para a criação da linguagem dos computadores, apenas usa o zero e o um e está de acordo com os fenómenos eléctricos e electrónicos. Na informática, as operações e cálculos usam a aritmética de base dois e não a de base dez ou 16, que quotidianamente se utiliza.

Também Martin Shonberger, no livro *Hidden Key to Life*, fez a comparação dos 64 hexagramas com as 64 combinações do código genético do ADN. A teoria quântica e a teoria da relatividade de Einstein estão em conformidade com a filosofia exposta no *Livro das Mutações*.

Nos anos 30 do século XX, o astrónomo chinês Liu Zihua, aos 27 anos, escreveu em França *A Teoria do Universo e a Moderna Astronomia nos Oito Trigramas*, obra na qual, sem usar a teoria da gravidade de Newton, provou a existência de dez planetas no sistema solar. John Cage, poeta compositor norte-americano, usa a estrutura do Livro para realizar composições musicais e textos poéticos combinando-os com um sistema complexo de computação. Daí saem obras totalmente abertas, infinitas, somente limitadas pela imaginação.

Como refere Richard Wilhelm, “o *I Ching* é uma rede montada que se pode actuar e iluminar, num dado momento, em qualquer sector”. O padre Guerra vai mais longe ao dizer que “há livros vivos ou animados, que falam e respondem aos leitores; os livros da Bíblia estão certamente nessas condições.” Ainda de acordo com o padre, “para a tradição chinesa, o *Livro das Mutações* estaria em condições parecidas” com a Bíblia. “Claro que os fios da aquileia, a carapaça da tartaruga, as moedas que se atiram ao chão e as datas que se somam, bem como as linhas que formam a pauta dos trigramas e dos hexagramas, tudo isso parece morto ou inerte, (...) mas quando o homem lhes envia os seus estímulos, são capazes de revelar ao operador experiente as respostas do ambiente que ele criou, e as linhas e direcções para onde tende a encaminhar-se a situação presente e concreta. Aliás, neste mundo tudo está em tensão, não havendo nada realmente inerte. São essas tensões que se esclarecem ou revelam na consulta ao *Yeg-Keng*.”





COMBATENTE DOS AFECTOS

António Conceição Júnior, artista multifacetado, diz que é na força dos afectos que mais acredita. Em Macau escolheu uma certa reclusão para construir a sua própria utopia

Texto: Hélder Beja | Fotos: A. Vale da Conceição



PERFIL

Costuma dizer-se de certos lugares que são o resumo de uma coisa maior. Como de Singapura, que é um resumo muito arumadinho da Ásia – com chineses, indianos, árabes e toda a mestiçagem. Pois bem: a cara de António Conceição Júnior, 60 anos, é um resumo de Macau. Pelo menos de uma certa Macau de muitos sangues cruzados, de muitas gentes diferentes. E ao mesmo tempo, quando o encaramos nesta sala de paredes “monasticamente brancas” da casa que habita na Avenida da Amizade, temos a certeza de que este homem não podia ser de outra parte senão daqui.

António Conceição Júnior, autor de banda desenhada. Artista plástico. Criador de moda. Professor. Consultor de arte. Praticante de Aikido. Presidente do Sporting de Macau. Marido. Pai. Este homem nascido em Macau em 1951 trazia as artes e as letras no ADN. Hoje, olhar para o seu percurso é como espreitar um caleidoscópio. “Há uma carga, no sentido positivo do termo, que nunca utilizei e que é a de ter uma mãe que foi a primeira escritora de Macau.” Deolinda da Conceição, a mãe jornalista e escritora, teve uma vida cheia. De Conceição Júnior, o filho, pode dizer-se o mesmo.

António era ainda um catraio quando deixou o território para rumar a Portugal. “As minhas raízes são naturalmente de Macau, mas embora me defina com muito orgulho macaense saí muito cedo daqui, para um colégio interno, talvez porque instintivamente me tivesse sentido a asfixiar em Macau.”

Conceição Júnior fala devagar mas o raciocínio acelera e às vezes o fio da conversa extravia-se. Ele diz que foi do pai, também António Conceição, que herdou os jeitos da divagação. Pedimos-lhe que recorde e recordar significa ir muito atrás, ao colégio no Estoril onde foi colega de ilustres como o banqueiro Fernando Ulrich, na década de 60, e mais atrás ainda, quando com cinco anos viajou pela primeira vez a Portugal com os pais. Pouco depois do regresso, Deolinda da Conceição morre e é a tia, professora primária e locutora de rádio, que passa a tomar conta do pequeno Conceição.

A ida para Portugal, com uma dúzia de anos, é decisiva. “A partir daí começou uma vida de pingue-pongue, três anos cá, três anos lá. Interrompi o curso [de Belas-Artes] para vir fazer a tropa a Macau, estive cá três anos e depois voltei

para acabar”, lembra. Cada vez que trocava a Ásia pelo retângulo europeu, ou vice-versa, António Conceição Júnior sentia-se a crescer. “Quando cheguei à estabilidade de voltar a Macau em 1977 senti que mesmo aos 26 anos já sabia o que queria. Já tinha feito uma banda desenhada em Portugal, que tinha sido publicada, já tinha cumprido alguns dos meus sonhos inimagináveis.”

Mas vamos mais devagar. O curso na Faculdade de Belas-Artes, em Lisboa, no qual ingressa aos 18 anos, vai também moldar a vida deste macaense. Conceição Júnior era então um rapaz de preto, sempre vestido de preto e de braços abertos. Como? Sim, de braços muito abertos. “Andava com as mãos assim [afasta os braços],

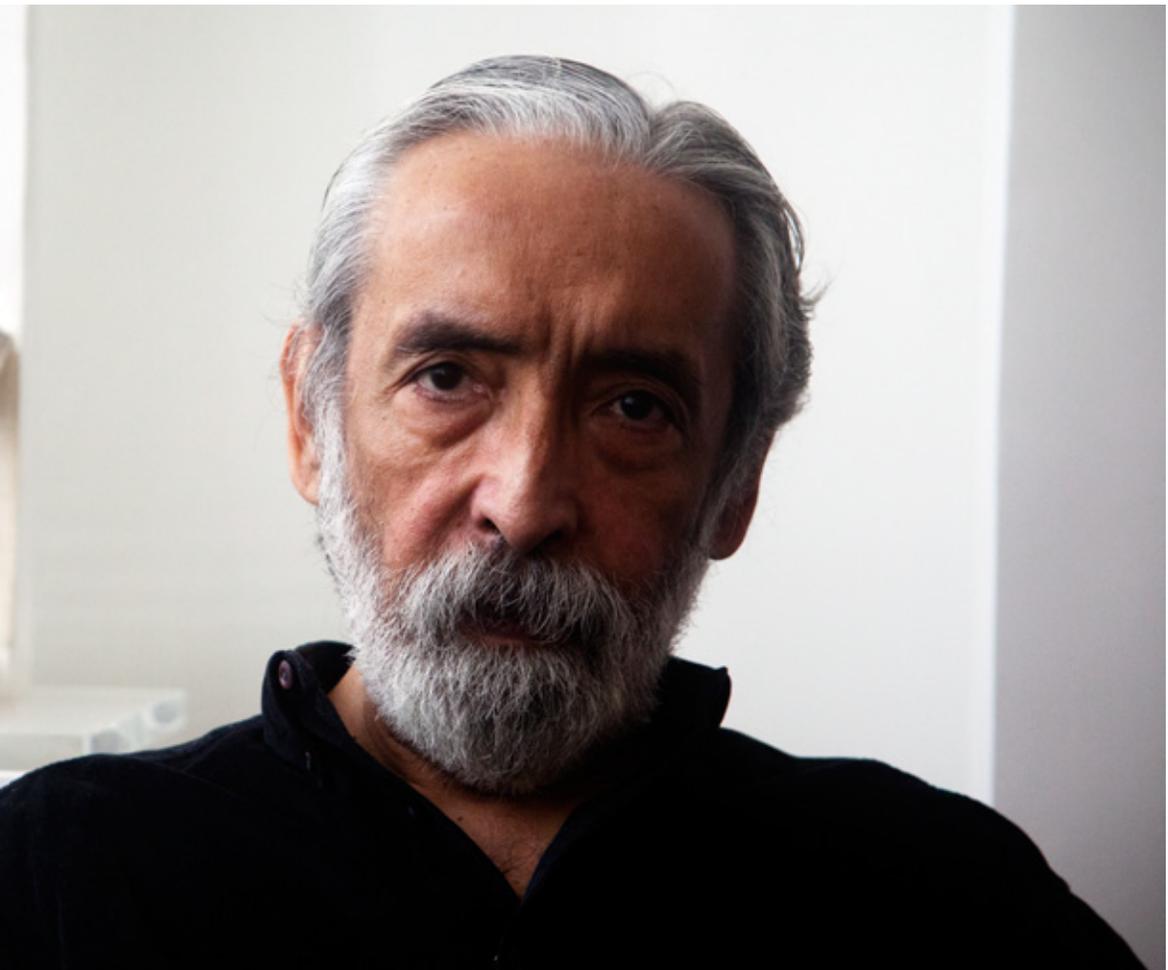


para que as pessoas ficassem a saber que eu devia estar habituado a levar telas debaixo dos braços. Ideias de putos, de armar aos cágados. Isso passou-me depois do primeiro ano”, ri-se.

Imaginamos Conceição Júnior a passear-se com telas imaginárias à ilharga e a privar com a Lisboa criativa e com os dois grandes amigos que por ali fez e com quem expôs pela primeira vez em Portugal, na Galeria S. Mamede: Fernando Calhau, artista que se distinguiu na gravura, e o pintor Julião Sarmento. “Éramos na altura considerados os três melhores alunos. Depois, com a guerra [do Ultramar], cada um de nós seguiu a sua vida. Interrompi o curso para vir para Macau. Quando regresssei já o Julião estava lançado”, diz Conceição Júnior.

REGRESSO À TERRA

Ninguém gosta de aperto. E António di-lo com todas as letras: regressou a Macau para cumprir o serviço militar “porque era muito mais fácil viver aqui do que viver com dificuldades em Portugal”. Regressou porque não queria ir para a guerra – e essa sentença estava praticamente destinada a todos os estudantes de Belas-Artes que não saíssem do país. “Éramos todos tidos como pessoas de mão firme, o que é verdade.” Trabalhar em minas e armadilhas era apenas um dos destinos possíveis. “Como além de tudo o mais já havia aquela consciência política de que a guerra não era minha, resolvi usar a minha condição de macaense e vir fazer a tropa aqui. Isso ajudou-me imenso, porque foi nessa altura,





depois da tropa, que fui convidado para fazer um painel para o Banco Comercial de Macau.” Era então o começo da carreira do artista. E também do professor de liceu, profissão que encetou em Macau. Em 1972, Conceição Júnior faz uma exposição de serigrafia no salão do Hotel Lisboa. “Nessa exposição o Stanley Ho comprou uma obra e tudo”, conta. Antônio estava de volta à terra e à casa do pai, de volta aos amigos. “O meu nome de Macau é Toninho. Foram ter com o meu pai e disseram ‘doutor, queríamos organizar um jogo de futebol para o Toninho jogar’. E ele disse ‘ele não joga futebol!’ [risos]. Para grande pena do meu pai... São estes anedotários e pequenas histórias que fazem as histórias das nossas vidas.”

A história da vida de António Conceição Júnior não haveria de assentar em Macau desta vez. O artista regressa a Lisboa em 1974, termina o curso em 1975, vive em Vila Franca de Xira, dá aulas em Alverca e publica um álbum de banda desenhada, *Vong Fei Hong*, onde emerge todo o seu imaginário oriental e o gosto pelas artes marciais. Em 1977 torna a casa. Macau passa a ser a morada permanente.

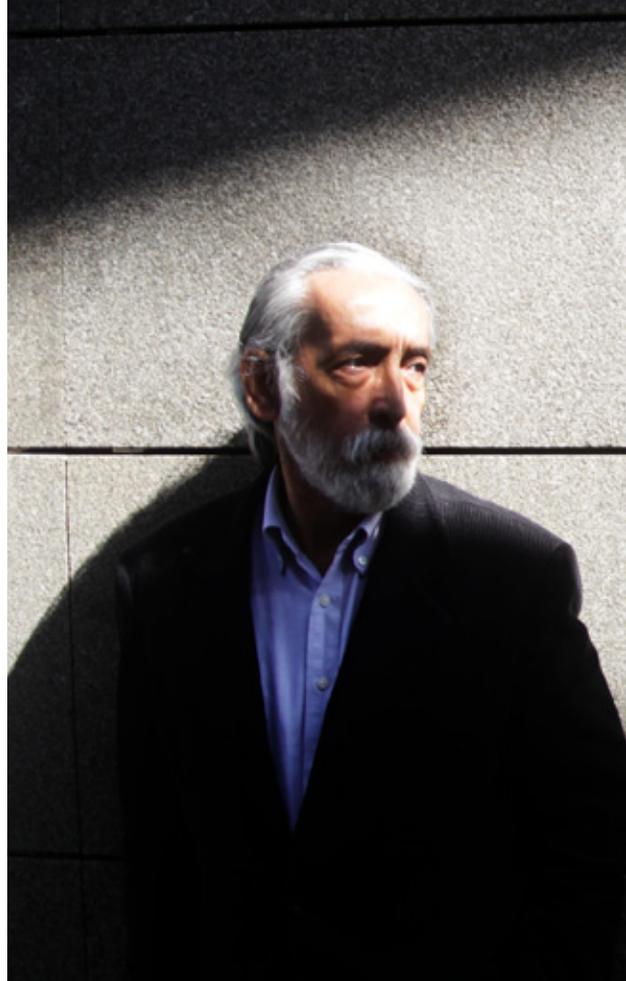
AGENTE CULTURAL

Conceição Júnior reencontra definitivamente a cidade que o viu nascer com 26 anos. Os braços – os tais que carregavam as telas – já vêm fechados, mas as ideias não. Muito rapidamente começa a ocupar cargos de política cultural. “Tinha vindo com algum cheiro. Os criativos são aqueles que sabem ouvir ou aprendem sem que lhes ensine. Não acredito que se ensine, acredito é que se pode aprender. Como professor achei sempre que o meu papel era abrir janelas, nunca ensinar no sentido de amestrar. Aprendi com o que vi.”

Garcia Leandro, o Governador de então, reconheceu essas características e chama-o para fazer uma leitura sobre o panorama cultural de Macau e apresentar propostas. “Eu já conhecia a minha terra e a coisa mais lógica que me ocorreu foi dizer-lhe ‘Oiça, o que é preciso é haver infra-estruturas mínimas’. O museu, como estava, e com o devido respeito pelo Luís Gonzaga Gomes, que foi sobretudo um missionário, não chegava. Então proponho a criação de um Centro Cultural.”

Em 1978, com apenas 27 anos, torna-se director





do Museu Camões, na Casa Garden, onde é hoje sede da Fundação Oriente. Conceição Júnior deposita aí as suas energias, organiza exposições, pede mais apoios. Uma década depois o museu é encerrado. Estávamos em 1988, Carlos Melancia era o Governador e decide propor a António Conceição Júnior o cargo de assessor para a Cultura e a responsabilidade de “dar os passos necessários rumo à implementação do Complexo Cultural de Macau”, nomeando-o coordenador de um gabinete com esse propósito.

O artista, nesta fase já experimentado na gestão cultural, propõe que a nova infra-estrutura seja “o ancoradouro visual de Macau, à semelhança da Ópera de Sidney”. “Era exactamente onde está agora a [estátua da] deusa Kun Iam. Tudo o que o Governo tinha de fazer era conceder a possibilidade de construir naquela zona. Estava-se também a construir o aeroporto e na altura pensava-se que Macau seria um centro de congressos. Pegando nessas vertentes, a ideia era um centro único, dotado de um hotel de mil quartos, um grande centro comercial (não havia nenhum

e a zona de centro cultural, onde haveria uma escola de artes e poderiam decorrer congressos.” A ideia acabou por não avançar nestes moldes, para pena de Conceição Júnior, que queria a burocracia ao serviço da cultura e não o oposto. “Foi-me dito que tinha a tendência para ser megalómano e a resposta que dei foi que não se faz um Centro Cultural para menos de 50 anos. A verdade é que no que toca a museus o actual Centro Cultural está já a rebentar pelas costuras”, comenta.

COM ESTILO

Em algumas fotografias antigas, as barbas de António Conceição Júnior fazem lembrar as de Camilo Pessanha. Mas o homem que hoje é consultor artístico do Museu de Arte de Macau – e curador pontual de várias exposições – sempre cuidou bastante mais da imagem que o poeta que aos poucos (e aos muitos) se foi entregando ao ópio, enquanto construía o monumento literário que hoje conhecemos.

“A moda surge mais ou menos no tempo em que



namorei e depois casei com a minha mulher.” É em Macau que António conhece Helena e se apaixona sem data de validade. “Como ela sempre foi muito bonita e elegante, achei que era a pessoa indicada para eu desenhar umas coisas. Íamos muito à Tailândia, eu comprava sedas e em 1985, ano em que o Kico [António Conceição, filho do casal] nasceu, tive a minha própria ‘gravidez’, que era uma alfaiataria com um alfaiate trazido de Portugal. Chamava-se Classic Harmony.”

A casa foi um sucesso. O alfaiate vindo da metrópole era bom mas quis passar a perna aos sócios, entre eles Conceição Júnior, e o negócio durou pouco. “Com grande tristeza minha. Só que nessa altura já eu tinha aprendido muita coisa”, diz.

Em 1990, aplica esses conhecimentos e estreia-se como criador de moda com a colecção Rota do Oriente, apresentada na inauguração da Missão de Macau em Lisboa. “Decidi fazer aquilo que eu era – todas as viagens imaginárias. Entendo que Macau é uma encruzilhada, não só

de culturas, como muita gente diz, mas também um local onde se cruzam todas as ficções possíveis.” António Conceição Júnior estava já a desenhar a sua utopia pessoal.

A colecção tem sucesso e seguem-se aparições em Bruxelas, Macau, Pequim, Dalian. O criador de moda A. Cejunior, designação que adoptou, chega mesmo a receber o título de consultor honorário de moda nestas duas cidades da China Continental.

O percurso deste homem, também fluente em cantonês, continua em diferentes áreas de intervenção, com inúmeras exposições, curadorias, a direcção artística do Festival das Artes local, a representação de Macau num número significativo de eventos internacionais e noutras iniciativas listadas no seu site pessoal (www.arscives.com/25anos).

MIL FACETAS

António Conceição Júnior é isto: um homem que, sereno, fala sobre como as roupas de Clint Eastwood nos *westerns* de Sergio Leone



acabaram por influenciar inconscientemente a sua primeira colecção de moda. E um homem que no momento seguinte está de pé, com uma espada na mão – desenhada por si – e exemplifica alguns golpes.

Tanto as espadas – que desenha e continua a vender online – como o Aikido são duas paixões que, parecendo à partida munidas de uma dose de agressividade, valem sobretudo pela carga espiritual. “O Aikido é a primeira das revelações espirituais que tive e que têm vindo a suceder-se. Ele não oferece uma perspectiva meramente da técnica pela técnica, mas sim uma filosofia subjacente. Quando nós nos esvaziamos da emoção, aí estamos a praticar Aikido, ou *zen* ou o que se quiser. É isso que importa, não é atirar ninguém ao chão”, ressalva.

Esporadicamente Conceição Júnior, que terminou o seu percurso na função pública de Macau em 1998, ainda continua a praticar esta arte marcial. Mas os dias são hoje mais passados entre a criação artística, a família e alguns *hobbies*. “O meu passatempo favorito é jogar bilhar, sempre na sequência do meu pai. Ele ensinou-me, eu ensinei o meu filho e todos nós somos antónios”, ri-se.

A mulher e os filhos, António (Kico) e Beatriz, são os pilares da vida deste homem que escolheu retirar-se um pouco da cena pública no dia-a-dia – apesar de continuar a ter aparições várias em eventos artísticos – para seguir o caminho que idealizou. “Tenho alguma liberdade temporal, e o dia-a-dia em família é passado naquilo que muita gente não compreende, e que a minha mulher também não: habituei-me a desenhar a ‘ouvir’ filmes. Consigo estar nos dois sítios, no filme e no desenho.” Além do desenho, Conceição Júnior tem pintado “esporadicamente” e recentemente lançou em Macau e também em Lisboa um livro de crónicas, “Conversas do Chá e do Café”.

“Vou fazendo várias coisas ao mesmo tempo, não consigo fixar-me numa. Para mim é redutor, também por razões de instinto, porque acho que tudo está ligado e é transversal”, atira. E esta pode muito bem ser a frase que lhe resume o perfil multifacetado, que ainda não acabou.

É que, além de tudo isto, Conceição Júnior deitou

ainda mãos à tarefa de revitalizar o Sporting de Macau, associação desportiva que teve na direcção, nos anos 50, o seu próprio pai e que há dois anos ganhou novo fôlego. A equipa de futebol de matriz portuguesa disputa agora a terceira divisão de Macau, mas o presidente do clube não quer ficar apenas pela bola e espera ver os associados a praticarem boxe e bilhar.

PAZ INTERIOR

“Sou um tipo que às vezes pode parecer difícil”, diz Conceição Júnior. Mais à frente, depois de nos falar de afectos e de como são eles “a grande argamassa para tudo”, diz que mentiria se dissesse que é 100 por cento feliz. “Eu não acredito muito na felicidade, além do amor pelos meus, acredito mais na paz interior – e essa tenho. Agora, felicidade tenho porque nunca fiz mal a ninguém, procurei sempre fazer o bem. Quando preciso de falar grosso, falo grosso e pronto.” O autor refere várias vezes a cidadania, idealiza a participação de todos nas sociedades. “Ainda continuo, aos 60 anos, a ter uma certa dose de quixotismo, de noção de cidadania, sobretudo no que toca a injustiças. A qualidade de vida também passa pela liberdade de cada cidadão poder contribuir para a cidade no tempo e na forma que melhor desejar.”

Afecto e utopia são então chaves para compreender o universo de Conceição Júnior. O grande segredo em Macau, nota, “é conseguir edificar a utopia e para isso é necessário retirar-nos de cena”. É o preço que se paga, avalia o artista. “Quem não aparece esquece, mas não busco nada senão o mínimo para a sobrevivência, com dignidade. Prefiro passar tranquilamente os dias.”

Com seis décadas de vida cumpridas, diz que se por um lado o corpo já não responde tanto como esperaria, por outro sente-se afortunado por manter “uma juventude de espírito e até ainda uma certa inocência” perante as coisas.

“Talvez tenha plantado algumas coisas na vida. Não árvores, mas outras coisas. As pessoas que se encarreguem de as fazer crescer”, delega António Conceição Júnior. O afecto, reforça, será sempre o melhor de todos os fertilizantes.



Foto: Antónia Mil-Homens

NADA TENHO DE MEU, UM CADERNO DE VIAGEM

Um caderno de viagem em que a caneta-tinteiro e uma resma de papel de carta são substituídas por uma Canon 5D com uma lente 24-77 mm. O mais recente projecto de Miguel Gonçalves Mendes, autor do documentário sobre José Saramago *José e Pilar*, leva o realizador português e os escritores brasileiros João Paulo Cuenca e Tatiana Salem Levy numa longa viagem pelo Sudeste Asiático. *Nada tenho de meu* é um poema visual, que começa aqui, em Macau

Texto: Catarina Domingues

优越会
PRIVILEGE CLUB

É EM MACAU QUE INICIA ESTE NOVO PROJECTO. PORQUÊ AQUI?

Eu fui convidado para participar no Festival Literário de Macau com a projecção do meu último filme *José e Pilar*. Nessa altura soube que os escritores brasileiros João Paulo Cuenca e Tatiana Salem Levy estariam presentes e então pensei que seria interessante fazer uma espécie de diário de viagem, quase à semelhança daqueles diários do século XIX, mas em vídeo.

O GUIÃO DO FILME VAI TOMANDO FORMA AO LONGO DA VIAGEM?

Sim. Vai ser uma série online, onde queremos mostrar o encontro de três criadores lusófonos com uma realidade que é próxima e, ao mesmo tempo, distante. No fundo queremos tentar perceber como é que se vêem em termos identitários, em confronto com uma cultura que lhes é alheia. Todas as civilizações constroem-se sobre as ruínas das outras civilizações, por isso há uma espécie de assimilação constante. Penso que no fundo Macau é um reflexo disso mesmo, de uma cultura milenar chinesa com a cultura portuguesa e, de repente, com uma cultura da actualidade absolutamente global.

DAQUI PARTEM PARA ONDE?

O ponto de partida é Macau e a ideia depois seria seguir por uma viagem pelo Camboja, Vietname e Tailândia. O projecto está dividido por vários capítulos, que irão ser colocados online nos jornais O Globo e Público. A ideia é que numa fase posterior dê um filme.

COMO PENSA MATERIALIZAR O PROJECTO EM VÍDEO?

Há aqui, naturalmente, um grande peso da escrita. A ideia é tentar que eu, através da montagem, consiga manter os mecanismos narrativos que o escritor faz na escrita do seu livro. Daí surgiu a ideia que cada episódio na montagem fosse o trabalhar de uma figura de estilo, como a metáfora, eufemismo, repetição ou clímax. É uma ideia simples, mas acho que pode funcionar.





Foto: Susana Paiva

O PROJECTO CHAMA-SE NADA TENHO DE MEU, RETIRADO DE UMA CARTA DE CAMILO PESSANHA, QUE VIVEU EM MACAU. UMA REFERÊNCIA PARA SI?

Camilo Pessanha apaixonou-se por Ana Castro Osório, não conseguia viver em Portugal e veio para Macau destruir-se, morrer, apesar de ainda ter vivido 20 anos. É um poeta absolutamente fabuloso. Também acho impressionante a forma como Wenceslau de Moraes, que viveu aqui e no Japão vários anos, olhou o Oriente. Acho que o mundo ocidental não quis perceber o mundo oriental e sempre olhou de forma exótica e sobranceira para ele. Acho interessante que tenham sido estes autores que acabaram por perceber melhor a cultura chinesa, apesar de serem uns incompreendidos no país de origem.

NÃO TEME QUE ESTE SEJA TAMBÉM UM REGISTO SUPERFICIAL, JÁ QUE TEM TÃO POUCO TEMPO?

Será sempre um registo superficial. Penso que não existem verdades universais e isto será sempre o nosso ponto de vista sobre uma determinada realidade. Mas o filme não é só sobre Macau, Vietname ou Camboja, é um filme sobre aquilo que estamos à procura na vida real e esperamos que não seja egocêntrico. O nome *Nada tenho de meu* tem sobretudo a ver com isso, com o facto do ser humano ter de uma vulnerabilidade extrema, não ter nada, mesmo em termos de referências temporais ou geográficas, tudo é uma incógnita, porque no dia de hoje vives em Macau, e não sabes onde viverás amanhã. Portanto, será um registo superficial? Provavelmente sim, mas será que para os portugueses que viveram cá durante 10 ou 20 anos e que nunca aprenderam cantonês ou mandarim é uma realidade mais profunda a que conheciam? Duvido.

NO CINEMA, MACAU FOI POR VÁRIAS VEZES UTILIZADO COMO CENÁRIO, EM PARTE DEVIDO A ESSE EXOTISMO. CONCORDA QUE TEM VALOR VISUAL?

É um espaço cinematográfico incrível. Visualmente é das cidades mais ricas que conheço e aí voltamos à questão da contemporaneidade misturada com um lado quase ancestral, que Macau continua a manter, apesar das pessoas acreditarem que não. Eu, pelo contrário, considero quase um

milagre perceber que determinados resquícios da cultura portuguesa continuam a existir.

E QUAL É A VOSSA RELAÇÃO COM MACAU?

O João Paulo e a Tatiana estão pela primeira vez em Macau e estão fascinados com esta espécie de novo mundo. Eu tenho uma relação mais próxima. Em criança, a minha mãe era para ter vindo para Macau, o que acabou por não acontecer. Fiquei sempre com isto na cabeça, a imaginar o que seria. Com 20 anos, quando recebi o meu primeiro ordenado, decidi vir a Macau e assistir à transição. Vim com duas semanas ainda sob a administração portuguesa e duas com administração chinesa. Escrevi um diário à época e vivi uma série de coisas bonitas.

ALGUMA VEZ PENSOU QUE VOLTARIA A MACAU PELAS MÃOS DA LÍNGUA PORTUGUESA?

Não saberia que voltaria a Macau pela língua, mas sabia que ia voltar porque não me esqueci de beber água da fonte do Lilau.

HOJE MACAU DEIXOU DE FAZER PARTE DA AGENDA DOS PORTUGUESES?

Tenho pena é que as pessoas não tenham curiosidade de saber, porque acho que a maior riqueza da vida são as diferenças e não aquilo que nos faz iguais. Quando falo em globalização, que tem coisas boas e vantajosas, também tenho medo que nos torne numa massa indistinta de seres humanos, porque para mim a riqueza é vir a Macau e não perceber o que está escrito naquele outdoor e querer perceber. Se calhar vou aprender aquela língua por isso.

MAS FOI ESSA GLOBALIZAÇÃO QUE PERMITIU QUE O FILME SOBRE O SARAMAGO CHEGASSE AOS QUATRO CANTOS DO MUNDO. É DIFÍCIL SUPERAR ESSE SUCESSO?

É diferente. As pessoas fazem as coisas porque querem, porque estão vivas, tão simples como isto. E quando eu fiz a Autografia, o documentário sobre o Cesariny, houve quem se questionasse se eu faria melhor. Uma vez uma amiga disse-me: “Já podes morrer porque já fizeste as duas obras da tua vida”. Eu espero não encarar as coisas assim, nós vivemos um processo de construção permanente.



O QUE TENHO DE MEU

Foi à porta do Outono que nasceu. Na Covilhã, em Portugal, em Setembro de 1978. Para Miguel Gonçalves Mendes, a Covilhã é pouco mais do que isso: o Outono e talvez a Torre, lá ao longe, construída por D. João VI. Sem ela, a Serra da Estrela não atingiria os 2000 metros de altura. Talvez já nessa altura não soubesse como viver longe do mar. Com dez anos mudou-se para Olhão e com 18 para Lisboa, onde passou pelo curso de Relações Internacionais, depois por Arqueologia, acabando por terminar a licenciatura em Cinema.

Entre trabalhos como actor e encenador, Miguel Gonçalves Mendes fundou em 2002 a JumpCut, produtora que desenvolve actividades nas áreas do teatro e do audiovisual. Para a tela de cinema passou *D. Nieves*, documentário sobre a Galiza, a *Autografia*, sobre o poeta e pintor surrealista Mário Cesariny, as obras de ficção *A Batalha dos Três Reis* e *Floripes*, além das curtas *Zarco* e *Curso de Silêncio*.

O cineasta não consegue precisar o momento em que os livros de José Saramago apareceram na sua vida, se desde os tempos da Beira Baixa ou do Algarve. Mas foi mais tarde, em 2001, que se encontraram pela primeira vez, quando o escritor português gravou um testemunho para o documentário *D. Nieves*. A ligação ficou para sempre.

BOBBY MCFERRIN (EUA)

Já gravou clássicos de jazz e música erudita, trabalhou com Chick Corea, Herbie Hancock e Richard Bona. Sobe ao palco e canta e toca temas pop, blues ou R&B sem qualquer instrumento. Em casa guarda dez prêmios Grammys, um deles conquistado pelo tema que o imortalizou, *Don't worry, be happy*. Já lá vão 14 anos. Para trás já iam cinco dos 21 álbuns que lançou até hoje, sozinho e acompanhado. Entretanto formou o conjunto Voicestra, com 12 vocalistas a *cappella*, com quem gravou, entre outros, *Medicine Music*; mas também conduziu orquestras e filarmônicas, de Nova Iorque, onde vive, a Viena e Londres. Nos concertos, só se pode esperar o inesperado. A começar pelo idioma, que pode ir do árabe ao zulu, passando pelo latim. A regra é o improvisado, que inclui a combinação de peças clássicas com improvisações vocais e imitação de instrumentos, que além dos palcos leva a salas de aula um pouco por todos os Estados Unidos, através de programas educativos. Além de interpretar temas da sua autoria, gosta de envolver o público nos concertos cantando arranjos de diferentes estilos musicais, de *Black Bird* de John Lennon e Paul McCartney a um *Ave Maria* de Bach. O disco mais recente é *VOCAbuLarieS* (2010), que demorou sete anos a produzir porque contém nada mais do que 1400 faixas vocais gravadas por mais de 50 cantores, individualmente ou em pequenos grupos, montados de forma a criar um coro virtual. Senhoras e senhores, o *one-man show* Bobby McFerrin está a caminho de Macau.

6 de Março
Grande Auditório, Centro Cultural de Macau

CHUANYUN LI, PERSONIFICAÇÃO DO VIRTUOSISMO

Também conhecido por Babeli, Chuanyun Li tem 32 anos e começou a estudar violino aos três. É um dos mais prometedores e respeitados jovens artistas da sua geração na China, um virtuoso que venceu o primeiro prémio em Pequim quando tinha apenas cinco anos. Protagonista do filme *Together*, de Chen Kaige, é muitas vezes considerado o violinista profissional mais jovem do mundo. Vai provar o talento em Macau com um Concerto para Violino de Tchaikovsky, uma sinfonia n.º 86 em Ré Maior de Haydn e uma sinfonia n.º 8 em Sol Maior de Dvorak.

9 de Março
Grande Auditório, Centro Cultural de Macau

TEATRO MULTIMÉDIA, PLANETA AZUL

Através de imagens em alta definição e manipulação visual, a biodiversidade do planeta Terra é a grande protagonista deste espectáculo multimédia ecológico sobre a responsabilidade pela deterioração do planeta. Através das tecnologias concebidas e realizadas pelo realizador Peter Greenaway (*O Cozinheiro, o Ladrão, a Mulher e o Amante Dela*, 1989) a encenadora Saskia Boddeke e o músico Goran Bregovic, conhecido pela composição dos temas dos filmes de Emir Kusturica, Planeta Azul foi originalmente concebido para a Expo 2008 de Saragoça, Espanha. Começa por reinventar o episódio bíblico O Grande Dilúvio, presente tanto em culturas ocidentais como asiáticas. Produzida pela Change Performing Arts, companhia independente sediada em Milão, está marcada para dia 4 de Abril às 20h00 no Grande Auditório do Centro Cultural. É falada em inglês, com legendagem em chinês.

4 de Abril
Grande Auditório,
Centro Cultural de Macau

CONCERTO SINFONIETA DE HONG KONG, A MAGIA DAS BANDAS SONORAS

Lembra-se da marcha de Mickey com a vassoura enfeitiçada em *O Aprendiz de Feiticeiro*? E da canção que a Pequena Sereia canta enquanto desabafa as mágoas com o caranguejo Sebastião no fundo do mar? São alguns momentos que fazem parte do imaginário dos desenhos animados da Disney que atravessaram gerações. Além de *O Aprendiz de Feiticeiro* e *A Pequena Sereia*, a maestrina Yip Wing-sie vai dirigir a Sinfonietta de Hong Kong pelas bandas sonoras originais dos filmes *A Bela e o Monstro*, *Piratas das Caraíbas*, *Aladino*, *A Nova História de Encantar* e *O Rei Leão*. O espectáculo multimédia, com as imagens dos filmes projectados no grande ecrã e orquestradas ao vivo, tem cerca de 120 minutos e é pensado para um público de todas as idades.

7 e 8 de Abril
Grande Auditório,
Centro Cultural de Macau

EU AINDA TE AMO – YOLANDA HAO KOG

A ilustradora formada em Design de Moda pela Universidade do Sul da China volta a expor no Armazém do Boi. Yolanda já trabalhou em moda, grafismo, pintura e design. Vive em Macau há quatro anos e começou a escrever e desenvolver o talento para os trabalhos manuais há três. *Quatro Gatos e Mãos Interessantes* são as duas séries de obras que fez até agora. A paixão por felinos estende-se da produção artística ao trabalho no espaço de acolhimento Meow Space. Em 2009 exibiu o trabalho de ilustração *Lenda da Mulher Gato*. Cora See é a curadora da exposição.

Até 25 de Março
Armazém do Boi, Macau

UMA DANÇA ARROJADA – O FESTIVAL DO DRAGÃO EMBRIAGADO EM MACAU

Festa emblemática de Macau, o Festival do Dragão Embriagado foi inscrito na lista do Património Cultural Imaterial de Macau em 2009 e na lista do Património Cultural Imaterial Nacional no ano passado. A exposição mostra a origem e o valor histórico e cultural do evento através de objectos cerimoniais, fotografias históricas, vídeos e relíquias culturais repartidas por quatro secções - Visão Geral, História, Festival do Dragão Embriagado e Herança. Também há um espaço dedicado às 11 criações artísticas de vários estudantes de Macau relacionadas com o evento, e feitas com diferentes materiais e técnicas.

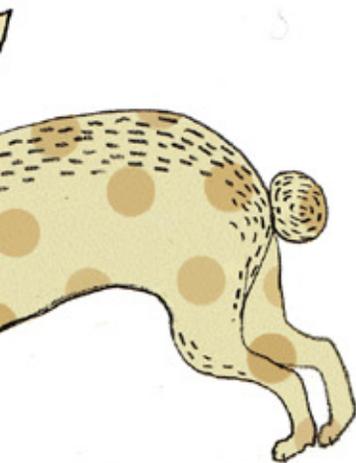
Até 15 de Abril, Museu de Macau



HEROES - JUSTIN CHIANG CHIN PANG

Partindo do conceito de herói como subjectivo, Justin Pang desenvolveu alguns trabalhos baseados na ideia de que em muitas bandas desenhadas e histórias animadas o herói é aquele que ajuda os outros a escapar do perigo, o que, no fundo, faz da personagem “um apoio psicológico criado na mente das pessoas”. Conclusão: “Toda a gente é um potencial herói para alguém”. Justin Chiang Chin Pang é licenciado em Artes Visuais pelo Instituto Politécnico de Macau e o seu trabalho artístico divide-se entre áreas distintas como a pintura a óleo, gravura, escultura e a fotografia. Exibiu pela primeira vez em Macau em Março de 2009 a colecção *Endless*, e desde então já participou em mostras no Interior da China e Taiwan.

23 de Março a 14 de Abril, Creative Macau



SOUL OUT! - FORTES PAKEONG SEQUEIRA

O nome dispensa apresentações aos mais atentos à cena artística local. Originalidade e improviso são as palavras que mais ordenam quando se trata do trabalho do jovem artista que gosta de combinar o desenho, a música e a performance para se expressar. Célbre pela pintura em tempo real, Pakeong abre o ano com novos trabalhos e novidades técnicas. Particularmente pessoal e intimista, nesta mostra o artista surpreende com a cor e a instalação com um projecto de som associado. Sons que recuam à infância e transformam a arte em catarse, a juntar a pintura de objectos do quotidiano da mesa, à cadeira, banheira e a velha *scooter*.

**AFA Macau, Macau
Até 3 de Abril**



NOSTALGIA REFRESCADA: MACAU ANTIGO + NOVOS MÉDIA

Esta exposição fotográfica documental mistura a realidade com a interpretação artística dessa mesma realidade. A primeira parte inclui 200 fotografias de cenas da Macau antiga, desde os cenários mais emblemáticos como as Ruínas de São Paulo, aos mais quotidianos nas ruas tradicionais e portos. Os trabalhos são assinados por alguns dos fotógrafos mais experientes de Macau. Na segunda parte, oito artistas também locais exibem a sua interpretação criativa da velha Macau através de material multimédia interactivo, instalação de animação, vídeo, teatro, dança e outras técnicas.

**Museu de Arte de Macau
Até 1 de Abril**

NO AMÁ

Nancy Vieira

É o sucessor de *Lus* (2007) e o regresso da melancolia da morna à alegria da coladeira que caracterizam o povo cabo-verdiano na voz doce de Nancy Vieira. Do inédito *Em Cigana de Curpin Ligante*, da autoria de Manuel de Novas, à coladeira que aparece à moda dos velhos trovadores e tocadores de violão, o disco conta com as guitarras de Rolando Semedo e Vaisse Days, o baixo de Costa Neto e a percussão de Jair Pina. Os arranjos são do produtor Nando Andrade. *No Amá* comunga a composições de autores clássicos como B. Léza, Eugénio Tavares, Amândio Cabral e Mário Lúcio com jovens autores como Rolando Semedo, Tó Alves ou Tutin d'Giralda. É o quinto disco de Nancy Vieira, depois de *Nós Raça* (1995), *Segred* (2004), *Pássaro Cego* (2009), com Manuel Paulo, e *Lus*. De origem cabo-verdiana, mas nascida em 1975 na Guiné-Bissau e residente em Portugal, a cantora, considerada uma das herdeiras da recentemente falecida Cesária Évora, passou recentemente por Macau para um concerto integrado no cartaz do Festival Literário de Macau - A Rota dos Livros.

Harmonia / Lusáfrica, 2011

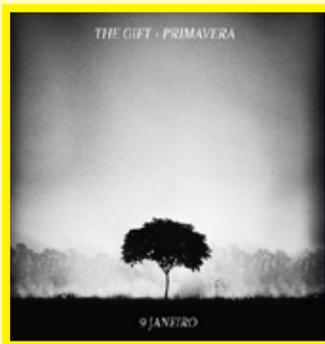
PRIMAVERA

The Gift

Foi apresentado na rede social Facebook e disponibilizado online antes de chegar às lojas no final de Janeiro. *Primavera* sucede a *Explode* (2011) e é o sexto álbum da banda portuguesa de Alcobça. Longe vão os tempos de *Ok, Do You Want Something Simple?* que lançou Sónia Tavares, Nuno Gonçalves, John Gonçalves e Miguel Ribeiro para a ribalta. Já lá vão 14 anos. O novo disco foi gravado no final do ano passado, ao longo de dez dias, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa. Foi “pegar nas melodias que há muito existiam mas que o tempo ou a ausência de tempo as fizeram esperar”, disse Nuno Gonçalves. São 12 canções novas que abriram caminho para

uma grande digressão ibérica no início do ano, onde a cor continua a ser predominante, mas que passou dos tons vivos *Índia Style* de *Explode*, ao preto e branco.

La Folie, 2012



EM BUSCA DAS MONTANHAS AZUIS

Fausto

Com o novo álbum duplo, Fausto Bordalo Dias encerra a trilogia *Lusitana Diáspora* iniciada em 1982 com *Por Este Rio Acima*, e continuada em 1994 com *Crónicas da Terra Ardente*. Um projecto baseado nas viagens relatadas na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, primeiro focado no fascínio do mar, da água, depois aproximando-se da terra. Um discorrer sobre a epopeia dos descobrimentos portugueses, que culmina com a incursão dos portugueses no interior do continente africano neste *Em Busca das Montanhas Azuis* e foi directo para o top de vendas em Portugal logo na primeira semana de lançamento, e pela primeira vez na carreira de Fausto. O reconhecimento de um percurso único no universo musical português, marcado pela estilização da rítmica tradicional portuguesa complementada com poesia. "A conclusão

do tríptico reforça a importância máxima da criação de Fausto. Não só num formato de retrospectiva da história de Portugal, mas incidindo muito profundamente no tempo presente e nas relações mantidas entre Portugal e o continente africano, num momento de reflexão sociológico, musical e político que sempre fez caso do código de composição de Fausto Bordalo Dias", lê-se num comunicado da editora.

Universal, 2011

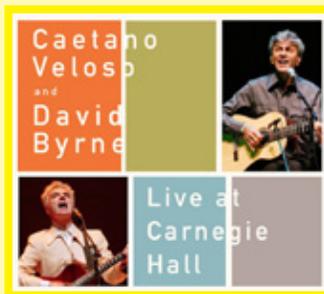
CAETANO VELOSO & DAVID BYRNE LIVE AT CARNEGIE HALL

Caetano Veloso e David Byrne

O que é que Veloso e o ex-líder dos Talking Heads têm em comum? Uma amizade antiga, um concerto e agora um disco. Quem não pôde estar no Carnegie Hall de Nova Iorque em 2004 pode agora descobrir a química entre o músico brasileiro e o homólogo britânico através do disco. *Caetano Veloso & David Byrne Live at Carnegie Hall* inclui temas de ambos, inclusive Talking Heads. *Road to Nowhere* é a 13.^a canção no alinhamento, que começa com *Desde que o samba é samba é assim* e uma sequência a solo de Caetano Veloso. Byrne entra para cantarem juntos

The Revolution e depois fica sozinho a cantar algumas das suas. Os dois voltam a juntar-se para *Dreamworld: Marco de Canavesses, Um Canto de Afoxé para o Bloco do Ilé, (Nothing But) Flowers, Terra e Heaven*. A acompanhar os músicos estão o violoncelista Jaques Morelenbaum e o percussionista Mauro Refosco.

Nonesuch Records, 2012



TIAGO NA TOCA E OS POETAS

Tiago Bettencourt

O mais recente projecto de Tiago Bettencourt, 33 anos, reúne poemas musicados pelo músico português no Verão de 2008, entre os álbuns a solo *Jardim* e *Em Fuga*. Neste *Tiago na Toca e os Poetas*, que surge acompanhado de um livro ilustrado por Mário Belém, Bettencourt canta poemas de autores portugueses como Florbela Espanca e José Carlos Ary dos Santos, na companhia de amigos como Fernando Tordo (com quem canta precisamente *Cavalos à Solta*), Carminho



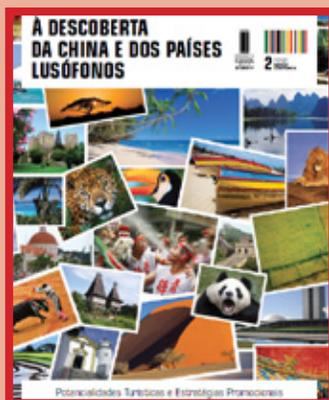
e Camané. Também canta poemas de Sophia de Mello Breyner Andersen, Alexandre O'Neill, Fernando Pessoa e David Mourão Ferreira. Segundo o próprio autor, é um projecto diferente dos outros, tanto dos dois álbuns a solo como os que fez com o projecto Toranja. "É um álbum discreto, sereno, como um segredo", diz Bettencourt numa nota de apresentação do trabalho que prefere ver como "um objecto único, limitado, especial" do que apenas um mero álbum de música. Cada poema vem acompanhado de um texto escrito pelo músico, com o relato de cada gravação, e há ainda um prefácio escrito pelo pai do cantor. Os lucros das vendas de *Tiago na Toca e os Poetas* reverterem a favor da Associação Ajuda-me a Ajudar.

EMI/metrónomo, 2011

À DESCOBERTA DA CHINA E DOS PAÍSES LUSÓFONOS - POTENCIALIDADES TURÍSTICAS E ESTRATÉGIAS PROMOCIONAIS

Instituto Internacional de Macau

É o segundo volume da colecção *Novos Caminhos*, elaborado por uma equipa de dez colaboradores do grupo de media Macaulink, sob coordenação do director executivo do grupo, Gonçalo César de Sá, e o presidente do Instituto Internacional de Macau, Jorge Rangel. O objectivo do volume de cerca de 300 páginas com ilustrações é identificar as potencialidades e principais atracções turísticas da China, Macau e países lusófonos, bem com as estratégias promocionais utilizadas. Como sector vital da actividade económica do território, o turismo assume o papel de gerador de riqueza, promoção do bem-estar social e incentivo ao emprego, ao mesmo tempo que contribui para o reforço da imagem externa e valorização do património cultural e natural. O livro dá ao leitor conhecimento geral, que inclui as atracções turísticas chinesas numa altura em que o país conhece um rápido crescimento, ganha espaço no contexto internacional e desenvolve relações de cooperação com os Países de Língua Portuguesa..



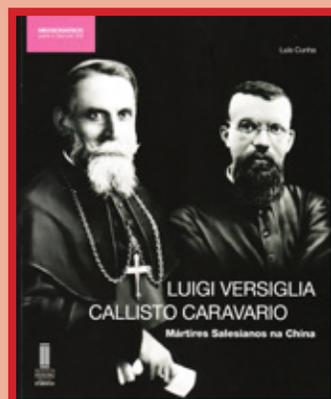
P. BENJAMIN VIDEIRA PIRES, MEU IRMÃO, P. FRANCISCO VIDEIRA PIRES E LUIGI VERSIGLIA E CALLISTO CARAVARIO - MÁRTIRES SALESIANOS NA CHINA

Reverendo Padre Luís Sequeira, S. J.

Instituto Internacional de Macau

São os volumes IV e V da colecção *Missionários para o Século XXI*. Uma colecção que já tem volumes dedicados aos padres Lancelote Rodrigues, Joaquim Angélico Guerra e Mário Acquistapace. Luigi Versiglia e Callisto Caravario eram ambos salesianos italianos e foram missionários na China nas primeiras décadas do século XX. Foram mortos na China nas décadas iniciais do regime republicano

e declarados mártires pelo Papa Paulo VI em 1976. Já o padre Benjamim Videira Pires desdobrou-se em iniciativas de apostolado, alta cultura, educação, ensino, escrita e construção de uma instituição escolar. O livro relata o percurso de vida do sacerdote natural de Bragança, pela pena do irmão Francisco Videira Pires. É a continuação de uma série de homenagem aos missionários que terão contribuído para a afirmação e consolidação de Macau.



O RETORNO Dulce Maria Cardoso Tinta da China

O novo romance da autora transmontana inaugura a colecção de ficção portuguesa da editora Tinta da China. Dulce Maria Cardoso escreve sobre os retornados que conhece. É, como a escritora refere, “uma proposta de reflexão sobre a perda, sobre o que terá sido o colonialismo, nas suas raízes mais subterrâneas”. A autora de *Campo de Sangue* (2002), *Os Meus Sentimentos* e *Os Chão dos Pardais* (2009)

narra agora uma história localizada que começa na Luanda de 1975. Época em que a descolonização instiga ódios e guerras, os brancos debandam e em poucos meses chega a Portugal mais de meio milhão de pessoas. Dulce foi uma dessas pessoas. Mas em *Retorno* conta outras histórias. A história de Rui que tem 15 anos e durante mais de um vive com a família num quarto de um hotel de cinco estrelas cheio de retornados. Uma espécie de “purgatório” sem salvação garantida. Vencedora do prémio da União Europeia para a Literatura, Dulce Maria Cardoso diz que “nunca deixou de ser uma retornada”. Este é o livro que transforma esse sentimento em literatura.

A PRIMEIRA DERROTA DE SALAZAR - GOA, 1961.

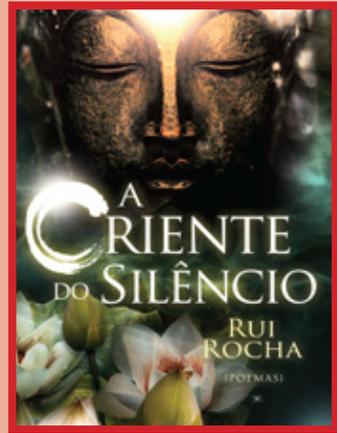
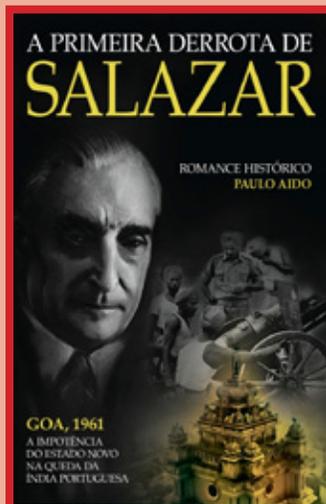
A IMPOTÊNCIA DO ESTADO NOVO NA QUEDA DA ÍNDIA PORTUGUESA

Paulo Aido

Zebra Publicações

É a estreia de Paulo Aido na ficção. O jornalista recua 50 anos na história e acompanha os acontecimentos e peripécias dos últimos dias antes da queda da Índia portuguesa às mãos de Pandit Nehru, líder da União Indiana, na altura

em que Salazar era presidente do Conselho de Ministros. É o sétimo livro de Aido, jornalista com percurso trilhado na televisão, rádio e imprensa de Macau nos anos 80, e fundador do jornal *Ponto Final*. A narrativa do sucessor de *Em Nome do Pai*, compilação de trabalhos publicados no jornal *Voz da Verdade*, do Patriarcado de Lisboa, arranca em 1961. Uma hospedeira de bordo, um jornalista e um agente secreto da PIDE embarcam num avião rumo à Índia com os destinos condenados a cruzarem-se. Acompanha os eventos em Goa nos dias do fim desta colónia portuguesa, leva o leitor aos bastidores da política em Portugal e às decisões de Salazar e dos seus ministros, à impotência de Vassalo e Silva, o general obrigado a desobedecer a Lisboa para salvar os seus soldados e a própria cidade de um holocausto, até à invasão que acaba com um domínio de 450 anos.



A ORIENTE DO SILÊNCIO

Rui Rocha

Esfera do Caos

Mais uma estreia, a do actual director do Instituto Português do Oriente na poesia. O livro “roubado” da gaveta do autor e publicado em Janeiro nasceu de uma paixão pelas tradições poéticas orientais. Da poesia da dinastia Tang, na China (618-907), à poesia haiku, que surge mais tarde no Japão, são “registos do instante” divididos em seis capítulos independentes entre si, onde não faltam referências a artistas de eleição do autor, como o pintor chinês Wang Wei e o poeta português Fernando Pessoa. Lê-se na introdução disponível no sítio online da editora que “é um relato sensível do aqui e agora do lugar (...) o estar que transcende a dimensão do texto, reservando um espaço para o silêncio entre as palavras, o tecido intersticial que afinal confere sentido ao próprio texto”.



O ISOLAMENTO NA PRAIA DE CACILHAS

No final do século XIX foram criados lazaretos (hospitais de isolamento) em várias partes de Macau, de forma a acolher as tropas portuguesas que chegavam com cólera contraída em viagem. O Lazareto de Dona Maria foi construído em 1897 e deve-se a Gomes da Silva (1853-1905), militar, médico, jornalista, escritor e botânico responsável pelos Serviços de Saúde. O local ficava perto da praia de Cacilhas, permitindo que os doentes fossem transportados dos navios para o hospital sem passarem pelo centro da cidade, evitando assim novos contágios.

MACAU 2011

LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2011** – Livro do Ano, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O **MACAU 2011** – Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O **MACAU 2011** – Livro do Ano, edições chinesa, portuguesa e inglesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios) ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong.





收藏

澳門郵票

COLECCIONE
SELOS DE MACAU
Collect Macao's Stamps



澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau



情牽心意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios

電話 Tel : (853) 8396 8513, 2857 4491
傳真 Fax : (853) 8396 8603, 2833 6603
電郵 E-mail : philately@macaupost.gov.mo
網址 Website : www.macaupost.gov.mo